

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIANE TARRAGÔ NASCIMENTO

CAIO FERNANDO ABREU? LI NO *FACEBOOK*.

Porto Alegre

2016

MARIANE TARRAGÔ NASCIMENTO

CAIO FERNANDO ABREU? LI NO *FACEBOOK*.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo

Porto Alegre

2016

MARIANE TARRAGÔ NASCIMENTO

CAIO FERNANDO ABREU? LI NO *FACEBOOK*.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 29 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo - PUCRS

Profa. Dra. Mairim Linck Piva – FURG

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena - PUCRS

Porto Alegre

2016

Dedico esse trabalho a Caio que fez com que eu me apaixonasse por literatura. O cara que me fez escolher Letras, que me motivou a prosseguir com os estudos e chegar até aqui, aquele que me ajudou a me entender e me aceitar.

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível graças ao incentivo e apoio das pessoas que fazem parte da minha vida, a elas meu agradecimento:

À minha mãe, meu pai e minha irmã que nunca duvidaram da minha capacidade de enfrentar desafios e estão do meu lado em cada um deles;

À minha esposa Beatriz por toda a parceria, incentivo e amor que me impulsionaram desde a graduação;

À minha amiga e orientadora Maria Tereza Amodeo, pela confiança, amizade, orientação detalhada e por me ensinar lições que não caberiam em uma dissertação;

À Capes pela bolsa de estudo que possibilitou o custeio do mestrado;

Às minhas amigas por compreenderem as minhas ausências nesses dois anos;

Assim, para onde quer que se volte, o escritor só encontra o *seu* saber, a *sua* vontade, os *seus* projetos, em suma, a si mesmo; nada atinge além de sua própria subjetividade; o objeto por ele criado está fora do seu alcance, ele não o cria *para si*. (SARTRE, 1989, p.36)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar duas páginas dedicadas ao escritor Caio Fernando Abreu no *Facebook*, a fim de observarmos de que maneira sua literatura aparece nessa rede. Interessa-nos, ainda, investigar a maneira como essa ferramenta tornou-se parte das nossas vidas e como, inegavelmente, modificou a maneira de consumir literatura, especialmente no que diz respeito ao escritor Caio Fernando Abreu. É justamente por esse aspecto que o estudo da aproximação do *Facebook* com a literatura nos parece promissor. Discutir seus usos na contemporaneidade e a maneira como ela, através do *Facebook*, modificou-se é o nosso foco de interesse. Uma vez que, ao compartilhar um trecho de uma obra, foge-se dos rituais convencionais de leitura (individual, solitário) pois, através da rede social, ela passa a ser compartilhada com inúmeras pessoas. Assim, considerar como a literatura interage com o social através da tecnologia e como a obra de Caio Fernando Abreu pode ser compartilhada são questões caras a nossa pesquisa.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. *Facebook*. Contemporaneidade. Leitura.

ABSTRACT

The present work intends to analyze two pages in the *Facebook* dedicated to the writer Caio Fernando Abreu, observing in what way his literature appears on the web. It's, still, important for us, inquire the way this tool became part of our lives and how, undeniably, it changed the way of consuming literature, specially with regards about the writer Caio Fernando Abreu. It's exactly for this feature that the study of *Facebook's* approach with literature seems promising. Discussing about his uses in the contemporaneity and the way it changed through *Facebook* is our focus of concerns. Once we share an art stretch, we ran away from the conventional reading's rituals (individual's, alone's), because, through the social net, it became shared with many people. So, considering as the literature interacts with the social through the technology and how Caio Fernando Abreu's work can be shared are rich questions to our research.

Key words: Caio Fernando Abreu. *Facebook*. Contemporaneity. Reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 05/07/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	54
Ilustração 2: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 05/07/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	55
Ilustração 3: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 30/06/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	57
Ilustração 4: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 28/05/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	58
Ilustração 5: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 30/04/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	59
Ilustração 6: Postagem grupo “Caio Fernando Abreu” 02/07/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	60
Ilustração 7: Postagem grupo “Caio Fernando Abreu” 26/06/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	61
Ilustração 8: Postagem do perfil “Caio Fernando Abreu” 14/06/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	64
Ilustração 9: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	70
Ilustração 10: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	71
Ilustração 11: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 04/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	73
Ilustração 12: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 12/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	75
Ilustração 13: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 16/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	75
Ilustração 14: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 23/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	77
Ilustração 15: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 25/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	78
Ilustração 16: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 26/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	79
Ilustração 17: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	80
Ilustração 18: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	82
Ilustração 19: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 05/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	83

Ilustração 20: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 06/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	84
Ilustração 21: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 08/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	85
Ilustração 22: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 13/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	86
Ilustração 23: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 14/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	87
Ilustração 24: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 15/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	88
Ilustração 25: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 17/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	89
Ilustração 26: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 18/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	91
Ilustração 27: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 20/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	92
Ilustração 28: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 28/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	92
Ilustração 29: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	95
Ilustração 30: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	97
Ilustração 31: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 03/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	98
Ilustração 32: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 20/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	99
Ilustração 33: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 29/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	100
Ilustração 34: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 18/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	102
Ilustração 35: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 09/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	103
Ilustração 36: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 17/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	104
Ilustração 37: Ilustração 77: Questão de concurso, assunto: Caio Fernando Abreu. Fonte: <i>Google</i>	105
Ilustração 38: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 08/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	106

Ilustração 39: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 19/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	107
Ilustração 40: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 23/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	108
Ilustração 41: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 24/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	109
Ilustração 42: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 25/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	110
Ilustração 43: Ilustração 86: Palavras-chave: Não importa a cor do céu quem faz o dia bonito. 27/12/2015. Fonte: <i>Google</i>	111
Ilustração 44: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 26/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	112
Ilustração 45: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 16/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	113
Ilustração 46: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 22/08/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	114
Ilustração 47: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 12/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	116
Ilustração 48: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 13/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	117
Ilustração 49: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 14/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	118
Ilustração 50: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 15/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	119
Ilustração 51: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 27/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	120
Ilustração 52: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 28/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	121
Ilustração 53: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 30/09/2015. Fonte: <i>Facebook</i>	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Postagens da página 2.....	94
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 CAIO FERNANDO ABREU E SUA TRAJETÓRIA.....	21
2 O EFEITO <i>FACEBOOK</i> E A LITERATURA DE CAIO FERNANDO ABREU: NOVAS POSSIBILIDADES.....	37
3 UMA LEITURA, VÁRIAS LEITURAS: CAIO NO <i>FACEBOOK</i>.....	53
3.1 PÁGINAS OU <i>FANPAGES</i>	53
3.2 GRUPOS.....	59
3.3 PERFIS	64
3.4 A OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU EM DESTAQUE.....	69
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	136

INTRODUÇÃO

No ano de 1995, a *internet* deixou de ser privilégio das universidades e das grandes empresas, universalizando-se e começando, assim, a também fazer parte do dia a dia dos brasileiros. Coincidentemente isso ocorreu um ano antes da morte do escritor Caio Fernando Abreu, que só começou a escrever em um *laptop* em 1994¹, buscando, de certa forma, sintonizar-se com as novas tecnologias da informática, sem suspeitar, contudo, de que, um dia, parte de sua obra estaria sendo disponibilizada por esses veículos.

As redes sociais², que hoje ocupam lugar de destaque quando o assunto é a maneira como a sociedade interage e se comunica, ganharam força nos anos 2000. A partir do seu uso crescente, o internauta tornou-se cada vez mais autônomo, no que diz respeito à interação e à comunicação, através da infinidade de meios a que agora tem acesso.

O *Facebook*, criado em 2004 por um jovem estudante no seu dormitório em Harvard, constitui-se, hoje, incontestavelmente, numa nova e revolucionária maneira de comunicação e relacionamento com o outro. Se inicialmente a intenção de Mark Zuckerberg, com apenas 19 anos, era permitir a conexão *on-line* entre pessoas que tinham contato fora da *internet*, o crescimento da empresa e a sua abrangência permitiram a conexão entre pessoas muito diferentes de todas as partes do mundo. Assim, hoje, dificilmente alguém pode ser cético a respeito do “poder” exercido pelo *Facebook*.

Trata-se de uma empresa avaliada em bilhões de dólares³, que possui quase um bilhão e meio de usuários espalhados pelos mais diversos países. Superando a

¹ Em duas cartas endereçadas a diferentes amigos, datadas de novembro de 1994 Caio fala sobre computadores. A Gilberto Gawronski em 04.11.1994: “Instalo aos poucos o computador e me preparo para o que vier.” In: MORICONI, Italo (org.). *Caio Fernando Abreu: Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 317 p. E a Cida Moreira em 28.11.1994: “Desde então tenho me programado pra responder, mas desde que instalei este microsoft (chama-se Robocop, é um pônei laptop) mergulhei num labirinto de windows, deletes, bits & informatizações do gênero.” In: MORICONI, Italo (org.). *Caio Fernando Abreu: Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 318 p.

² Segundo a pesquisadora Camila Dias Borges, “sites como Facebook, por exemplo, não são exatamente uma rede social, mas sim uma plataforma que permite que a rede social ali se represente. Por definição, a rede social é, basicamente, uma estrutura formada pelos atores e suas conexões. Nesse contexto, os atores podem ser: pessoas, instituições ou grupos que formam os nós da rede, enquanto as conexões são as interações ou os laços sociais.” (BORGES, 2014, 85 p.). No entanto, optamos por nos referirmos a ele como “rede social”, já que assim é conhecido comercialmente.

³ “As informações publicadas pelo *site* Mashable mostram que a empresa de Mark Zuckerberg valeria R\$ 171 bilhões”, informação disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-vale-mais-que->

ideia inicial de seu criador, hoje o *Facebook* tornou-se uma poderosa ferramenta, agindo nos níveis político, econômico e social.

Grandes mobilizações políticas têm sido orquestradas através da rede social, desde sua popularização em meados de 2007, reunindo um número impressionante de pessoas - o que seria inimaginável para os mentores das grandes manifestações promovidas no século passado. A série de recursos oferecidos pela rede permite a organização de diversos movimentos de cunho político; alguns se mantêm na esfera virtual, outros, transformam-se em importantes atos públicos e ganham as ruas.

Dessa forma, constata-se que a ideia inicial de promover o encontro *on-line* de pessoas que já se conheciam foi, aos poucos, ampliando-se em virtude das possibilidades oferecidas por essa ferramenta. Através do crescimento dos recursos propostos, como, por exemplo, a criação de páginas e grupos dentro da plataforma, os usuários encontraram a oportunidade de unirem-se a outros, baseados em suas afinidades. Assim, pessoas do mundo inteiro podem se reunir em torno de um único ideal, que pode ser de qualquer ordem - do desmatamento da Amazônia ou uma campanha que reivindique a volta de uma série de televisão, por exemplo -, numa variedade inesgotável de possibilidades⁴.

Na esfera comercial, a nova maneira de direcionamento de produtos proposta pelo *Facebook* é, sem dúvida, revolucionária, uma vez que as informações colhidas pelos anunciantes vêm diretamente dos usuários. São esses - e não mais cálculos baseados em probabilidades - que, através de suas atividades dentro do *site*, mostram às empresas os seus desejos de consumo. Não há mais uma especulação sobre o público que, provavelmente, consumiria determinado produto. Assim, a partir do advento do *Facebook*, as empresas passaram a ter certeza do direcionamento de suas campanhas de *marketing*, uma vez que as ferramentas presentes no *site* mostram quem está se referindo aos produtos, e, mais ainda, a partir de que região, qual faixa etária, gênero - uma infinidade de informações que facilitam o direcionamento publicitário.

amazon-no-mercado-afirma-pesquisa.7e186a6745b34410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html,

Acesso em: 05 maio 2015.

⁴ Por vezes, tantas possibilidades chegam aos limites do estranho, do bizarro, como o caso da página chamada "Pomba", em que todas as postagens reproduzem o som emitido pelo animal que lhe empresta o nome. Ali, as notícias compartilhadas são sobre a ave, bem como as fotos, que não passam de montagens, todas com a presença de uma pomba. São mais de 17 mil seguidores (na data de nossa consulta) que interagem com a página através de comentários e compartilhamentos. www.facebook.com/OficialPomba?fref=ts Acesso em: 04 jun. 2015. Anexo 1.

Por esses fatores, o *Facebook* por si só já mereceria um estudo, no entanto, o que nos interessa neste momento é o aspecto social da rede, a maneira como se tornou parte da vida das pessoas e como, inegavelmente, modificou a maneira de consumir literatura, especialmente no que diz respeito ao escritor Caio Fernando Abreu. É justamente por esse aspecto que o estudo da aproximação do *Facebook* com a literatura nos parece promissor. Discutir os usos da literatura na contemporaneidade e a maneira como ela, através do *Facebook*, modificou-se é o nosso foco de interesse. Uma vez que, ao compartilhar um trecho de uma obra, foge-se dos rituais convencionais de leitura (individual, solitário) pois, através dele, ela passa a ser compartilhada com inúmeras pessoas.

Assim, considerar como a literatura interage com o social através da tecnologia e como a obra literária pode ser compartilhada são questões caras a essa pesquisa. Dessa maneira, nos alinhamos aos Estudos Culturais à medida que, conforme postula a professora e pesquisadora Maria da Glória Bordini (2006), no artigo “Estudos culturais e estudos literários”, “buscamos uma abordagem do estudo literário que não se prenda apenas aos recursos formais, mas também reforce as relações que um texto pode estabelecer com a nossa vida social.” (2006, p.11)

Para examinarmos essas questões, elegemos alguns critérios. Quando falamos em redes sociais, hoje em dia, estamos nos referindo a uma série de plataformas, que têm em comum a possibilidade de criarmos e compartilharmos conteúdo. Embora reconheçamos a abrangência do *Twitter* – e da presença inegável da obra de Caio Fernando Abreu nessa rede também – optamos por analisar como o autor aparece exclusivamente no *Facebook*. A escolha se deu pela diversidade de ferramentas disponibilizadas pelo *site* e usadas por aqueles que o compartilham na rede, bem como pela abrangência do *site* de maneira geral. Embora no *Twitter* também haja um número significativo de perfis dedicados a divulgar a obra do autor, o *Facebook* parece mais promissor para a pesquisa, uma vez que nos revela dados mais relevantes sobre as atividades das páginas dedicadas ao autor. Por exemplo, é possível monitorar de maneira mais sistemática as atualizações dessas páginas, o número de seguidores, bem como o número de pessoas de sua rede que seguem alguma página dedicada ao autor.

A segunda etapa para a definição do *corpus* é a escolha da página que será analisada: ao digitarmos “Caio Fernando Abreu” na caixa de busca do *Facebook*, que permite pesquisar “pessoas, coisas e lugares”, encontraremos centenas de

ocorrências entre páginas, grupos e perfis, ou seja, todas as possibilidades de interação e compartilhamento de conteúdo oferecidas pelo *site*. No primeiro momento, optamos por uma pesquisa mais geral, a fim de identificar possíveis diferenças de interação disponibilizada por cada tipo de possibilidade: página, grupo e perfil. Para tanto, abrangendo o período de abril a julho, analisamos as três postagens mais recentes.

Após essa etapa, para que a amostra da pesquisa fosse construída, levando em consideração as dimensões do material disponível para análise, optamos por nos aprofundarmos em duas delas.

A primeira página chama-se “Caio Fernando Abreu”.⁵Embora seja pequena – em comparação com páginas que alcançam milhões de seguidores -, contando com 3.799 “curtidore”, até a data da pesquisa, mantém a prática de associar cada fragmento postado a seu respectivo texto, o que dentro da liberdade proposta pela política do *Facebook* – todos têm o mesmo poder e direito de produzir conteúdo – não deixa de ser um diferencial. A questão da autoria parece importante para os(as) administradores(as) da página, o que nos permite, também, discutir a influência dessa contextualização na maneira como a obra do escritor é difundida. A segunda página também recebe o nome “Caio Fernando Abreu”⁶ e foi escolhida, pois, de acordo com a nossa pesquisa, é a maior dedicada ao autor, contando, no mês de maio de 2015 com 621.636 seguidores ou curtidore, ou seja, esse é o número de pessoas que recebem diariamente em sua página pessoal atualizações postadas pelos(as) administradores(as) da página. Trata-se, então, de uma escolha baseada em números, que apontam essa como a página maior dentro do *Facebook* a tratar da obra do escritor.

As redes sociais por natureza são, segundo aponta a jornalista, professora e pesquisadora Raquel Recuero (2009), “dinâmicas e estão sempre em transformação. Essas transformações, em uma rede social, são largamente influenciadas pelas interações.” (2009, p.79) Levando em consideração essa dinâmica, a profusão de postagens possíveis em uma página do *Facebook* – não há limite diário, por exemplo –, e no intuito de que as mesmas não sejam escolhidas de

⁵<https://www.facebook.com/pages/Caio-Fernando-Abreu/251109364992857> Acesso em: 05 maio 2015.

⁶<https://www.facebook.com/caiofernandoabreu?fref=ts> Acesso em: 05 maio 2015.

maneira arbitrária, optamos por analisar as interações das duas páginas durante os meses de agosto e setembro.

Escolhidas as páginas que servirão de *corpus* para esse trabalho, interessamos investigar a nova configuração da literatura do escritor, intermediada por essa rede social e seus usuários. Buscaremos, para tanto, analisar de que maneira o escritor aparece nas páginas selecionadas, a fim de discutir questões como autoria, dinâmica da fragmentação e suas conseqüências para o entendimento da produção literária do autor. Dessa maneira, a intenção principal é analisar alguns dos fenômenos que envolvem o nome de Caio Fernando Abreu quando o assunto é *internet* e redes sociais.

Para alinhar esses novos usos do texto de Caio Fernando Abreu à sua produção no formato original, revisitamos, de forma geral, no primeiro capítulo, a obra propriamente dita do autor, tendo em vista temas e estilo recorrentes, ao mesmo tempo contextualizando-a com dados biográficos relevantes para seu entendimento. Com esse intuito contamos com a contribuição de Isabel Jasiski (2000), Ítalo Moriconi (2002), Paula Dip (2009), além das pesquisas realizadas por Milena Mulatti Magri (2008), Amanda Lacerda Costa (2008), Antônio Eduardo de Oliveira (2009) e Carlos André Ferreira (2010).

Para melhor redimensionar o novo contexto de circulação da obra de Caio⁷, no segundo capítulo nos ocupamos de um breve histórico da inserção da informática e da *internet* na sociedade, analisando em que sentido essas novas ferramentas mudaram as relações pessoais e o dia a dia. Para tanto, nos apoiamos, principalmente, nas precisas contribuições sobre a informática e a *internet* do filósofo francês Pierre Lévy (1993;1999) e da professora e pesquisadora Raquel Recuero (2009; 2001; 2014). Também nos apoiamos nas teorias de Julia Kristeva (1994), Eric Landowski (2002) e Stuart Hall (2006) no que diz respeito à identidade, uma vez que, a *internet* afeta e intensifica, consideravelmente, a noção de indivíduo na pós-modernidade, já que se tornou espaço para a manifestação do *eu*, ao mesmo tempo que permite que uma pessoa assuma diferentes *eus*, possibilitando fácil acesso a diferentes contextos.

Para compreendermos esse fenômeno, no terceiro capítulo, analisamos a história e a dimensão da empresa Facebook. Os efeitos dessa nova plataforma e a

⁷ Caio F. ou simplesmente Caio são usualmente empregadas pela crítica e em trabalhos científicos para designar o escritor Caio Fernando Abreu.

seus mais diversos aspectos merecem investigação. Nessa perspectiva, insere-se a forma como a literatura se realiza no meio digital, em especial a de Caio Fernando Abreu. Assim, a teoria do jornalista de tecnologia David Kirkpatrick (2011) batizada de “o efeito *Facebook*” traz contribuições significativas. Em seguida, analisamos a presença de Caio Fernando Abreu no *Facebook*. Para tanto, realizamos levantamento e tecemos considerações a respeito de algumas das páginas dedicadas a ele na rede social. Interessa-nos analisar de que maneira a obra do autor é compartilhada e qual sua recepção na rede. Para mapearmos e determinarmos de maneira mais objetiva o *corpus* da pesquisa, optamos, primeiramente, em fazer um levantamento das páginas, grupos e perfis dedicados ao escritor gaúcho no *site*, buscando analisar algumas de suas postagens. Na busca de obter uma visão mais ampla da presença do escritor gaúcho nessa rede social.

Uma vez que o *Facebook* disponibiliza uma série de ferramentas para a interação e comunicação, analisaremos nessa etapa as especificidades de cada uma delas, buscando refletir sobre a maneira como podem colaborar para a divulgação da obra de Caio Fernando Abreu. Nessa fase, nosso principal objetivo será lançar um olhar mais amplo sobre a rede, com o intuito de compreendermos melhor seu funcionamento, o que, acreditamos, nos norteará na etapa seguinte onde analisaremos as postagens das páginas selecionadas.

Trata-se, segundo Suely Fragoso et al. (2011), professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de uma amostragem qualitativa, uma vez que:

Visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social. Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa. (2011, p.67)

De posse desses dados, pretendemos compreender, de forma mais ampla, como se dá a presença do escritor na rede. Analisar a maneira como as páginas compartilham frases que fazem parte de textos de Caio ou que a ele são atribuídas nos permite discutir a forma como a obra do escritor é divulgada, bem como ampliar a discussão de questões como autoria e descontextualização das frases. A liberdade

do leitor e a maneira como interage com a literatura através do *Facebook* nos parece pontos centrais para a compreensão de uma nova dinâmica de leitura mediada pela tecnologia.

1 CAIO FERNANDO ABREU E SUA TRAJETÓRIA

Caio Fernando Abreu foi um escritor inquieto, sendo, durante toda sua vida, um viajante. Visitou diversas partes do mundo, sobreviveu em muitas delas (trabalhou como modelo para pintores e lavador de pratos - atividades que lhe rendiam o mínimo para sustentar-se), sendo seu retorno para o lar sempre tumultuado e conflitante, uma vez que, embora sentisse vontade de regressar ao Brasil, sabia que, chegando aqui, não encontraria as oportunidades ideais para escrever, uma vez que se vivia a ditadura.

Em seu testemunho literário chamado “Lixo e purpurina”, Caio expressa a sua relação com o Brasil e a condição de “sobrevivente”. Autor e sujeito misturam-se no conto escrito a partir de experiências vividas em Londres entre 1973 e 1974. Na apresentação à coletânea *Ovelhas negras*, de 1995, Caio descreve-o como uma espécie de diário, manifestando seu receio em publicá-lo justamente por seu teor confessional:

De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, em parte ficção. Hesitei muito em publicá-lo — não parece “pronto”, há dentro dele várias linhas que se cruzam sem continuidade, como se fosse feito de bolhas. De qualquer forma, talvez consiga documentar aquele tempo com alguma intensidade, e isso quem sabe pode ser uma espécie de qualidade? (ABREU, 2005, p.193)

O contexto histórico no qual o autor estava inserido ao produzir o conto é bastante relevante. Nesse texto, encontramos imagens que evocam o exílio e a sensação de ser estrangeiro. As experiências vividas pelo autor, bem como a maneira como esses sentimentos são representados literariamente na composição do conto merecem destaque. Através da leitura do conto, notamos que sua condição de estrangeiro e a luta para sobreviver em um país que não é o seu adquire, por vezes, pelas dificuldades por que passa, um tom dramático. Conforme afirma Kristeva (1994), ao analisar a questão do estrangeiro, trata-se de “uma vida onde os atos são acontecimentos, porque implicam escolhas, surpresas, rupturas, adaptações ou estratégias, sem rotina ou repouso.” (1994, p.14)

No mesmo conto, podemos detectar imagens literárias do exílio: são fortes relatos de perdas e rastros semelhantes às experiências vivenciadas pelo autor. Elaborado como uma espécie de diário, o conto nos apresenta um protagonista sem

nome, o que reforça seu sentido de não-pertencimento e clandestinidade, que se aventura pelas *squatter-houses*⁸ londrinas. Estamos diante do sacrifício desse homem para sobreviver na cidade, às custas de roubos, subempregos e humilhações.

Ao acompanharmos esse diário, transportamo-nos para os sentimentos desse estrangeiro e para a maneira como Londres parece decepcioná-lo: “nesta cidade onde estamos presos e livres, soltos e amarrados.” (ABREU, 2005, p.193). Embora faça parte de um grupo de estrangeiros como ele, a solidão do protagonista é notória, uma vez que está longe de casa e distante também daquilo que acreditava encontrar num país diferente do seu.

Além do traço viajante de sua personalidade, Caio viveu a ditadura militar e sofreu, como toda a sua geração, os males provocados por ela. Foi um período de repressão e censura indiscriminadas, conforme relembra o doutor em Estudos Literários pela Unesp de Araraquara, Renato Franco:

Logo após a decretação do AI-5, em dezembro de 1968, o governo militar procurou interferir na vida cultural por meio da adoção de rígida censura dirigida tanto a seus vários setores como contra todo tipo de obra: essa censura - tentativa de suprimir a voz da sociedade - não foi senão consequência, ou mesmo o prolongamento, da política fortemente repressiva por ele adotada no combate aos partidos e organizações de esquerda remanescentes da década anterior. (2003, p. 357)

Dentro desse contexto, a sensação de ser estrangeiro onde quer que estivesse sempre foi uma questão nuclear na literatura de Caio Fernando Abreu. Possivelmente, por essa razão é que suas personagens configuram-se como os mais diferentes tipos: o estrangeiro desterrado; o despatriado; os diferentes em relação aos paradigmas impostos pela sociedade num determinado espaço de tempo; os sexualmente desviantes da heteronormatividade e os culturalmente divergentes - a exemplo da cultura *hippie* muitas vezes retratada pelo autor. Assim, é possível notar que a questão do outro, do estrangeiro, daquele que se movimenta, está presente na obra do escritor. Segundo a filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa, Julia Kisteva (1994):

O estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação

⁸ Espaços ou prédio abandonado ou desocupado que não pertence ao indivíduo, não é por ele alugado nem ele tem permissão para usá-lo.

a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós; ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. [...] o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e comunidades. (1994, p.9-10)

Desde sua saída de Santiago (antigo Santiago do Boqueirão), rumo a Porto Alegre em 1963, Caio Fernando Abreu mudou de cidade, de país e de vida, diversas vezes. Conforme lembra Paula Dip, jornalista, escritora e amiga de Caio desde os anos 70,

Caio sempre viveu *on the road*. Começou a fazer a faculdade de Letras, logo se encantou com Arte Dramática, durante um tempo cursou as duas, mas acabou indo para São Paulo, trabalhar na *Veja*. Fugindo do DOPS, viajou para Campinas e morou no Sítio do Sol, de Hilda Hilst. De lá foi para o Rio, mas voltou muitas vezes ao Sítio do Sol, à Casa da Lua, em Massaguassu, litoral norte de São Paulo, onde Hilda tinha um canto à beiramar. Foi para a Europa, viveu em Estocolmo e em Londres, voltou a Porto Alegre, passou por São Paulo, voltou ao Rio, e de novo a Porto Alegre, até se estabelecer (mais ou menos) definitivamente em São Paulo a partir de 78. (2009, p.139).

Deslocando-se a trabalho ou mesmo obedecendo a seu espírito errante, mostrava que, aparentemente, nenhum lugar era o *seu*. Se estava em Porto Alegre, sonhava com a grande metrópole paulistana; já em São Paulo, sentia necessidade do clima arejado da cidade do Rio de Janeiro. Assim, de casa em casa, de cidade em cidade, ia buscando seu lugar no mundo, onde pudesse se sustentar e, sobretudo, criar.

Sua insatisfação era notória. As cidades pelas quais passou lhe davam o que procurava, no entanto, apenas de maneira temporária: aquilo que o atraía inicialmente, depois, poderia ser justamente o que o repelia. Em umas das suas passagens pelo Rio de Janeiro, Caio reclamava de São Paulo, embora afirmasse também que não gostava da capital carioca:

Aqui tá esquisito. Na verdade, não gosto do Rio. Este canto é bom [...] Mas a cidade, ah a cidade, que miséria. Um favelão. Detestei São Paulo também nos dias que passei aí. Achei pobre e barulhenta, todas as pessoas que cruzei só falavam em cocaína. E como falam. Dirigem a mil por esse trânsito infernal e falam falam falam. Invivível. Aqui em cima do morro fico em retiro quase absoluto. Quando vou à cidade, volto irritado. Silêncio, ando obcecado por silêncio. Um silêncio que te permita ouvir o ruído do vento. E o bater do coração. (ABREU *apud* MORONI, 2002, p.92)

Em carta escrita ao seu amigo e diretor de teatro Luciano Alabarse, em agosto de 1984, após retornar - mais uma vez - a São Paulo, o autor afirmava:

Mas estou mais tranquilo. E percebendo coisas: voltei para Sampa muito alegrinho, muito na-boa, muito tudo-vai-rolar. A memória da gente é safada: elimina o amargo, a peneira só deixa passar o doce. Então eu tinha esquecido que esta cidade te cobra preços altos. Ela é uma mulher (ou um homem) belíssima(o) que se oferece, tentador(a), como se amasse, te envolve, te seduz — e na hora em que você não suporta mais de tesão e faria qualquer negócio, ela(e) te diz o preço. Que é muito alto. (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.92)

Apesar de ser conhecedor da rotina e do clima da cidade, Caio “dá mais uma chance” a ela.

Depois de trocar São Paulo pelo Rio de Janeiro quase que anualmente, resolveu estabelecer-se em Londres no ano de 1973, onde sonhava tornar-se escritor profissional. Embora no Brasil já tivesse publicado dois livros, o autor ainda se via como um amador, uma vez que não conseguia viver de literatura, sendo obrigado a fazer serviços de tradução, copidesque e matérias para a imprensa.

Em carta aos pais, Caio afirmava sentir-se mais à vontade com a maneira londrina de vestir-se e portar-se:

Londres é fascinante. Uma cidade imensa, mas incrivelmente tranquila -, a gente anda nas ruas como se estivesse em um bairro de Porto Alegre [...] A gente encontra de tudo pelas ruas, e ninguém olha, ninguém faz comentários - tudo é encarado com a maior naturalidade. (DIPP, 2009, p.139)

Sua partida para Londres foi uma espécie de autoexílio, uma vez que não fugia só do movimento e do ritmo das grandes cidades brasileiras, mas também, do clima instaurado pela Ditadura Militar.

Essa sensação de “estar em movimento” parece também permear a produção do escritor, que transitou por diferentes gêneros. Embora tenha se dedicado de maneira mais intensa às narrativas curtas, os romances - *Limite branco* (1971) e *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990) - e as peças de teatro⁹, também fazem parte de sua obra. Da sua contística resultaram os livros *O inventário do ir-remediável* (1970), *O ovo apunhalado* (1975), *Pedras de Calcutá* (1977), *Morangos mofados* (1982), *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), *Mel & girassóis* (antologia de 1988),

⁹ Reunidas por Luiz Arthur Nunes na obra *Teatro completo* (1997).

Ovelhas negras (1995), *Estranhos estrangeiros* (1996), além de *Triângulo das águas* (1983) - livro composto por três novelas.

Podemos também observar a versatilidade do autor, por sua atuação na redação da Editora Abril, compondo a primeira equipe da revista *Veja*. Embora não fosse jornalista de formação, a imprensa sempre fez parte de sua vida: trabalhou como colaborador, redator e editor em diversos meios de comunicação. Era através desses trabalhos que Caio mantinha-se financeiramente e levava em frente seu plano de tornar-se um escritor profissional. Embora as tarefas que assumia lhe tomassem tempo e energia, retardando, por vezes, seu processo de escrita, eram elas que lhe garantiam o mínimo de estabilidade.

Mesmo no ambiente agitado das redações, com seus prazos e exigências, Caio encontrou espaço para fazer literatura através de suas crônicas. Foi cronista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora* entre 1986 e 1988, retomando sua rotina de publicações de 1993 até 1995¹⁰.

Sua relação com o jornalismo iniciou muito antes, no ano de 1968. Com apenas 19 anos, Caio abandonou os cursos de Letras e Artes Cênicas e decidiu participar de um concurso para integrar a primeira equipe de jornalistas da revista *Veja*. Cerca de trinta jovens foram convocados, por telegrama, para uma entrevista em um luxuoso hotel de Porto Alegre. Caio estava entre eles. Desses, apenas onze gaúchos foram chamados para o 1º Curso Abril de Jornalismo, em São Paulo. Os futuros colaboradores da revista assistiam a palestras pela manhã, com prática de jornalismo à tarde. Assim iniciou-se sua carreira na imprensa. A passagem pela *Veja* (revista que surgiu como concorrente à *Manchete*), foi curta. No mesmo ano foi demitido, junto com dezenas de outros profissionais, em decorrência da diminuição de anunciantes. Sobre o trabalho na redação de *Veja*, Laerth Pedrosa, publicitário gaúcho, que também fez parte do grupo, afirmou: “Foi questão de meses, pelo menos na minha percepção, para Caio decidir que era um escritor e não um escritor de aluguel fazendo o papel de jornalista.” (DIP, 2009, p.123). Ainda assim, Caio reconhecia que havia aprendido muito com essa experiência profissional: “O jornalismo me ajudou um pouco a secar a forma, eu sempre tive a tendência a ser excessivo. (DIP, 2009, p.26)

¹⁰ Essas foram reunidas no volume *Pequenas Epifanias* (1996), organizado por Gil França Veloso, publicado em 1996, logo após a morte de Caio, e no livro *A vida gritando nos cantos* (2008).

A notória qualidade de seu texto lhe garantiu emprego nas revistas que foram surgindo no cenário brasileiro. Valdir Zwetsch, jornalista e escritor gaúcho, relembrou seu critério para a contratação de Caio para redator da revista *Pop*:

Eu também acabei voltando para São Paulo em 74 [...] e um tempo depois virei editor-chefe da revista *Pop*, uma revista jovem, a primeira a falar de skate e surf no Brasil. Chamei o Caio para vir trabalhar comigo e dar um padrão de texto à revista. Ele sempre foi um excelente redator e editor. (DIPP, 2009, p.26)

Após suas atividades em *Veja*, ocupou o cargo de redator não só na revista *Pop*, como também na *Pais & Filhos* e *Manchete*, no “Caderno 2” d’*O Estado de São Paulo* e no jornal *Zero Hora*. Embora a sucessão de trabalhos nessa área pareça ter consolidado sua carreira como jornalista, sua ficção continuava figurando como prioridade. Diante do ritmo de trabalho por ele experimentado, Caio parecia angustiado pelo tempo e energia que esse demandava, fazendo com que a literatura ficasse em segundo plano. Em carta à Maria Lídia Magliani, desabafou:

O problema antigo continua: inventar tempo para escrever minhas próprias coisas. Claro que não consigo. E os dias vão te engolindo, os meses, os anos [...]. Mas eu rezo. Tenho fé. Descobri qualquer coisa dentro de mim que, não sei exatamente como nem por quê, consegue manter-se serena no meio desta falta absoluta de perspectivas. (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.172)

Em *Zero Hora* e *O Estado de São Paulo*, Caio conquistou o espaço de cronista, e através desse gênero, mescla de jornalismo e literatura, pôde exercitar a escrita de maneira mais livre. Em suas crônicas, publicadas nesses dois jornais e, posteriormente, reunidas em livro, Caio mostrou apurada sensibilidade em relação ao mundo, sem, contudo, abrir mão do humor, da ironia e da coloquialidade, comuns ao gênero.

Essas características dividem espaço com o uso de uma escrita mais culta, de um trabalho mais cuidadoso e exigente com a linguagem, dando singularidade à narrativa do autor. Trata-se de uma linguagem empregada para fazer refletir, de maneira geral, temas de maior profundidade, que dizem respeito à subjetividade, às angústias humanas. De toda forma, assim como em seus contos, temas como a morte, a AIDS, a busca do amor e a solidão das grandes cidades são também recorrentes em suas crônicas. Nelas, Caio aproxima-se dos leitores, num verdadeiro diálogo, em que o sujeito desvela-se, mostrando sua alma. Segundo a dramaturga

Maria Adelaide Amaral, trata-se de “crônicas perturbadoras onde fixou todos nós, a época, o *zeitgeist* dos anos 80, o permanente e o passageiro, modas e eternidades.” (ABREU, 1996, p.9). Como exemplo de que Caio captou, através de suas crônicas, como afirma Maria Adelaide, o espírito de seu tempo, podemos citar a crônica “A mais justa das saias”, publicada *n’O Estado de S. Paulo*, em 25 de março de 1987 e posteriormente publicado no livro *Pequenas epifanias* (1996). Nela, Caio denuncia o preconceito sofrido pelos *gays* no período dos primeiros casos de AIDS no Brasil: “A primeira vez que ouvi falar em aids. [...] ‘Não é possível’ – pensei – ‘Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?’” (ABREU, 2012, p.44).

Outra característica da obra de Caio que julgamos importante ressaltar é a inserção em seus textos de diversos elementos culturais. Assim, referências à música, ao cinema, à literatura e à astrologia se faziam presentes. Na crônica “Em memória de Lilian”, por exemplo, Caio falava sobre a morte da atriz Lilian Lemmertz, mesclando sua lamentação pelo fato com inúmeras referências cinematográficas e teatrais. Já em “Beta, Beta, Bethânia” comparava suas emoções à cantora baiana, sentia “emoções-Bethânia” em referência ao repertório e à performance teatral da intérprete:

Os muitos darks que me perdoem, mas Maria Bethânia é fundamental. Sei, vocês vão dizer que ela é brega, careta, exagerada, melodramática. Pode ser. Mas essa coisa chamada vida onde estamos metidos até o pescoço, às vezes não é brega, careta, melodramática? (ABREU, 2012, p.10)

A astrologia, especificamente, sempre foi um ingrediente importante na obra do autor, que assumia sua condição de virginiano — “com um pé fincado em Escorpião (o ascendente) e outro em Capricórnio (a Lua), e portanto crítico, organizado, sensual, depressivo e teimoso” (ABREU, 1977, sobre o autor - *Pedras de Calcutá*). Da mesma forma que utilizava a astrologia para descrever sua própria personalidade, fazia o mesmo com suas personagens¹¹. Em uma entrevista concedida à imprensa francesa, em 1992, em Saint Nazaire, na Casa dos Escritores Estrangeiros¹², o autor afirmou:

¹¹ A esse respeito ver COSTA, Amanda Lacerda. *360 graus: uma literatura de epifanias: o inventário astrológico*. Dissertação (Mestrado Instituto de Letras). Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

¹² Onde passou três meses recebendo um abolsa de estudos, com a condição de que, ao despedir-se da cidade, deixasse um conto com os direitos autorais cedidos à editora Arcane 17.

A astrologia é um dado importante na minha literatura, independente da pessoa ser real ou fictícia. Costumo fazer mapas astrais das minhas personagens de ficção, quer dizer, estabeleço uma data, um local, um horário de nascimento e aí monto um perfil psicológico arquetípicos, através desses mapas. E penso: este aqui é prático, metódico, tem o Sol em Virgem; este outro tem a Lua em Peixes, então tem uma forte preocupação espiritual. Outro tem Marte em Áries, então é um guerreiro, um lutador. Se o cara é muito sexuado, ele tem um Escorpião forte, uma Lua em Escorpião, um ascendente em Escorpião, coisas assim. Problemas com a mãe, quadraturas da Lua, quadraturas Lua-Marte. Se ele é meio *junkie*, quadraturas Marte- Netuno, etc. Invento uma data de nascimento e um horário compatíveis e faço um mapa astrológico completamente coerente com a psicologia da personagem, que seja lógico, embora falso. Para mim, é como se a astrologia fosse um jogo mágico que vira realidade na literatura. (DIPP, 2009, p.248)

Dentre diversos escritos em que a astrologia aparece de forma central, *Triângulo das águas*, destaca-se, uma vez que se trata de “um livro inteiramente baseado em arquetípicos astrológicos” (COSTA, 2008, p.5). As três novelas que o compõem representam, cada uma delas, um dos signos regidos pelo elemento água. Assim, representando o signo de peixes temos “Dodecaedro”, que narra a história de doze pessoas trancadas em uma casa cercada por cachorros, cada uma delas apontando sua versão dos fatos que lá ocorrem. Em “O marinheiro”, novela do signo de escorpião, um homem recebe a visita de uma personagem misteriosa que o incita a buscar a autolibertação e o autoconhecimento antes que seja tarde demais. Por fim, representando o signo de câncer, temos “Pela noite” um encontro que ocorre sexta-feira à noite entre dois amigos que, através de uma longa conversa, confrontam-se com a verdade.

A recorrência a tantos elementos culturais e a ousadia e diversidade temática, transformados neste “jogo mágico” que é a sua literatura, parece fascinar os leitores, mesmos passados quase 20 anos de sua morte. Podemos notar esse interesse na obra de Caio através de uma breve análise das edições de seus livros presentes no mercado. Por exemplo, *Pedras de Calcutá* de 1977 possui edição de 2014, tanto em livro físico como digital, *Morangos mofados* de 1982 está em sua 15ª edição, *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990) possui edição de 2014, já o livro *O ovo apunhalado* (1975) possui edição, física e digital, de 2011. A partir dessa pequena análise, nos é possível concluir que a obra de Caio segue circulando, possivelmente, por um aumento do seu público leitor. Além disso, é possível apontar um número

considerável de estudos acerca de sua obra¹³ e encenações de seus textos¹⁴. Ainda que o escritor seja conhecido como uma espécie de retratista de sua época, ao longo desses anos de ausência, tem conquistado cada vez mais leitores que, apesar de não terem vivido os anos 70, 80 e 90, sentem-se próximos à linguagem e, especialmente, à temática do autor gaúcho.

Para Milena Mulatti Magri, pesquisadora da sua obra, “seus textos representam um sujeito inserido nas grandes cidades, que enfrenta as dificuldades de adaptação às transformações sociais e culturais dos grandes centros urbanos.” (MAGRI, 2009, p.100). Essa representação do sujeito contemporâneo pode justificar a permanência da obra de Caio.

A escritora Lygia Fagundes Telles no prefácio do livro *O ovo apunhalado* (1975) enumera algumas das características da escrita de Caio, por vezes, sombria e pessimista.

O que me inquieta e fascina nos contos de Caio Fernando Abreu é essa loucura lúcida, essa magia de encantador de serpentes que, despojado e limpo, vai tocando sua flauta e as pessoas vão-se aproximando de todo aquele ritual aparentemente simples, mas terrível porque revelador de um denso mundo de sofrimento. De piedade. De amor. (TELLES *apud* ABREU, 1975, p.13)

Embora Telles refira-se à produção de 40 anos atrás, é possível notar que a obra de Caio tem conquistando novas gerações de leitores, mesmo depois de mais de 45 anos de sua estreia na literatura.

Os estudos voltados à obra de Caio Fernando Abreu não se restringem à área de Letras. A Psicologia, a Sociologia e a História têm se ocupado da análise de alguns de seus textos. Tamanha abrangência se justifica ao considerarmos a série de perspectivas possíveis a partir da leitura de um único conto do escritor.

Uma das profícuas abordagens de seus textos dirige-se ao contexto histórico: a narrativa servindo de testemunho de uma época, uma vez que muitas de suas obras foram escritas no final dos anos 60 e durante os anos 70 - os tempos mais

¹³ São aproximadamente duas dezenas de teses e dissertações, mais de sessenta artigos em periódicos e diversos capítulos em livros de crítica literária.

¹⁴ Somente no ano de 2015 foram encenadas em grandes teatros duas peças baseadas em textos do autor: “Animais de hábitos noturnos”, em cartaz no mês de fevereiro no Espaço Parlapatões, em São Paulo (informação disponível em: <http://guia.uol.com.br/sao-paulo/teatro/noticias/2015/02/12/peca-baseada-na-obra-de-caio-fernando-abreu-tem-sessao-com-ingresso-a-r-20.htm> Acesso em: 21 maio 2015; e “Aqueles dois” em cartaz também no mês de fevereiro, Teatro Bradesco em Belo Horizonte (informação disponível em: <http://guia.uol.com.br/belo-horizonte/noticias/2015/02/24/peca-baseada-em-obra-de-caio-fernando-abreu-tem-ingressos-a-partir-de-r-15.htm> Acesso em: 21 maio 2015.

pesados da ditadura militar que nosso país viveu, tendo o autor sofrido influência direta dessa condição. Também é possível ater-se às características psicológicas e sociais das personagens, traçando aquelas comuns a toda uma geração. Justamente por possuir uma estética refinada, visivelmente trabalhada, uma leitura mais atenta da obra do autor proporciona a revelação de diversas possibilidades de abordagem.

No entanto, embora haja um aumento de produções acadêmicas que elegeram Caio Fernando Abreu como foco, é possível observar certa repetição nas abordagens. É comum encontrarmos trabalhos que focam especialmente alguns dos temas eleitos pelo autor, a exemplo das questões que giram em torno da (homo)sexualidade. Ainda que Caio Fernando não fosse comprometido com a causa *gay*, sua escrita possui traços de (homo)erotismo e homoafetividade, apresentando, inclusive, contos paradigmáticos dessa temática, como “Aqueles dois” e “Sargento Garcia”, do livro *Morangos mofados*. Possivelmente, por essa razão, muitos são os estudos sobre sua obra à luz da teoria queer¹⁵.

Outro foco comumente estudado, no que diz respeito à obra do escritor, é a temática da AIDS¹⁶. Alguns estudos chamam atenção aos possíveis traços (auto)biográficos na obra do escritor, que morreu vítima de AIDS em 1996, levando em consideração o fato de que, em certos momentos de sua narrativa, não se divisa de forma clara o viver e o escrever, a exemplo do já citado “Lixo e purpurina”: “De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, parte ficção. [...] De qualquer forma, talvez consiga documentar aquele tempo com alguma intensidade [...]” (ABREU, 2002, p.97). Embora seja possível identificar os traços (auto)biográficos, conforme salienta Ítalo Moriconi (2002), importante pesquisador da obra de Caio, o tema sempre esteve presente na obra do escritor, mesmo antes de ele próprio ter contraído o vírus: “pode-se constatar facilmente que o discurso da AIDS, em torno da AIDS, pautado pela AIDS já estava

¹⁵ “Queer é tudo isso: estranho raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.” (LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. 7-8 p.) .

¹⁶ Podemos citar: *Corpo, memória e AIDS na obra de Caio Fernando Abreu* (OLIVEIRA, 2009) e *Onde andará Dulce Veiga?: a representação da AIDS e do mal-estar do sujeito na obra de Caio Fernando Abreu*(FERREIRA,2010).

presente na ficção de Caio desde o início da epidemia, na primeira metade da década de 80”(2002, p.14). Na anteriormente citada novela “Pela noite” do livro *Triângulo das águas* (1983) a doença já parece na fala de uma das personagens: “E de repente eu ia dizer não, não posso, não quero, não devo, estou doente, descobri que estou com AIDS, tenho um compromisso, tentei pular da janela.” (1983, p.151)

Como podemos notar a AIDS permeou sua obra, mesmo antes de contrair o vírus HIV. A epidemia da doença na década de 80 fez parte da vida e da preocupação de toda uma geração da qual Caio Fernando Abreu fazia parte, por esse motivo, o escritor acreditava ser um retrato dos clichês de sua época:

Sou uma pessoa clichê. Nos anos 50, andei de motocicleta e dancei rock. Nos 60, fui preso como comunista. Depois, virei hippie e experimentei todas as drogas. Passei por uma fase punk e outra dance. Não há nenhuma experiência clichê na minha geração que eu não tenha vivido. O HIV é simplesmente a face da minha morte. (FRANCO, 1996, p.1 *apud* JASISKI, 2000, p.67)

Apesar de ter abordado temas tão relevantes sobre os quais a crítica vêm insistentemente se debruçando, são poucos os trabalhos voltados à linguagem e à forma narrativa de Caio Fernando Abreu, que tinha especial cuidado com a expressão, trabalhando de maneira exaustiva na lapidação de seu texto em busca de um lirismo marcado, em se tratando de temas tão concretos, prosaicos, realistas. Produziu, assim, uma escrita incomum, invulgar e de extrema sensibilidade, aspecto pouco explorado pela crítica, que focaliza, de modo geral, as temáticas de seus textos. Por exemplo, o humor, a ironia e a coloquialidade sempre tiveram lugar de destaque na produção epistolar de Caio. Aqueles que conhecem as narrativas do autor de uma única leitura talvez não percebam a habilidade que possui para tratar de temas considerados sérios ou profundos de forma bem humorada. Essa característica pode ser notada em algumas de suas crônicas e, posteriormente, em suas correspondências reunidas por Ítalo Moriconi em *Caio Fernando Abreu - Cartas*. Segundo aqueles que conviveram com o escritor, ele sempre foi dado ao humor, conforme definiu Dip (2009), “seu típico humor gay, ou queer, que vinha com a libertação sexual em todos os cantos do mundo.” (2009, p.70)

Em Caio, o humor raramente é gratuito. Antes, serve de mote, de estratégia para aproximar-se dos leitores. Através dele, permite que questões mais profundas sejam abordadas com certa leveza, sem, contudo, deixar de abrir espaço para a

reflexão. É o que podemos concluir a partir da leitura, por exemplo, da crônica intitulada “Deus é naja”, publicada pela primeira vez em 15 de julho 1986 n’*O Estado de S. Paulo*. Nela, Caio descreve como ele e um amigo *dark* - “cujo nome, por muitas razões, não posso dizer”, conforme Caio (ABREU, 2012, p.37) -, imaginam uma história em que haveria um serviço chamado “Jamanta Express” que se encarregaria, mediante pagamento, de atropelar aquele que o contratasse. O contratante seria aquele que não vê esperança em mais nada: “Estás desempregado? Teu amor sumiu? Calma: sempre pode pintar uma jamanta na esquina.” O narrador utiliza o humor para tratar da desesperança que, por vezes, o assola, bem como o defende, ressaltando a sua importância no dia a dia:

Porque esse talvez seja o único remédio quando ameaça doer demais: invente uma boa abobrinha e ria, feito louco, feito idiota, ria até que o que parece trágico perca o sentido e fique tão ridículo que só sobra mesmo a vontade de dar uma boa gargalhada. (ABREU, 2012, p.38)

A intenção de aproximar-se do leitor é facilmente identificável com o uso de verbos no imperativo que o chamam ao texto. Ao falar do riso e o espaço que damos a ele em nossas vidas, dirige-se diretamente àqueles que o leem:

[...] guarde sua capacidade de rir descontroladamente de tudo. Eu, às vezes, só às vezes, também consigo. Ultimamente, quase não. Porque também me acontece – como pode estar acontecendo a você que quem sabe me lê agora - de achar que tudo isso talvez não tenha a menor graça. Pode ser: Deus é naja, nunca esqueça, baby. Segure seu humor. Seguro o meu, mesmo dark: vou dormir profundamente e sonhar com uma jamanta. A mil por hora. (ABREU, 2012, p.38-39)

Sabemos que os recursos ligados à comicidade são comuns à linguagem cronística. No entanto, em Caio Fernando Abreu eles alcançam outro patamar, uma vez que utiliza em suas crônicas termos e gírias de sua autoria, ampliando assim o diálogo com seu tempo:

com o tempo essas criações caíram na boca de toda uma geração, tais como: saia justa, para definir uma situação difícil; lasanha para homem gostoso; rodenir, que significa aborrecido; naja, que é pessoa venenosa; a Betty Faria e o Reginaldo (Farias) para se referir a um homem bonito e que ele adoraria transar; laika, a cadela russa que foi para o espaço, que significava pobrezinha, coitada; bambi, que queria dizer suave, aviadado; bagaceira, gíria gaúcha que ele trouxe para São Paulo e que significava de baixo nível; bolacha; nome meio para sapatão; do bem, para definir uma pessoa ou coisa legal (antônimo: do mal)... (DIP, 2009, p.71)

Em suas cartas muitas vezes esse tom humorístico aparecia. Na carta a Jacqueline Cantore, de onde foi tirada a citação que preenche o campo “Sobre” da página, Caio também usava esse mesmo tom, comparando o trabalho com o jardim à sua escrita e sua relação com a amiga que não via há tempos:

sa's, guriããã, nesta minha nova profissão de jardineiro tenho aprendido muitas cōsas novas. Minha vida não sei, mas meu jardim certamente daria um romance, inaugurando quem sabe a linha lítero-vegetal? O perigo seria os críticos-najas me chamarem de escritor-vegetativo, lógico. Mas perigos sempre há, desde que se saiu do útero, e até antes, durante imagino que muito mais. [...]

Amor não resiste a tudo, não. Amor é jardim, Amor enche de erva daninha. Amizade também, todas as formas de amor. Hay que trabalhar y trabalhar, sabes? Pois acho que nossa relação de uns anos para cá encheu de tanta erva daninha que, quanto a mim, pelo menos, já não dou conta desse matagal. (MORICONI, 2002, p.329-330)

Além do uso do humor, presente especialmente em suas crônicas e cartas, o cuidado com a linguagem permeia toda a obra do escritor como pode ser notado, por exemplo, no trecho do conto “Eles” do livro *O ovo apunhalado* (1975):

Aquele menino trazia na testa a marca inconfundível: pertencia àquela espécie de gente que mergulha nas coisas às vezes sem saber por que, não sei se na esperança de decifrá-las ou se apenas por mergulhar. Essas são as escolhidas, as que vão ao fundo, ainda que fiquem por lá. (ABREU, 1975, p.49)

Ao analisarmos as características de sua obra, no que diz respeito não só às temáticas, mas também à linguagem, é possível concluir que elas são responsáveis pelo seu merecido reconhecimento. De maneira curiosa foi primeiramente em países como Itália, França e Holanda que a literatura de Caio teve notoriedade; no Brasil embora já tivesse muitos leitores e premiação sua fama mesmo chegou postumamente. As várias peças encenadas, nos diversos palcos brasileiros, têm atraído centenas de espectadores. Sua narrativa tensa e dramática, bem como sua linguagem, por vezes, imagética, têm servido de material farto para diversos atores e diretores. Na peça “O homem e a mancha”, disponível no livro *Teatro completo* (1997), organizado por Luiz Arthur Nunes, podemos notar a densidade e dramaticidade de seu texto, bem como a qualidade de sua linguagem, a exemplo do trecho a seguir:

ATOR - Ladies and gentiemen, eu sou um ator. Meu nome é Carlos. Como

vocês podem ver, eu sou mais ou menos alto, meio magro, um pouco tímido. Não tenho muitos cabelos nem muitos músculos, mas acho que sou... Simpático, engraçado. Eu conheço bem meu corpo, sei me movimentar, fazer gestos dramáticos, divertidos, estranhos, assustadores. (*Faz vários gestos, posa, ilustrando o que diz.*) Eu também sei cantar (improvisa, cantarola alguma coisa), sei dançar (dança um pouco, flamenco seria o ideal), mas sei principalmente representar.

(*O Ator recita qualquer coisa breve — Shakespeare, tragédia grega, Molière, ou cada noite um texto diferente. O importante é que seja alguma coisa bem conhecida do público.*)

ATOR (*Mais sério.*) — Quando represento, eu continuo sendo eu, mas também, ao mesmo tempo, passo a ser um outro. Eu não seria um ator se não conseguisse ser também esse outro. E não estou falando do outro que me assiste, embora eu também seja esse, porque ele sempre se vê em mim, mesmo quando não gosta do que vê. Falo principalmente daquele outro em que eu me torno, que eu incorporo, que eu me transformo quando estou sendo um ator. O personagem, é dele que eu falo. Um ator não é uma ator sem um personagem. (*Pausa, confuso.*) Bom, então, agora, aqui... será que eu não sou um ator? Será que eu não sou eu? Será que eu não sou nada, meu Deus? Será que estou muito chato? Será que estou pirando? Onde está o personagem?

(*O Ator vai ficando cada vez mais frenético. Caminha pelo palco procurando, depois sai de cena. As últimas falas são dadas em off.*)(ABREU, 1997, p.130)

Seu reconhecimento como dramaturgo veio com o prêmio Molière em 1989 com sua parceria com Luiz Arthur Nunes em “A maldição do Vale Negro”.

Assim sua obra segue sendo relida e reatualizada com o passar do tempo. Nas redes sociais, tem estado presente de forma substancial, especialmente no *Facebook*. No *site*, Caio Fernando Abreu parece ser considerado uma espécie de “guru” da nova geração conectada. São dezenas de perfis dedicados a ele, que se beneficiam da não restrição do tamanho do texto, para divulgar, na sua grande maioria, trechos e, em alguns casos, até contos completos. Muitos deles utilizam dois tipos de linguagem: a escrita, com trechos do autor, e imagens selecionadas pelos(as) criadores(as) da página, que acreditam servir como uma espécie de ilustração daquilo que está sendo veiculado.

Esses conteúdos, criados exclusivamente pelos usuários, recebem milhares de compartilhamentos diários. Assim, o escritor tem se tornado popular, sobretudo, entre os jovens. Apesar de quase duas décadas de sua morte, parece que sua obra nunca foi tão lida, tão comentada ou (utilizando um termo comum nas redes sociais) *compartilhada*.

Embora tendo sido autor de expressiva e qualificada obra, nenhum de seus livros foi um *best-seller*. Ainda assim foi reconhecido pela crítica, através de inúmeros prêmios e traduções. Menção honrosa do Prêmio José Lins do Rego para

o conto “Três tempos mortos”; prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de escritores (UNEB) para a coletânea de contos *Inventário do irremediável*, em 1969; prêmio do Instituto Estadual do Livro em 1972 para o conto “Visita” publicado posteriormente em *O ovo apunhalado* (1975); menção honrosa ao livro *O ovo apunhalado* (1975) do Prêmio Nacional de Ficção em 1973; *O ovo apunhalado* (1975) foi reconhecido pela *Veja* como um dos melhores livros do ano de 1975; a peça “Pode ser que seja só o leiteiro lá fora”, primeiramente intitulada “Uma visita ao fim do mundo”, recebeu o Prêmio Leitura do Serviço Nacional de Teatro também no ano de 1975; Prêmio Status de Literatura para o conto “Sargento Garcia”, em 1980; *Triângulo das águas* ganhou o prêmio Jabuti em 1984; Prêmio Molière junto com Luiz Artur Nunes pela autoria do melodrama “A maldição do Vale Negro” no ano de 1989; *Onde Andará Dulce Veiga?* recebeu em 1991 o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor romance do ano; foi escolhido pela Câmara Rio-Grandense do Livro para ser patrono da 41ª Feira do Livro de Porto Alegre em 1995; *Ovelhas Negras* recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro de contos do ano de 1996.

Não só através de prêmios e menções honrosas a obra de Caio foi reconhecida - e traduzida em diversos países -, o autor também participou de diversos seminários e eventos literários representando nosso país. No ano de 1991, em Londres, o livro *Os Dragões não conhecem o paraíso* recebeu tradução para o inglês sob o título de *Dragons*, publicado pela editora Boulevard Books, traduzido por David Treece; em Paris foi traduzido sob o título: *Les dragons ne connaissent pas le paradis*, pelas edições Complexe, tradução de Claire Cayron, também no ano de 1991. No ano seguinte residiu três meses na França, em Saint-Nazaire, como escritor/residente na Maison des Écrivains et des traducteurs Étrangers (MEET), onde escreveu a novela “Bien loin de Marienbad”.

No ano de 1993, Caio realizou leituras de sua obra em Amsterdam, Utrecht e Haia na Holanda. Participou, em Berlim, do Congresso Internacional de Literatura e Homossexualismo¹⁷. Em Milão, lançou, em italiano, *Dov'è finita Dulce Veiga?*, pela editora Zanzibar, traduzido por Adelina Aletti. No mesmo ano, representou o Brasil

¹⁷ O termo homossexualismo, de maneira geral, é rejeitado pela comunidade gay, uma vez que foi cunhado em meados do século 19, sendo impregnado de conotações médicas, patológicas. Somente em 1990 a Organização Mundial da Saúde excluiu a homossexualidade da lista de distúrbios mentais, a partir dessa exclusão houve uma mudança cultural, assim, o termo mais aceito passou a ser homossexualidade.

na III Interlit, Encontro Internacional de Escritores, em Erlangen, na Alemanha, junto dos escritores Rubem Fonseca e Sonia Coutinho, bem como realizou leituras de sua obra em Erlangen, Nüremberg e Berlim.

Em 1994 foram lançados no Salão do Livro de Paris: *Qu'est devenue Dulce Veiga?*, publicado pelas edições Autrement; "Bien loin de Marienbad", publicado pelas edições Arcane 17 e "L'Autre voix", publicado pelas edições Complexe. Todos traduzidos por Claire Cayron. Já em Porto Alegre realizou leitura dramática de seu monólogo teatral "O homem e a Mancha", no primeiro Porto Alegre em Cena. Em Amsterdam lançou de *Waar zit Dulce Veiga?*, traduzido por Maartje de Kort e participou da 46ª Feira Internacional do Livro de Frankfurt que teve o Brasil como país-tema. Na Alemanha lançou *Waas Geschach Wirklich mit Dulce Veiga?*, traduzido por Gerd Hilger.

No ano de 1995, participou da antologia *The Penquim Book of International Gay Writing* com o conto "Beauty (Linda, uma história horrível)", traduzido por David Treece. Em setembro do mesmo ano, na Itália, as edições Zanzibar publicaram "Molto Lontano di Marienbad", com tradução de Bruno Parsico.

A partir desse breve apanhado, podemos perceber que a carreira de Caio teve, por parte da crítica, ótima recepção, tendo sido reconhecido, inclusive, internacionalmente.

Como podemos notar, a partir desse apanhado, o seu período de maior notoriedade foi justamente antes de sua morte. Agora, entretanto, anos depois, Caio Fernando Abreu parece "renascer" para uma geração, obviamente, de maneira nova, o que justifica essa investigação. Para que possamos entendê-la, buscaremos investigar a seguir como a informática, e mais precisamente, a *internet* mudou a maneira de comunicação e relacionamento com o mundo.

2 O EFEITO FACEBOOK E A LITERATURA DE CAIO FERNANDO ABREU: NOVAS POSSIBILIDADES

Em 1948, ano de nascimento de Caio Fernando Abreu, o uso que é feito hoje da informática e da *internet* parecia uma realidade ainda distante. Como nos aponta o filósofo Pierre Lévy (1993), pesquisador da cultural virtual contemporânea:

Os primeiros computadores (calculadoras programáveis capazes de armazenar os programas) surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945. Por muito tempo reservados aos militares para cálculos científicos, seu uso civil disseminou-se durante os anos 60. A virada fundamental data, talvez, dos anos 70. O desenvolvimento e a comercialização do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico) dispararam diversos processos econômicos e sociais de grande amplitude. (LÉVY, 1993, p.31)

Hoje, no entanto, a discussão acerca da importância da informática em nossas vidas parece superada. Na pós-modernidade, as novas tecnologias da informação foram incorporadas ao dia a dia de maneira irreversível. Estão presentes nas mais diversas atividades, desde transações bancárias, passando por exames médicos, chegando às novas maneiras de relacionamento com o outro.

Facilmente listaríamos uma série de atividades cotidianas que são mediadas pela informática, no entanto, a questão parece transcender a esse ponto. Segundo Lévy (1993): “Os produtos da técnica moderna, longe de adequarem-se apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos.”(1993, p.15-16)

Como “fontes do imaginário” esses produtos passaram de simples máquinas a meios de expressão, ocupando lugar de destaque na constituição da identidade, propondo-nos novas formas de convivência e de pensamento. Numa acepção de *identidade*, dicionarizada¹⁸, já se concebe a ideia de “circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja”, o que se relaciona com a noção de substância que nos forma, criada a partir de um sem número de variantes, de cunho social, econômico, cultural e sexual, que se constroem e se redefinem constantemente.

¹⁸Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/identidade>
Acesso em: 26 maio 2015.

Para o semiólogo francês Eric Landowski (1997), a identidade de um indivíduo passa, invariavelmente, pelo outro, pois, só pode construir-se a partir da diferença. Assim,

[...] o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo *a alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (1997, p.4)

Segundo o autor, as sociedades definem um “modelo de referência” ou o “Senhor Todo mundo”, aquele que defende “um valor *universal* aos usos locais, aos modos de viver, de agir e de reagir, de sentir e de pensar que são os ‘nossos’” (LANDOWSKI, 1997, p.5). É a partir, também, do grau de aproximação desse “modelo” que se constrói a identidade. Atualmente, o outro, o diferente, o estrangeiro parece mais próximo do que antes e é a partir dessa proximidade que se inicia um processo de busca da nossa própria identidade:

[...] a emergência do sentimento de ‘identidade’ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser construída. Mas tudo indica que este Outro que pressupõe a auto-identificação do Si está hoje, socialmente falando, mudando de estatuto. Outrora ainda distante, ele se instala atualmente entre nós. Não basta mais entender ou mitificar a cultura – o exotismo – do outro, imaginando à distância sob os traços do ‘estrangeiro’; agora é preciso viver, na imediatidade do cotidiano, a coexistência com os modos de vida vindos de outros lugares, e cada vez mais heteróclitos. (LANDOWSKI, 1997, p.4)

Essa ideia de proximidade é também compartilhada por Kristeva (1994), ao afirmar que: “A modificação da condição dos estrangeiros, que atualmente se impõe, leva a refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade.” (1994, p.9)

Na sociedade pós-moderna, a percepção do outro e de nós mesmos parece estar se modificando, segundo afirma o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall (2006):

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, como cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.10)

O autor assegura que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2006, p.7). Essa mudança de uma posição a outra parece ocorrer de maneira rápida, o que é, segundo Hall (2006) uma característica das sociedades modernas, que são, por definição “sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’.”(2006, p.14)

Nesse sentido, os avanços da informática alinham-se, de maneira significativa, à redefinição da identidade, uma vez que permitem, cada vez mais, novas conexões e usos:

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e uso. (LÉVY, 1993, p.102)

Lévy, ao estudar as tecnologias da inteligência, reforçou, de maneira decisiva, a definição do conceito de hipertexto, criado no início dos anos sessenta pelo filósofo e sociólogo estadunidense Theodore Nelson:

[...] Nelson persegue o sonho de uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria de nossos dias. Milhões de pessoas poderiam utilizar Xanadu, para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede, anotar os comentários, etc. Aquilo que poderíamos chamar de estado supremo da troca de mensagens teria a seu encargo uma boa parte das funções preenchidas hoje pela editoração e o jornalismo clássicos. Xanadu, enquanto horizonte ideal ou absoluto do hipertexto, seria uma espécie de materialização do diálogo incessante e múltiplo que a humanidade mantém consigo mesma e com seu passado. (LÉVY, 1993, p.29)

Xanadu seria, então, essa imensa rede que permitiria aos seus usuários interagirem de maneira livre, ganhando, assim, papel de destaque na recepção e na interpretação das diversas obras nela disponíveis. Nesse aspecto, as pretensões de Nelson para o uso da informática parecem estreitar-se com o uso da literatura, proposto por alguns estudiosos. Assim, o conceito de hipertexto aproxima-se, de maneira significativa a questões basilares da Estética da Recepção: o papel da recepção e o destaque ao leitor. Para essa corrente a ideia de rede e de

comunicação entre outras obras é fundamental para que o leitor lance mão do seu conhecimento de mundo, a fim de criar expectativas a respeito da obra que está lendo, conforme postula Jauss (1993):

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do 'meio e do fim' da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo regras de jogo relativamente ao gênero ao tipo do texto. (JAUSS, 1993, p.66-67)

Tanto a Estética da Recepção quanto o projeto de Nelson parecem apontar para caminhos similares. Neles, o destaque é o leitor/navegador: é ele quem interpreta, interage com a obra. Outro ponto de similitude é a ideia dessa verdadeira rede, no caso de Jauss, entre obras literárias, e, no de Nelson, entre as mais diversas manifestações artísticas, que estariam em diálogo através das novas tecnologias da informação.

O propósito apresentado por Nelson parece dar conta da importância da necessidade de autonomia para o usuário ressignificar suas leituras, conforme afirma Lévy (1993):

O que é a significação? Ou, antes, para abordar o problema de um ponto de vista mais operacional, em que consiste o ato de atribuir sentido? A operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. É sabido que pessoas diferentes irão atribuir sentidos por vezes opostos a uma mensagem idêntica. Isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro o hipertexto pode diferir completamente. O que conta é a rede de relações pela qual a mensagem será capturada, a rede semiótica que o interpretante usará para captá-la. (1993, p.72)

O princípio de hipertexto, proposto por Nelson e defendido por Lévy, e a ideia de não-ineditismo apresentada por Jauss parecem dar mostras das inúmeras possibilidades que a rede mundial de computadores e a literatura nos proporcionam. Dessa maneira, acreditamos que a aproximação entre essas duas realidades ocorre atualmente de maneira intensa e esperada, uma vez que ambas permitem uma teia

de referências, bem como a possibilidade de explorarmos uma multiplicidade de significações.

Embora, a ideia de rede tenha surgido há muitas décadas, a sua concretização parece ter se dado no momento em que foram criadas as chamadas redes sociais. Nelas, o usuário tem a autonomia necessária para produzir sentido, para ressignificar. Nesse contexto, para entendermos o novo lugar da literatura em época de informática, e mais especificadamente, o espaço da literatura de Caio Fernando Abreu nessa nova configuração, é imperativo compreendermos melhor a rede social *Facebook*, eleita nessa pesquisa. Assim, julgamos oportuno analisar suas políticas de conteúdos e a maneira como sua criação e evolução geraram impactos na sociedade.

Percebe-se que o *Facebook* mudou de maneira significativa a forma de lidar com diferentes aspectos sociais. Por esse motivo, a literatura não poderia ficar de fora dessa mudança, já que se trata de um fenômeno cultural, inserido no nosso mundo. Ao compreendermos melhor essa rede social, buscaremos analisar de que maneira a literatura do escritor gaúcho aparece nessa nova realidade.

A utilização do *Facebook* parece uma atividade relativamente orgânica para 1,39 bilhões de pessoas ao redor do mundo. Se lembrarmos que a população mundial é de 7,2 bilhões, é inegável o seu alcance, no entanto, talvez não paremos para pensar sobre seus efeitos em nossas vidas.

Embora tenha tido um crescimento inesperado, que causou agitação no mercado financeiro estadunidense, o *Facebook* surgiu a partir de uma ideia relativamente simples. Mark Zuckerberg, com a ajuda de dois colegas de quarto em Harvard, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, pretendia encontrar uma maneira de exibir *on-line* as fotos constantes no livro de retratos dos calouros de Harvard. Assim nasceu o *TheFacebook*. Ainda que Mark não tivesse ideia da dimensão de seu projeto, nas etapas seguintes de crescimento o *Chief Executive Officer (CEO)* mostrou-se hábil em transformar a rede no que conhecemos hoje. Enfrentando desde dificuldades judiciais - alguns colegas o acusaram de plágio - até as pressões para vender a empresa em fase de expansão, o jovem *CEO* construiu não só um projeto promissor financeiramente, mas um conceito que mudou os rumos da *internet*.

Mesmo passados mais de dez anos de sua criação, Mark seguiu cuidando de seu produto de perto, no intuito de que sua ideia inicial não se perdesse em função

de questões de mercado. O jornalista de tecnologia David Kirkpatrick chamou o conceito criado por Mark, e mais que isso, as consequências dele na vida das pessoas de “efeito *Facebook*”. Em entrevista concedida a Kirkpatrick (2011), Zuckerberg mesmo define seu produto:

Nós somos um serviço público [...] Estamos tentando aumentar a eficiência com que as pessoas compreendem o seu mundo. Não estamos tentando maximizar o tempo que passam em nosso site. Estamos tentando ajudá-las a ter uma experiência satisfatória e a aproveitar ao máximo esse tempo. (2011, p.18)

O efeito *Facebook* pode ser sentido nas mais diversas esferas da vida. Conforme Kirkpatrick (2011), o *Facebook*: “[...] está dando a indivíduos em sociedade de todo o mundo mais poder em relação às instituições sociais, e isso pode levar a mudanças muito perturbadoras.” (2011, p.9-16). Exemplo desse poder ocorreu em junho de 2014 no Brasil, quando houve uma enorme mobilização nas principais cidades contra o aumento da passagem do transporte público. Toda a organização do movimento, como pautas, horário, data e local de encontro foram divulgados através de eventos criados na rede social. O movimento brasileiro batizado de Jornadas de Junho serviu para mostrar o poder de mobilização do povo. Muitas prefeituras recuaram nos aumentos inicialmente propostos e pareceram ouvir as vozes que vinham da rua, mediadas por essa nova forma de comunicação e socialização. A partir desse episódio, foi possível notar maior atenção da grande mídia e do governo em relação à rede.

Segundo análise de Kirkpatrick (2011), sendo “uma forma de comunicação fundamentalmente nova, o Facebook também produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos” (2011, p.15). Na realidade o que tem de novo em relação a, por exemplo, o *e-mail*, principal meio de comunicação mediado pela *internet* até então, é que no *Facebook*, “você pode enviar mensagens para outras pessoas mesmo que não esteja explicitamente tentando fazer isso”. (KIRKPATRICK, 2011, p.16)

Por exemplo, no caso das Jornadas de Junho, aqueles que confirmaram sua participação em qualquer uma das diversas passeatas marcadas via *Facebook*, exibiram em suas páginas pessoais essa informação, fazendo com que mais pessoas conhecessem o movimento e aderissem ou não. O ineditismo relaciona-se ao fato de que a pessoa que confirmou a presença não está necessariamente

convidando outras, está apenas declarando algo sobre si. Contudo, considerando a forma como o *site* foi projetado, essa informação tem longo alcance, o que facilitou, da noite para o dia, o crescimento do grupo que era contrário ao aumento das passagens, resultando em uma grande mobilização.

Conforme defende Kirkpatrick (2011), trata-se do ingrediente político e social incontestável dessa nova plataforma:

Ele muda a forma como as pessoas se comunicam e interagem, como os comerciantes vendem seus produtos, como os governos chegam aos cidadãos e até como as empresas operam. Está alterando a natureza do ativismo político e, em alguns países, está começando a afetar o processo da própria democracia. Já não é apenas um brinquedo para estudantes universitários. (2011, p.24)

Ao ter saído do ambiente das principais universidades americanas e ter ganhado o mundo, de maneira paulatina, o *Facebook* foi se tornando, para cada usuário, uma ferramenta para os mais diversos fins. Alguns reencontraram familiares e amigos, apenas pesquisando seus nomes completos, uma vez que, inicialmente o *site* não permitia cadastro de nomes falsos, diferentemente de outra grande rede social que fez sucesso nos Estados Unidos, o *MySpace*. Outros encontraram nele a oportunidade de divulgar suas ideias, suas criações, enfim, sua arte. Alguns o entendem como um mero instrumento de celebração de detalhes do cotidiano, exaltando, por vezes, o narcisismo.

Para entendermos melhor o funcionamento do *site*, julgamos importante salientar a distinção feita pela jornalista e pesquisadora de redes sociais Raquel Recurdo (2009) entre *sites* de redes sociais e redes sociais propriamente ditas:

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. [...] falaremos em dois tipos de sites de redes sociais: aqueles apropriados e aqueles estruturados. [...]. Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do *Orkut*, do *Facebook*, do *LinkedIn* e vários outros. (2009, p.103-104)

As múltiplas possibilidades oferecidas pelo *Facebook* segundo Dustin Moskovitz, um dos cofundadores do *site*, foram notadas desde o início: “as pessoas

perceberam intuitivamente que, se aquilo pretendia lhes oferecer uma forma de expressar on-line sua verdadeira identidade, então suas opiniões e paixões sobre as questões do momento eram um elemento dessa identidade.” (KIRKPATRICK, 2011, p.14).

Em última instância, a ideia de Mark Zuckerberg é dar poder ao indivíduo. Para ele, a coisa mais importante que o Facebook pode fazer é dar às pessoas ferramentas que lhes permitam se comunicar de forma mais eficiente e prosperar em um mundo no qual estamos cada vez mais cercados de informações, não importa o que fizermos. Ele quer ajudar a impedir que as pessoas fiquem mais e mais subjugadas à medida que grandes instituições, tanto empresariais quanto governamentais, obtêm recursos computacionais e de informação cada vez mais vastos. (KIRKPATRICK, 2011, p.351)

Logo, a maneira de pensar e, sobretudo, de gerenciar essa nova ferramenta fez com que o jovem *CEO*, apresentasse ao mundo novas possibilidades. Por exemplo, comercialmente o chamado efeito *Facebook* mudou transações comerciais ao permitir pequenas empresas criassem páginas para divulgar seus serviços, podendo atingir o mesmo número de visualizações de uma empresa multinacional. Na mídia também não foi diferente,

[...] o Efeito Facebook tem implicações potencialmente profundas para a mídia. No Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos. O Efeito Facebook pode criar uma repentina convergência de interesses em torno de uma notícia, uma música ou um vídeo do YouTube. (KIRKPATRICK, 2011, p.16)

Dentro do contexto criado por essa plataforma, a literatura parece também encontrar seu espaço. Ao navegarmos pelo *site* podemos acompanhar a produção de alguns escritores contemporâneos que se utilizam dessa ferramenta para divulgar textos ou obras, bem como circular por centenas de páginas dedicadas à literatura e seus autores.

O historiador francês Roger Chartier, ao se referir à revolução do livro eletrônico e suas diferenças entre o livro de papel, faz uma afirmação que pode ser relacionada à forma como ocorrem as postagens no *Facebook*:

A revolução diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. Correm o risco de serem pulverizadas as noções de autor, editor e distribuidor, que mal se puderam fixar, numa época bastante recente, que coincide com a industrialização do livro.” (CHARTIER, 1999, p.16).

Ainda que algumas noções tenham sido pulverizadas, conforme afirma Chartier, cabe um questionamento que tem por base as especificidades próprias do literário: não é o leitor que, a partir das potencialidades linguísticas do texto literário, faz a *sua* leitura? A ele, dentro do contexto que lhe é dado, não é facultada a forma de compreensão e de uso do texto?

Então, se partirmos do princípio básico da tríade autor-obra-leitor postulada pela Estética da Recepção, sem dúvidas questionar o que se tem feito com aquilo que é lido de Caio Fernando Abreu envolve o processo de subjetividade do leitor. Uma vez que sabemos da importância do leitor, do seu papel de destaque na leitura:

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade [...]. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde início, expectativas a respeito do “meio e do fim” da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto. (JAUSS, 1993, p.66-67)

Assim, é inegável o papel do leitor, já que sem ele não há obra literária. Conforme postula Jauss (1993):

No triângulo formado pelo autor, a obra e o público, este último não é de forma alguma um elemento passivo, que apenas reagiria em cadeia, mas antes uma fonte de energia que contribui para fazer a própria história. A vida da obra na história não é pensável sem a participação ativa daqueles a quem se dirige. (1993, p.56-57)

Ao pensarmos a obra de Caio Fernando Abreu no espaço virtual impõe-se a reflexão acerca do contexto de veiculação. Consequentemente, surgem alguns questionamentos: ler uma frase retirada de um conto, de um livro que faz parte da obra é ler Caio Fernando Abreu? A frase fora do livro, do contexto, ainda faz parte desta obra? E mais, o fato de não sabermos a que livro pertence nos permite entender aquela frase como representativa da literatura desse escritor?

A partir desses questionamentos defendemos uma obra múltipla e aberta, e sabemos que o autor não é seu “dono” uma vez que a leitura só se dá com a participação do leitor. Segundo Roland Barthes (2012),

um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas

um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. (2012, p.62)

A partir dessa perspectiva aquele que lê produz o seu sentido do texto: a “mensagem” do autor não tem importância, mas sim o contexto criado pelo texto. Nessa nova configuração, frases retiradas de seus livros são transformadas em espécies de conselhos, o que pode ser observado através da pesquisa de algumas páginas e comunidades que tem como títulos: “Conselhos de Caio Fernando Abreu” ou ainda, “Indiretas de Caio Fernando Abreu”. Essa licença oferecida ao leitor lhe dá o direito de entender o texto como lhe convém, no entanto, para aqueles que conhecem sua obra, não deixa de ser, de certa forma, irônico, uma vez que muitos de seus escritos são carregados de pessimismo e sentimentos sombrios. Como por exemplo no conto “Os sobreviventes” do livro *Morangos Mofados* (1982):

Quanto a mim, a voz tão rouca, fico por aqui mesmo comparecendo a atos públicos, pichando muros contra usinas nucleares, em plena ressaca, um dia de monja, um dia de puta, um dia de Joplin, um dia de Teresa de Calcutá, um dia de merda enquanto seguro aquele maldito emprego de oito horas diárias para poder pagar essa poltrona de couro autêntico onde neste exato momento vossa reverendíssima assenta sua preciosa bunda e essa exótica mesinha-de-centro em junco indiano que apoia nossos fatigados pés descalços ao fim de mais outra semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas, maus orgasmos e crediários atrasados. (2005, p.10)

Embora tais questões sejam claramente complexas, exigindo maiores investigações, cabem aqui algumas breves considerações sobre o tema. Se ao lermos uma frase de Caio Fernando Abreu postada nas inúmeras páginas dedicadas ao autor no *Facebook* automaticamente a imaginamos parte integrante de um objeto literário reconhecendo, assim, a liberdade do leitor. Nessa perspectiva, como nos alerta Jean-Paul Sartre (1989) “o objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura dura.” (1989, p.35)

No entanto, se essas frases lidas não estiverem no contexto de um objeto literário é que a questão nos parece mais problemática. Se entendemos que:

Ler implica prever, esperar. Prever o fim da frase, a frase seguinte, a outra página; esperar que elas confirmem ou infirmem essas previsões; a leitura se compõe de uma quantidade de hipóteses, de sonhos seguidos de despertar, de esperanças e decepções; os leitores estão sempre adiante da frase que leem, num futuro apenas provável, que em parte se desmorona e em parte se consolida à medida que a leitura progride, um futuro que recua

de uma página a outra e forma o horizonte móvel do objeto literário. Sem espera, sem futuro, sem ignorância, não há objetividade. (SARTRE, 1989, p.35-36)

Logo, se uma frase não foi lida no interior de uma obra, ainda assim temos literatura? A liberdade do leitor é tanta que ele pode, inclusive, optar por nem ler? Na rede social não há a leitura do texto completo, dessa maneira, todos os esquemas de antecipações, previsões e esperas descritas acima por Sartre parecem não mais fazer parte da leitura. No caso de Caio Fernando Abreu, percebemos que há uma espécie de criação de aforismos que cabem perfeitamente para o princípio proposto pelo *Facebook*. Barthes (2012) defende, ao falar do texto, esse direito do leitor:

[...] nenhum “respeito” vital é, pois, devido ao Texto; ele pode ser *quebrado* (é o que fazia a Idade Média com dois textos, aliás, autoritários: as Escrituras e Aristóteles); o Texto pode ser lido sem a garantia de seu pai; a restituição do intertexto vem abolir paradoxalmente a herança. (BARTHES, 2012, p.72)

No entanto, é importante notar que o autor refere-se sempre a texto. Os fragmentos textuais lidos e postados estão, num primeiro momento, necessariamente associados a uma obra para que assim façam sentido. A descrição feita por Barthes para um Texto nos parece distante se a aplicarmos a uma única frase solta, captada fora do contexto, ou seja, do conto ou romance da qual foi lida e posteriormente copiada. Podemos afirmar que se trata de Textos ou apenas recortes do que um dia compôs um Texto? E mais, esses recortes podem ser considerados Textos, segundo a concepção de Barthes?

Ousamos afirmar que há aí um novo tipo de leitura, diferente daquela descrita por Sartre (1989) no que diz respeito à previsão das páginas seguintes, já que a frase encontra-se fora do contexto, não nos permitindo identificar de imediato o “antes e depois” daquela sentença. Porém, ao mesmo tempo, parece, em outro sentido, assemelhar-se a sua descrição, uma vez que a liberdade do leitor, defendida pelo filósofo francês, atinge seu grau mais elevado. Ao aceitarmos essa liberdade, entendemos que a partir da leitura é possível que faça dela o que lhe parece melhor, inclusive, retirar do objeto literário, tornando-se, assim, outro objeto, ainda inominado. A liberdade do leitor então chegaria a um nível tão alto que, ao deparar-se com o objeto literário e ao entregar-se a ele com a generosidade descrita por Sartre, sua reação nos tempos que correm seria compartilhar com o próximo.

Enfim, na hipótese de o objeto literário ter sido realmente lido, a postagem em uma rede social como o *Facebook* seria a entrega generosa do leitor apontada por Sartre. Teríamos então o que Barthes (2012) chamou de “ler levantando a cabeça”: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*”(2012, p.26)

Desse *levantar de cabeça* apontado por Barthes surgiria o próximo passo da era pós-moderna: compartilhar. E de que maneira mais rápida e prática que o *Facebook*? Com uns minutos de digitação e alguns cliques aquilo que fez o leitor levantar a cabeça é compartilhado com um número incalculável de pessoas que só tende a aumentar. Aquele que lê nas redes sociais não tem o mesmo prazer daquele que deposita o livro no colo ou sobre a mesa para erguer a cabeça como num gesto de contemplação, de reflexão. Não, seu movimento é outro: clicar no “curtir” ou no “compartilhar” e manter em rede o sentimento experimentado pelo primeiro leitor. Segundo Recuero (2014)

O botão “curtir” parece ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida. Além disso, ao “curtir” algum enunciado, os atores passam a ter seu nome vinculado a ele e tornam público a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida” [...]. Compartilhar uma informação também é tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada. (2014, p.119-120)

Pela própria natureza do *Facebook* é nítido que os fragmentos textuais e a propagação de citações são as formas mais propícias e mais utilizadas para que um texto possa ser compartilhado, curtido e comentado.

No entanto, essa fragmentação não é característica base do texto eletrônico, ou antes, difundido em meio eletrônico? Conforme afirma Chartier (1998):

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descomporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar? Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, plágio, de empréstimo, já estão ligados a essa dupla questão: a dos critérios

que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. (1998, p.67)

Entendendo ou não essas postagens como parte integrante de um objeto literário, esse fenômeno popularizou Caio Fernando Abreu, considerado por um lado incomum por tratar de temas pouco explorados em sua geração como a (homo)sexualidade e a AIDS. Por outro, reconhecido pela crítica tendo recebido diversos prêmios e traduções em países como Itália, França e Alemanha.

Até então, Caio Fernando Abreu era pouco estudado no meio acadêmico, em comparação com outros escritores, pois não era “clássico” ou “canônico” suficiente. Hoje, no entanto, parece pairar no ar uma sensação de que agora se tornou popular demais, e, por isso, também pouco estudado, se compararmos com outros escritores, embora sua obra permita uma reflexão sobre as dificuldades de adaptação às transformações sociais e culturais dos grandes centros urbanos. Além desses, temas como a solidão e a busca pelo amor, parecem justificar tamanho interesse nas redes sociais.

Segundo Kirkpatrick (2011), o principal valor defendido por Zuckerberg na criação e manutenção do seu produto é a liberdade, de acordo com o jornalista até mesmo o lucro parece ocupar um lugar secundário nas preocupações do *CEO*: “Os valores de Zuckerberg refletem as liberdades do discurso americano. O *Facebook* leva esses valores a todo o mundo, e isso está tendo efeitos positivos e negativos.” (2011, p.297)

Para compreendermos melhor a dinâmica do *Facebook*, julgamos importante conhecer de maneira mais aprofundada as ferramentas que ele oferece aos usuários. Assim, definimos alguns conceitos fundamentais para a compreensão de seu funcionamento.

O primeiro deles é o conceito de páginas ou *fanpages*, segundo o *Facebook*, em sua Central de Ajuda, elas:

servem para empresas, marcas e organizações compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas. Assim como os perfis, você pode personalizar as Páginas publicando histórias, promovendo eventos, adicionando aplicativos e muito mais. As pessoas que curtirem suas páginas e os amigos delas poderão receber atualizações em seus *Feeds* de notícia. Você pode criar e gerenciar uma Página por meio de sua conta pessoal. Observação: caso queira criar uma Página para representar uma

empresa, marca organização ou celebridade, é necessário que você seja um representante oficial.¹⁹

Uma página pode ser criada por qualquer membro do *Facebook*, através de seu perfil pessoal. Não há a necessidade de um outro *e-mail* para criá-la. Da mesma maneira que ocorre com o perfil, todo o conteúdo produzido nela pode estar acessível para aqueles que seguem a página, ou os “curtidore” dela, em seu *Feed* de notícias²⁰. Quanto mais pessoas curtirem uma página, maior será seu alcance.

Embora, o próprio *Facebook* alerte sobre a necessidade de ser um representante oficial de alguma pessoa para criar e gerenciar uma página com seu nome, é notável que essa política é facilmente burlada. No caso específico de Caio Fernando Abreu em 30 de junho de 2015 identificamos um total de 97 páginas com seu nome.

O conteúdo das páginas são selecionados por aqueles que a administram, de posse do *e-mail* e da senha usada para criar a página é possível que mais de uma pessoa administre o conteúdo postado.

Outro conceito pertinente para que possamos compreender de maneira mais abrangente é o de grupo, segundo o *Facebook*:

Os grupos facilitam a conexão com grupos específicos de pessoas, como familiares, colegas de equipe ou de trabalho. Grupos são espaços privados onde você pode compartilhar atualizações, fotos ou documentos, além de enviar mensagens a outros membros do grupo. Você também pode selecionar uma das três opções de privacidade para cada grupo criado. Os grupos tornam mais fácil compartilhar com amigos, familiares e companheiros de equipe.²¹

Segundo o *Facebook*, os administradores são usuários que possuem mais poder dentro do grupo, são eles que gerenciam as atividades que acontecem dentro dele:

¹⁹ <https://www.facebook.com/help/281592001947683/> Acesso em: 05 jul. 2015.

²⁰ Segundo a Central de Ajuda do *Facebook*: “O Feed de notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e Páginas que você segue no Facebook. As histórias do Feed de Notícias incluem atualizações de status, fotos, vídeos, links, atividades de aplicativos e curtidas. Trata-se: As histórias que aparecem no Feed de Notícias são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. Isso ajuda você a ver mais histórias que sejam do seu interesse, compartilhadas pelos amigos com quem você mais interage. O número de comentários e curtidas que a publicação recebeu, bem como o tipo da história (por exemplo: foto, vídeo, atualização de status), também podem torná-la mais propensa a aparecer no seu Feed de Notícias. Caso você ache que não está vendo histórias que gostaria de ver ou que está vendo aquelas que não gostaria de ver no seu Feed de notícias, é possível ajustar suas configurações.

²¹ <https://www.facebook.com/help/162866443847527/> Acesso em: 05 jul. 2015.

Além de tudo o que os membros de um grupo podem fazer, um administrador ainda pode: Editar a descrição, marcações e as configurações do grupo; Adicionar outros administradores a um grupo; Remover publicações abusivas e remover ou bloquear membros; Quando você cria um grupo, automaticamente se torna o administrador dele. Senão, ao participar de um grupo com um ou mais administradores, você pode pedir que eles adicionem você como administrador.²²

Já o conceito de perfil foi descrito pelo *Facebook*, como:

um conjunto de fotos, histórias e experiências que contam a sua história. Seu perfil também abrange a sua Linha do Tempo. Aqui estão algumas das coisas que você pode fazer no perfil e na Linha do Tempo: Adicionar uma foto de capa; Editar suas informações básicas; Ir para histórias do passado; Visualizar um registro de sua atividade no Facebook; Mostrar as histórias que deseja destacar; Adicionar eventos cotidianos. Atualizar meu status; Ver e adicionar fotos; Compartilhar suas atividades em aplicativos; Ver os destaques de cada mês.²³

No momento de nossa pesquisa identificamos 82 perfis com o nome de Caio Fernando Abreu. Embora, o *Facebook* tenha se destacado inicialmente pela impossibilidade de utilizar nomes falsos, atualmente, essa prática tornou-se muito comum. Pois, para haver punição a uma pessoa que use um nome falso é necessário que outro usuário denuncie. Na Central de Ajuda, o *Facebook* apresenta os “padrões de nomes” que seriam aceitáveis pelo *site*, reforçando sua intenção de que os membros mantenham sua identidade real:

O Facebook uma é uma comunidade na qual as pessoas usam suas identidades verdadeiras. Pedimos que todas as pessoas forneçam os nomes que usam na vida real, para que você sempre saiba com quem está se conectando. Isso ajuda a manter a segurança da nossa comunidade. Evite adicionar qualquer um dos itens a seguir ao seu nome: símbolos, números, capitalização incomum, repetição de caracteres ou pontuação; Caracteres de diversos idiomas; Títulos de qualquer tipo (por ex.: profissional, religioso); Palavras, frases ou apelidos no lugar de um nome do meio; Qualquer tipo de palavra ofensiva ou sugestiva; Lembre-se também: O nome que você usar deve corresponder à sua identidade verdadeira, como os seus amigos lhe chamam na vida real e como mostram as nossas formas de identificação aceitáveis. Apelidos podem ser usados como primeiro nome ou nome do meio se forem uma variação do seu nome verdadeiro (como Edu, em vez de Eduardo). Também é possível listar um

²² <https://www.facebook.com/help/146441348760878?sr=3&query=grupos&sid=1pSVvXrRfXkVLHAXy>
Acesso em: 05 jul. 2015. Mantivemos a pontuação original apresentada no *site*.

²³ <https://www.facebook.com/help/133986550032744?sr=1&query=perfil&sid=1OJEYLroHo5iH149f>
Acesso em: 7 jul. 2015. Mantivemos a pontuação original apresentada no *site*.

nome adicional em sua conta (por ex.: nome de solteiro, apelido, nome profissional).

Os perfis são apenas para uso individual. Para profissionais, organizações e empresas, oferecemos as Páginas. Fingir ser alguém ou algo não é permitido.

Se seu nome verdadeiro não for informado na sua conta, altere seu nome.²⁴

Embora o posicionamento da empresa seja bastante claro no que diz respeito à identidade dos usuários, não é o que vemos acontecer. No caso de Caio Fernando Abreu, como mencionamos, são diversos perfis com seu nome e nenhum deles informa ser um representante autorizado ou oficial do escritor.

²⁴<https://www.facebook.com/help/405674989468892/> Acesso em: 7 jul. 2015. Mantivemos a pontuação original apresentada no *site*

3 UMA LEITURA, VÁRIAS LEITURAS: CAIO NO FACEBOOK

3.1 PÁGINAS OU FANPAGES

Ao buscarmos as páginas no *Facebook* com as palavras-chave “Caio Fernando Abreu”, o resultado da busca nos oferece inúmeras possibilidades. A maior delas em número de curtidores chama-se “Caio Fernando Abreu²⁵”, com 647.682 curtidores, no momento da pesquisa. No campo chamado “Sobre” há uma pequena citação: “Amor não resiste a tudo, não. Amor é jardim. Amor enche de erva daninha. Amizade também, todas as formas de amor.”(ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.329). Trata-se de um trecho de uma carta escrita a Jacqueline Cantore em 9 de março de 1995, ano em que Caio voltou a morar com seus pais em Porto Alegre na casa do bairro Menino Deus, onde buscava cuidar melhor de sua saúde e dedicava-se ao jardim.

Embora o trecho seja da autoria de Caio, a carta, naturalmente, não foi escrita com vistas à publicação. No entanto, sua forma de escrever e a preocupação com a linguagem parecem ser as mesmas conhecidas de suas narrativas.

No campo “informações pessoais”, encontramos uma pequena biografia do autor:

Caio Fernando Loureiro de Abreu (Santiago, 12 de setembro de 1948 – Porto Alegre, 25 de fevereiro de 1996) foi um jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro. Apontado como um dos expoentes de sua geração, a obra de Caio Fernando Abreu, escrita num estilo econômico e bem pessoal, fala de sexo, de medo, de morte e, principalmente, de angustiante solidão. Apresenta uma visão dramática do mundo moderno e é considerado um “fotógrafo da fragmentação contemporânea.”²⁶

Como a página foi criada no ano de 2010, após aproximadamente 5 anos de postagens, além do fato de não haver limites de postagens diárias, entendemos que a análise de todas elas seria muito trabalhosa e fugiria do foco da pesquisa. Dessa maneira, optamos por focalizar, nessa etapa, as três postagens mais recentes como amostra da maneira como a obra de Caio Fernando Abreu é difundida nela.

²⁵<https://www.facebook.com/caiofernandoabreu> Acesso em: 04 jul. 2015.

²⁶<https://www.facebook.com/caiofernandoabreu> Acesso em: 04 jul. 2015.

A mais recente do dia 05 de julho de 2015, foi compartilhada de outra página chamada “Edir Literatura”²⁷. Nela vemos a montagem com uma foto do físico Albert Einstein e a seguinte frase: “O mundo não será destruído por aqueles que fazem o mal, mas por aqueles que o olham e não fazem nada.” Obviamente, podemos notar que não há qualquer relação entre Caio Fernando Abreu e Albert Einstein. Nenhuma referência que pudesse aproximá-los é sugerida; ainda assim, a foto recebeu 624 curtidas até a data pesquisada, ou seja, esse é o número de pessoas que se identificaram, de alguma maneira, com a postagem mesmo que ela não tenha relação com a obra de Caio.

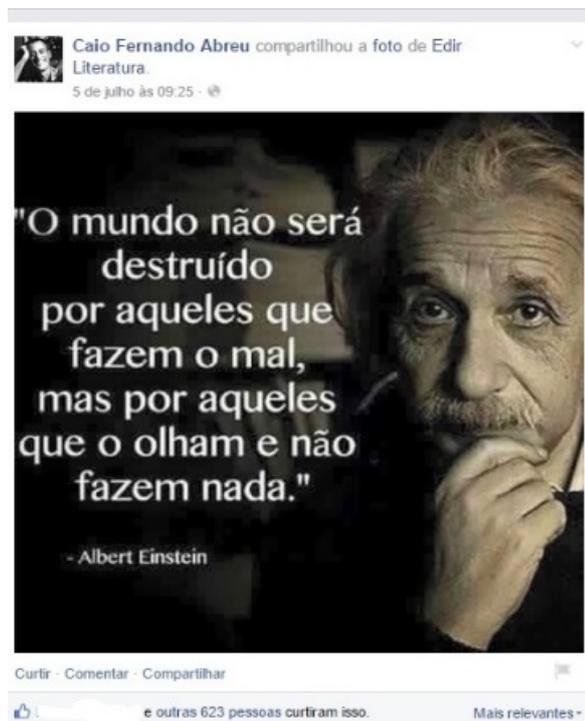


Ilustração 1: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 05/07/2015. Fonte: *Facebook*.

Anterior a essa postagem temos a frase “Faça o melhor, se prepare para o pior, não espere nada de ninguém, e o que vier é lucro.”, seguida de uma foto de uma moça admirando o céu.

²⁷<https://www.facebook.com/edirliteratura> Acesso em: 05 jul. 2015.



Ilustração 2: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 05/07/2015. Fonte: *Facebook*.

Em uma pesquisa no *site* de busca *Google*, não é possível precisar a autoria de tal frase – “Faça o melhor, se prepare para o pior, não espere nada de ninguém, e o que vier é lucro”. Alguns *sites* afirmam que ela é de Caio, embora não apontem a referência; outros indicam autoria de Clarice Lispector ou de Gabriela Magalhães, enquanto alguns afirmam que se trata de um provérbio chinês. A partir disso, podemos concluir que a questão da autoria não é uma preocupação da página, uma vez que a frase não pertence à obra de Caio Fernando Abreu. Uma hipótese é que os(as) administradores(as) julguem a frase semelhante a uma que poderia ter sido escrita por Caio e assim a inserem na página. No entanto, esse fato não parece perturbar os “curtidore”, uma vez que a publicação teve, até a data pesquisada, 1.170 curtidas e 11 comentários. A respeito dos comentários, ninguém questiona a autoria ou pede informações sobre a obra de onde a frase foi retirada, o que denota uma despreocupação também dos seguidores da página em relação a esse aspecto.

A última postagem que analisaremos dessa página, nessa etapa, é uma frase. Dessa vez, sem montagem e sem foto acompanhando: “A capacidade de se colocar no lugar do outro é uma das funções mais importantes da inteligência. Demonstra o grau de maturidade do ser humano.” A frase faz parte de uma entrevista do médico

psiquiatra Augusto Jorge Cury, cedida a revista *Única*²⁸. Mais uma vez, o fato de a frase não ser de Caio Fernando Abreu parece não incomodar os curtidores da página, já que a postagem atingiu, até o momento pesquisado, 4.820 curtidas e 26 comentários. Nenhum tipo de informação a respeito da obra, supostamente, de Caio de onde a frase seria originária aparece na publicação e também não há questionamento a respeito nos comentários. Supomos, inicialmente, que em uma página com o título “Caio Fernando Abreu” constariam frases ou informações referente à obra do escritor.

A segunda página pesquisada nessa etapa também chama-se “Caio Fernando de Abreu²⁹” e conta com 191.424, no momento desta pesquisa. No campo “informações da página”, encontramos a mesma biografia do autor que aparece na página anterior. A biografia utilizada nas duas páginas foi extraída do *site Wikipedia*³⁰.

Nas informações pessoais, encontramos a seguinte descrição: “Página criada e comandada por um fã do escritor, com o objetivo de disseminar a arte deixada por essa mente fascinante.³¹”

Da mesma maneira que fizemos como a página anterior, analisaremos as três postagens mais recentes. A mais atual data de 30 de junho de 2015; nela vemos um *emoticon*, - ícone que segundo a pesquisadora Leticia Jovelina Storto (2011), significa:

Em inglês emotion (emoção) + icons (ícones). Os emoticons são, portanto, ícones ou símbolos formados por sinais diacríticos e de pontuação que representam emoções, mas não só isso, atualmente eles simulam também características físicas, letras, palavras ou frases (,), sinais, atitudes e ações, dando mais expressividade ao texto virtual, no qual o tom de voz e os elementos cinésicos, característicos da interação face a face, não estão disponíveis sem esses outros recursos. (2011, p.18)

Na publicação em análise, o *emoticon* representa uma piscada de olho, sendo este ícone geralmente usado para indicar que aquele que postou concorda com

²⁸http://www.revistaunicaonline.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=94:mentes-brilhantes-mentes-treinadas&catid=27:destaques-da-16o-edicao&Itemid=10 Acesso em: 05 jul. 2015.

²⁹<https://www.facebook.com/FrasesCaioAbreu> Acesso em: 05 jul. 2015.

³⁰https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Fernando_Abreu Acesso em: 15 set.2015. Um projeto de enciclopédia de licença livre, baseado na web, escrito de maneira colaborativa, qualquer usuário pode criar conteúdo sobre os mais diversos temas, segundo o próprio *site* sua missão é "empoderar e engajar pessoas pelo mundo para coletar e desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público, e para disseminá-lo efetivamente e globalmente."³⁰

³¹<https://www.facebook.com/FrasesCaioAbreu> Acesso em: 05 jul. 2015.

aquilo que está escrito/dito; em seguida, temos a imagem de um texto compartilhada da página “YMLO”³²: “Não quero nem saber se tem luz no fim do túnel. Quando entro nele já acendo a minha. (Edson Marques)”.

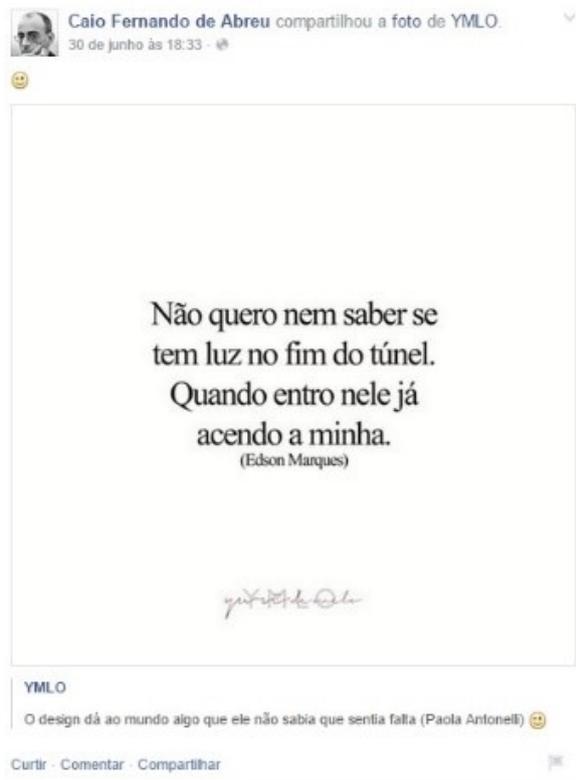


Ilustração 3: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 30/06/2015. Fonte: *Facebook*.

Diferentemente das outras postagens analisadas na página anterior, essa mensagem possui autor referenciado, embora não seja Caio Fernando Abreu, como poderíamos supor. A postagem recebeu, na data da pesquisa, 21 curtidas e nenhum comentário. É interessante notar que na página onde foi originalmente postada, ela não recebeu nenhuma curtida, ou seja, seu alcance foi zero. A partir disso, podemos concluir que o fato de ser (re)postado em uma página associada ao nome de Caio Fernando Abreu garantiu à frase um alcance maior, sugerindo a popularidade do escritor.

³²<https://www.facebook.com/ymlodesign> Acesso em: 05 jul. 2015. Embora, essa página apareça com frequência, há poucas informações sobre ela, uma vez que na sua descrição há apenas uma citação (“Há muitas linguagens. Nem todas utilizam palavras. Bonnici”). Há também um *site*, onde poderíamos obter mais informações sobre ela, no entanto, no momento de nossa pesquisa ele encontra-se suspenso, não sendo possível, dessa forma, acessá-lo.

A postagem anterior é de 28 de maio de 2015 e, também, foi compartilhada da página “YMLO” e diz: “Quanto mais você corre atrás da borboleta, mais ela foge. Um dia você se distrai e ela pousa no seu ombro.”

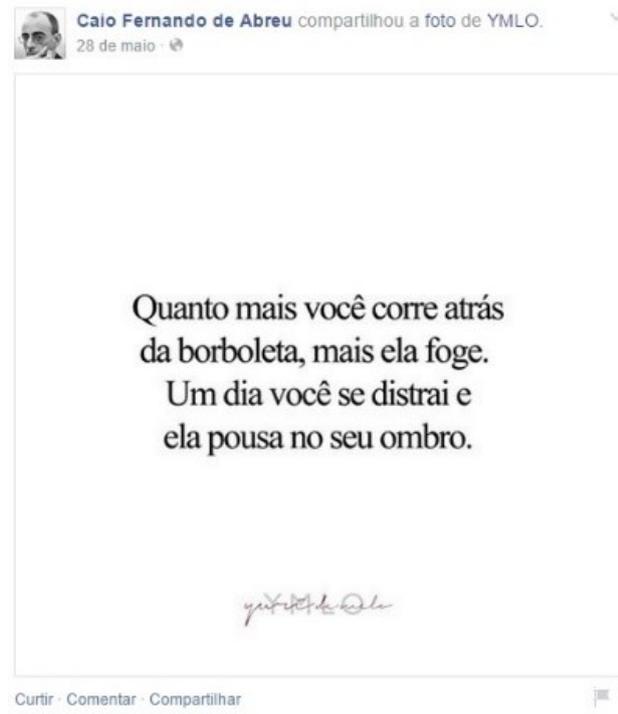


Ilustração 4: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 28/05/2015. Fonte: *Facebook*.

Nessa publicação não há referência de autoria. Em uma busca no *Google*, também não é possível identificar o autor. Embora apareça diversas vezes no *site* de pesquisa em nenhuma delas consta a autoria. A postagem atingiu o número de 51 curtidas, tendo na página originalmente postada, apenas 8 curtidas, o que reforça nossa hipótese de que associar uma postagem a Caio parece aumentar o alcance da publicação.

A última postagem que analisamos é um *link*, também compartilhado a partir da página “YMLO”, para o *vimeo.com*, um *site* de compartilhamentos de vídeos, datada de 30 de abril de 2015. Antes do *link* a seguinte mensagem foi postada: “O designer YMLO disponibilizou as artes e o set recheado de jazz para o mês de maio. Aproveitem e que seja doce! A do ra mos! <3”.



Ilustração 5: Postagem página “Caio Fernando Abreu” 30/04/2015. Fonte: *Facebook*.

Com exceção da expressão “que seja doce”, que aparece diversas vezes no conto “Os dragões não conhecem o paraíso”, do livro homônimo de Caio Fernando Abreu, todo o resto do conteúdo não apresenta qualquer relação com a obra.

A partir da análise dessa amostra, podemos observar que a questão da autoria não parece relevante para os(as) administradores(as) da página e curtidores, uma vez que nenhuma das três postagens são frases de Caio Fernando Abreu. Os textos, sendo ou não do autor, revelam uma característica importante da contemporaneidade que é o compartilhamento, as conexões e as relações que são feitas com a obra do escritor, sem qualquer preocupação com a originalidade ou a autoria.

3.2 GRUPOS

Dando sequência à análise, passamos agora ao exame dos grupos dedicados a Caio Fernando Abreu. Identificamos, no momento da pesquisa, um total de 22 grupos. Embora haja grupos grandes sobre o autor, há alguns que podemos considerar pequenos, com apenas treze³³ ou dezenove³⁴ membros.

³³<https://www.facebook.com/groups/1390972527850890/> Acesso em: 5 jul. 2015.

O primeiro grupo a ser analisado, o maior em número de membros, contando com 9169, apresenta como descrição: “Para quem admira a obra de Caio Fernando Abreu. Sinta-se à vontade para publicar trechos e curiosidades sobre o autor.”³⁵ Trata-se de um grupo fechado, ou seja, para participar é necessário pedir autorização dos(as) administradores(as).

Na intenção de mapear, de maneira geral, o funcionamento do grupo dedicado a Caio Fernando Abreu, faremos uma breve análise das três postagens mais recentes. A escolha do grupo se deu pelo número de membros participantes.

Notamos que a postagem mais recente é de 02 de julho de 2015. Trata-se do compartilhamento de uma página de nome “Caio Fernando Abreu”³⁶. Nela aparece o trecho: “Houve uma mudança de planos e eu me sinto incrivelmente leve e feliz. Descobri tantas coisas... Existe tanta coisa mais importante nessa vida.” Não há referência com relação à fonte do texto de Caio Fernando Abreu.



Ilustração 6: Postagem grupo “Caio Fernando Abreu” 02/07/2015. Fonte: Facebook.

Em pesquisa no *site Google*, encontramos esse trecho em diversos outros *sites* e *blogs*, no entanto, da mesma forma, não há qualquer referência relativamente à fonte do texto de Caio; outros, ainda, atribuem o trecho à publicitária, roteirista e escritora Tati Bernardi, sem, contudo, localizar a origem do trecho. A publicação recebeu apenas 2 curtidas, assim podemos concluir que teve um alcance baixo, uma vez que o grupo possui mais de 2.000 membros.

A segunda postagem mais recente do grupo é de 30 de junho. Trata-se de um trecho postado por um membro:

³⁴https://www.facebook.com/groups/178401262353823/?ref=br_rs Acesso em: 5 jul. 2015.

³⁵<https://www.facebook.com/groups/16561007701/> Acesso em: 05 jul. 2015.

³⁶<https://www.facebook.com/SoUmSentimento> Acesso em: 7 jul. 2015.

Eu sei que vou. Insisto na caminhada. O que não dá é pra ficar parado. Se amanhã o que eu sonhei não for bem aquilo, eu tiro um arco-íris da cartola. E refaço. Colo. Pinto e bordo. Porque a força de dentro é maior. Maior que todo mal que existe no mundo. Maior que todos os ventos contrários. É maior porque é do bem. E nisso, sim, acredito até o fim. O destino da felicidade, me foi traçado no berço. Caio Fernando de Abreu.³⁷

Embora o trecho apresente o nome do escritor, não foi possível localizá-lo dentro de sua obra. Outros *sites* e *blogs* também atribuem o trecho a Caio, no entanto, nenhum deles indica a referência.

A última postagem do grupo destoa totalmente da proposta do grupo: trata-se de uma publicação feita por um membro, anunciando um canal de compras, que não recebeu qualquer curtida.



Ilustração 7: Postagem grupo "Caio Fernando Abreu" 26/06/2015. Fonte: Facebook.

Como podemos notar, nesse levantamento, as questões sobre autoria e alcance da obra de Caio Fernando Abreu merecem maior investigação. Para tanto, a seguir, investigaremos as postagens das duas páginas eleitas como *corpus*, nos concentrando em analisar mais a fundo essas questões.

Antes disso, gostaríamos de ressaltar alguns aspectos observados até aqui. O primeiro deles diz respeito à associação de Caio Fernando Abreu com outros

³⁷<https://www.facebook.com/groups/291932794155829/> Acesso em: 5 jul. 2015.

autores, não só no grupo, como também nas páginas e perfis. Os critérios para essa “união” não parecem claros, e a confusão sobre autoria é ainda maior, já que a maioria das páginas não informa de qual dos escritores é a frase postada. Nessa busca encontramos o nome de Caio Fernando Abreu associado a autores como Clarice Lispector, Shakespeare, passando por Tati Bernardi e Martha Medeiros. Embora não haja uma indicação clara das motivações para a criação de uma página aproximando escritores de épocas e obras tão diversas, parece que os(as) criadores(as) enxergam certa similaridade, o que, na verdade, não se afigura como uma tarefa muito difícil uma vez que, a maioria das frases postadas não indica a autoria e, assim, poderia ser de qualquer um dos escritores selecionados, como de nenhum deles. Aparentemente esses agrupamentos são resultado das impressões que as obras ou frases de alguns autores deixam, e que parecem ser recebidas de maneira semelhante pelo leitor virtual. As citações selecionadas por esses usuários parecem evocar um determinado estado de espírito. A partir desse estado de espírito surge a possibilidade do usuário decidir “curtir” ou “compartilhar” o conteúdo. Essa decisão depende se ele se identifica, se se projeta através da intensidade de uma frase. O usuário, por sua vez, seleciona as frases, seja de qualquer um dos autores, de acordo com essa inspiração. É possível notar que, mesmo uma citação cuja autoria desconhecemos, de acordo com a maneira como os(as) administradores(as) selecionam o recorte a ser postado, mantém sempre um mesmo “jeito”, “essência”, seja pela linguagem ou temática, o que acaba por dar uma unidade àqueles escritores selecionados.

Clarice Lispector e Tati Bernardi mais frequentemente são associadas a Caio Fernando Abreu. O motivo dessa associação não é identificável, uma vez que ela é feita a partir dos critérios dos(as) administradores(as) das páginas e grupos, que são desconhecidos por nós.

Entre Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu havia certa proximidade, já que eram amigos. Inclusive Caio, certa vez, “se proibiu” de ler Lispector, pois acreditava que a obra dela influenciaria demais sua escrita.³⁸ Já Tati Bernardi é uma

³⁸ Caio Fernando Abreu fala sobre a escrita de Clarice Lispector em carta para Lucienne Samôr em 11.02.1995: “Escrevo, escrevo, escrevo. Quando paro, ando de bicicleta, cuido do jardim (explodiu em girassóis, almandas, petúnias e gladiolos — está lindo), faço yoga e leio a biografia de Clarice Lispector escrita por Nádya B. Gotlib, saindo pela Ática (leio as provas). Que vida, minha irmã: dá vontade de reler toda a obra dela. Mas não, porque então páro de escrever. Clarice disse tudo? Certa vez um crítico do Lê Magazine Litteraire disse que meu texto parecia “o de uma Clarice Lispector que

jovem escritora paulista contemporânea, que nem sequer compartilha da mesma geração de Caio; no entanto, sua associação a ele é notória, especialmente entre os jovens, público para quem Bernardi dirigiu quatro livros.

Essas conexões constituem-se em outra questão envolvendo Caio, suscitada pelas redes sociais: as inúmeras possibilidades de conexões e relações que se estabelecem no meio virtual. Antes, o “poder” de fazer determinadas associações estava nas mãos dos editores. Eram eles que decidiam com quem o autor “se agruparia”, no momento em que resolviam lançar uma coletânea ou uma coleção, por exemplo. Seja por questões temáticas, de linguagem ou época, os editores eram os responsáveis por unir escritores (que poderiam até ser muito diferentes) em uma obra só, imprimindo, assim (na melhor das hipóteses), uma unidade a eles. Na era das redes sociais esse poder mudou de mãos, pelo menos no que tange à “leitura virtual”: hoje, quem faz esse agrupamento é qualquer pessoa que decida criar um grupo, página ou perfil no *Facebook*. Assim, o leitor ganha força, pois, é ele quem divulga a obra do autor, não mais o próprio ou seus editores. É ele também quem recorta, à sua vontade, os trechos que lhe interessam (ou lhe tocam) e os divulga quando e como lhe convém. Por exemplo, há um grupo chamado “Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu”, contando com 7686 membros, até a data de nossa pesquisa. Na descrição da página, há uma breve biografia de cada autor,³⁹ no entanto, não há nenhuma explicação para a associação dos dois autores em um mesmo grupo.

Assim, após a análise do grupo, podemos notar que apresentam especificidades, uma vez que neles não são mais os(as) administradores(as) que exclusivamente produzem conteúdo, mas todos os membros que fazem parte desse coletivo. Aumenta, assim, a variedade de postagens e, conseqüentemente, diminui a chance de haver um padrão que poderia existir em uma página ou perfil administrado por uma única pessoa. Aqui a liberdade na criação de conteúdo é ainda maior, uma vez que centenas de pessoas estão envolvidas nessa produção.

Na sequência, analisaremos, brevemente, dois perfis, buscando observar de que maneira eles interagem com seus amigos ou seguidores, através das três últimas postagens.

tivesse ouvido muito rock'n'roll e tomado algumas drogas”. Fiquei lisonjeadíssimo.” In: MORICONI, Ítalo (org.). *Caio Fernando Abreu: Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 294 p.

³⁹<https://www.facebook.com/groups/claricecaio/> Acesso em: 7 jul. 2015.

3.3 PERFIS

Como o acesso irrestrito às postagens de um perfil estão condicionados a que o(a) dono(a) do perfil seja nosso “amigo” no *Facebook*, para essa pesquisa optamos por analisar dois perfis que fazem suas postagens em modo público, o que não nos obriga a convidá-los para uma “amizade”, nem esperar o aceite. Outro critério para a escolha desses dois perfis foi que ambos estivessem atualizados, ou seja, com postagem do ano de 2015, como sinal de que não se trata de perfis “abandonados”.

O primeiro chama-se “Caio Fernando Abreu – vidas⁴⁰”. A foto escolhida como perfil é uma imagem do escritor gaúcho e conta, até a data da pesquisa, com 2031 amigos. A postagem mais recente é de 14 de junho: trata-se da atualização da foto de capa, que é a imagem que funciona como uma espécie de pano de fundo do perfil. Duas pessoas curtiram a publicação, afirmando, de certa maneira, que gostaram da imagem escolhida.



Ilustração 8: Postagem do perfil “Caio Fernando Abreu” 14/06/2015. Fonte: *Facebook*.

A segunda postagem também é do dia 14 de junho e trata-se da troca da foto de perfil, juntamente com um texto. Embora não haja referência, é possível perceber que se trata de um trecho da crônica “Extremos da paixão”, publicada em 08 de julho de 1986 n’*O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, no livro *Pequenas epifanias* (1996):

No século XX não se ama. Ninguém quer ninguém. Amar é out, é babaca, é careta. Embora persistam essas estranhas fronteiras entre paixão e loucura, entre paixão e suicídio. Não compreendo como querer o outro possa tornar-se mais forte do que querer a si próprio. Não compreendo como querer o outro possa pintar como saída de nossa solidão fatal. Mentira: compreendo sim. Mesmo consciente de que nasci sozinho do útero de minha mãe,

⁴⁰<https://www.facebook.com/caiofernandoabreu> Acesso em: 7 jul. 2015.

berrando de pavor para o mundo insano, e que embarcarei sozinho num caixão rumo a sei lá o quê, além do pó. O que ou quem cruza entre esses dois portos gelados da solidão é mera viagem: véu de maya, ilusão, passatempo. E exigimos o terno do perecível, loucos. (ABREU, 2012, p.34)

A publicação rendeu, até o momento da pesquisa, 23 curtidas. Na crônica mencionada, Caio fala sobre o amor e a maneira como esse sentimento pode fazer com que as pessoas cometam loucuras. Para tanto, utiliza-se de um recurso comum em sua obra: a mescla de diferentes referências, vindas dos mais diversos campos, como cinema, música e literatura. Nela cita algumas histórias trágicas de amor. Começa mencionando Boy George, cantor, compositor e DJ britânico, um dos mais famosos e excêntricos da década de 1980. À frente do grupo Culture Club, fez parte do movimento *new wave* fundado em 1984. Tendo seus membros envolvidos em escândalos e uso de drogas, a banda se desfez no ano de 1987, quando Boy George iniciou sua carreira solo.

Em seguida relembra John Warnock Hinckley Jr., criminoso norte-americano que tentou assassinar o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, em 31 de março de 1981, em Washington, D.C. Hinckley era obcecado pela atriz norte-americana Jodie Foster e realizou o atentado a fim de impressioná-la. Em julgamento alegou inocência por razões psicológicas, tendo sido mantido sob vigilância médica em um hospital psiquiátrico. Caio afirma que a frase de Hinckley à atriz – “Se você não me amar, eu matarei o presidente.” - “é a mais significativa frase de amor do século XX.” (ABREU, 2012, p.34-35)

A literatura também aparece como referência quando o autor cita Adèle Hugo, filha do poeta francês Victor Hugo, e sua história de amor obsessivo e não correspondido por um oficial inglês, tenente Pinson. Através dessa história Caio faz uma reflexão a respeito de como a jovem francesa deixou-se tomar pela paixão e pela loucura.

Em seguida entrelaça a história de Adèle com uma frase da poeta carioca Ana Cristina Cesar – “É para você, para você que eu escrevo.” -, Caio era amigo de Ana C., como era conhecida, e ficou abalado quando soube de seu suicídio. Cinco meses antes, quando Ana já vivia a crise que a levou à morte, Caio escreveu a amiga Jaqueline Cantore:

Bueno, à tarde descí para visitar GM. [...] Lá pelas tantas Ana C. liga e diz que tá vindo. Pergunto a GM como está realmente Ana C. Climas, caras.

GM diz que vai sair para pegar o banco aberto e me deixa só esperando Ana C. [...] Batidas na porta (não tem campainha, claro). Débeis, Abro. Ana C. MAL. Põe mal nisso. Magra, consumida, trêmula, chorosa. Não sei contar direito. Nunca vi ninguém tão frágil. Com toda minha gripe, eu era um poço de saúde ao lado dela. Imagina uma alface (ela) ao lado de uma costela gorda (eu). E lúcida. Parou de ir trabalhar, vai pedir uma licença. [...] O mais estranho: o caso de amor continua, e ótimo. Ana C. está sofrendo de medo de amor. Não sabe bem. Medo de amor? Culpa do prazer? Não escreveu mais nada depois do Contagem regressiva, não consegue dormir, as mãos tremem, são incapazes de datilografar ou segurar uma caneta. [...] Parece Isabelle Adjani em *Nosferatu*, depois que começa a ser sugada. Linda, naturalmente, mas troppo morbo. (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.45-46)

Na sequência da crônica, a poesia continua sendo referência, dessa vez o poeta português Fernando Pessoa, aquele que, segundo Caio, ao referir-se ao amor, “nunca caiu nessas ciladas.” (2012, p.35). A seguir cita Carlos Drummond de Andrade: “o amor car(a,o) colega esse não consola nunca de núncaras.” (2012, p.35). Trata-se de um verso do poema “Amar-amaro” do livro *Lição das coisas* (1962). Como podemos notar a amálgama de referências que Caio lançava mão em sua obra mais uma vez se fez presente. O trecho postado na página trata do amor, assim, no que diz respeito à temática. A fragmentação do texto não impossibilitou a compreensão. No entanto, aqueles que leram somente o trecho não puderam acompanhar a maneira que essa espécie de teia referencial foi se construindo ao longo do texto.

A terceira publicação data de 19 de fevereiro de 2015 e também se relaciona à mudança da foto de perfil; nesse caso, duas pessoas envolveram-se com a postagem, curtindo-a.

O segundo perfil que analisaremos chama-se “Caio Fernando Abreu”⁴¹, que conta com 3431 amigos. A postagem mais recente é de 26 de maio de 2015: uma alteração da foto de perfil. A publicação contou com 26 curtidas, ou seja, 26 pessoas interagiram com a postagem.

A segunda postagem mais recente é o seguinte trecho do conto “Natureza viva”, do livro *Morangos mofados* (1982):

Mas dirás assim, por exemplo, como você sabe, sim como você sabe, a gente, as pessoas, infelizmente têm, temos, essa coisa, emoções, mas te deténs, infelizmente? o outro talvez perguntaria por que infelizmente? então dirás rápido, para não desviar-te demasiado do que estabeleceste, qualquer coisa como seria tão bom se pudéssemos nos relacionar sem que nenhum dos dois esperasse absolutamente nada, mas infelizmente, insistirás, infelizmente nós, a gente, as pessoas, têm, temos - emoções. Meditárias: as

⁴¹<https://www.facebook.com/caiofca> Acesso em: 8 jul. 2015.

peças falam coisas, e por trás do que falam há o que sentem, e por trás do que sentem há o que são e nem sempre se mostra. Há os níveis-não-formulados, camadas imperceptíveis, fantasias que nem sempre controlamos, expectativas que quase nunca se cumprem, e sobretudo emoções.⁴²

No conto, dois personagens encontram-se em uma sala, fumando e bebendo vinho, enquanto um deles está em conflito, não conseguindo expressar seus sentimentos. Mais uma vez, as questões relativas à subjetividade aparecem na narrativa de Caio. Nessa, a personagem se vê envolto em sentimentos e com dificuldade de declará-los ao seu amigo, refletindo sobre sua escolha em confessar, ou não, aquilo que sente.

A homoafetividade, outro traço frequente na obra de Caio, surge mais uma vez nesse conto, no qual um amigo tenciona declarar-se a outro. Devido ao recorte dado ao texto essa informação foge àqueles que leem apenas através do *Facebook*. Como podemos observar, não há nenhum indício de que se trata de dois homens, diferentemente do conto: “Por tudo isso, infelizmente, repetirás, insistirás completamente *desesperado* [...]. Teu coração baterá com força, sem que ninguém escute, e por um momento talvez imagines que poderias soltar os membros e simplesmente *tocá-lo* [...]”⁴³.

Embora o trecho apareça na postagem entre aspas, o que indica que não foi criado pela pessoa que a fez, a referência completa não foi incluída na publicação. Para sua identificação foi necessária uma pesquisa fora do *Facebook*. Quatro pessoas a compartilharam, ou seja, reverberaram para seus amigos, e, dependendo das configurações de privacidade, para os amigos de seus amigos.

A terceira publicação mais recente data de 9 de fevereiro: é um trecho do conto “Sapatinhos vermelhos” do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), embora não haja nenhuma referência na postagem:

Tinha terminado, então. Porque a gente, alguma coisa dentro da gente, sempre sabe exatamente quando termina - ela repetiu olhando-se bem nos olhos em frente ao espelho. Ou quando começa: certos sustos na boca do estômago. Como carrinho de montanha-russa, naquele momento lá no alto, justo antes de despencar em direção. Em direção a quê? Depois de subidas

⁴²ABREU, p. 84. Versão digital de *Morangos mofados* disponível em <http://copyfight.me/Acervo/livros/ABREU,%20Caio%20Fernando%20-%20Morangos%20mofados.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2015.

⁴³ABREU, p. 85. Versão digital de *Morangos mofados* disponível em <http://copyfight.me/Acervo/livros/ABREU,%20Caio%20Fernando%20-%20Morangos%20mofados.pdf>. Acesso em: 29 dez 2015. Grifo nosso.

e descidas, em direção àquele insuportável ponto seco de agora.⁴⁴ (ABREU, 2014, p.19)

“Sapatinhos vermelhos” é uma versão para adultos do conto homônimo do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Em uma narrativa carregada de erotismo, conhecemos Adelina, uma mulher de quase quarenta anos que é abandonada por seu amante, depois de cinco anos. Envolvida na mágoa que esse rompimento lhe causa, decide sair à noite; não sem antes arrumar-se meticulosamente e calçar de maneira orquestral um sapato vermelho. Já na boate conhece três jovens com os quais se envolve sexualmente, seguindo para seu apartamento, lá é narrada uma noite vigorosa de sexo. Caio, ao falar do conto em carta ao diretor teatral e amigo Luciano Alabarse, afirma: “Nunca escrevi nada tão obscuro” (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.136). Segundo Moriconi (2002), “o conto foi publicado na antologia *Espelho mágico – Contos de contos infantis para adultos*, organizada por Julieta de Godoy Ladeire, publicada pela Ed. Guanabara em 1985. (MORICONI, 2002, p.136).

Dentre as três postagens analisadas, essa foi a que ganhou maior repercussão, tendo, até o dia da pesquisa, 40 curtidas e 6 compartilhamentos. Embora trate de um conto com teor erótico, a maneira como ele foi recortado para essa postagem não permite aos seguidores da página conhecerem essa faceta. O erotismo do conto e sua relação com o conto de Andersen se perde com o recorte que é dado na postagem. Aqueles que entram em contato com o texto exclusivamente através dessa publicação, perdem ao serem privados de um dado importante na sua construção. O fato de não constar a referência também é empecilho para que ele seja conhecido na íntegra.

Importante ressaltar que, embora os três últimos textos postados sejam de autoria de Caio, não há qualquer referência nas publicações. Outro fato interessante é que não há, em nenhuma das postagens, qualquer questionamento, através de comentários, sobre a origem do texto ou referência. Isso denota que aqueles que compartilham o conteúdo do perfil ou conhecem bem a obra do escritor – não necessitando solicitar ao dono do perfil tal informação -, ou não estão interessados em saber mais do que o trecho selecionado lhe mostra: o que foi postado parece-lhes bastar.

⁴⁴www.livros.site/book/baixar-livro-os-dragoes-nao-conhecem-o-paraiso-caio-fernando-abreu-em-pdf-epub-e-mobi/. Acesso em: 7 jul. 2015.

A partir dessa análise foi possível conhecer melhor a maneira como a literatura de Caio Fernando Abreu aparece, de maneira mais geral, nessa rede. Nosso intuito não é generalizar, ou seja, afirmar que todos os perfis, páginas ou grupos sobre Caio Fernando Abreu no *Facebook* possuem a mesma dinâmica de postagem, mas sim, conhecer como essas ferramentas podem ser usadas na divulgação e compartilhamento da obra do escritor.

A seguir, nos concentraremos nas duas páginas selecionadas, atentando para questões como a maneira que as pessoas interagem com o texto e a forma como eles são divulgados, buscando analisar como funciona essa nova configuração de literatura.

3.4.A OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU EM DESTAQUE

A primeira página que analisaremos, a partir dos critérios anteriormente explicitados, chama-se “Caio Fernando Abreu”. Em sua apresentação, encontramos a seguinte informação: “Página dedicada a (sic) publicação de frases oficiais do escritor Caio Fernando Abreu. Mais que uma *fanpage*, um espaço de consulta e pesquisa!”⁴⁵

Embora seja uma página relativamente pequena - em comparação a maior página, que até a data da pesquisa, contava com mais de 600 mil seguidores - com apenas 3.999 seguidores, pela apresentação podemos notar que há a preocupação dos(as) administradores(as) em divulgar a obra do escritor.

Nesta análise, pretendemos verificar se os textos postados são realmente de autoria de Caio; em caso positivo, se fazem parte da fonte citada, a fim de avaliar a inserção do escritor na rede social, pois, como postula o pesquisador Richard Johnson (2004): “Para compreender as transformações, pois, nós teremos que compreender as condições específicas do consumo e da leitura.” (2004, p.34). Alinhados a esse pensamento, optamos nesta análise por discutir a primeira postagem de todos os dias dos meses de agosto e setembro, considerando o que afirma Fragoso et al. (2011) em relação as amostragens quantitativas na *internet*: “uma amostra muito grande pode mergulhar o trabalho em um tal grau de redundância que o inviabilize, ou, no mínimo, desperdice seus recursos.” (2011, p.63)

⁴⁵<https://m.facebook.com/profile.php?id=251109364992857>. Acesso em: 1 ago. 2015.

A primeira postagem é do dia 01 de agosto:

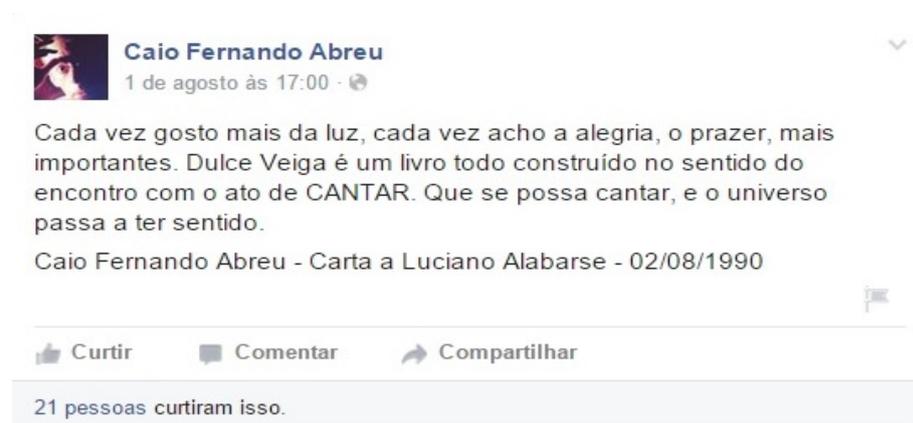


Ilustração 9: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/08/2015. Fonte: *Facebook*.

Trata-se de trecho de uma carta endereçada a Luciano Alabarse: “Cada vez gosto mais da luz, cada vez acho a alegria, o prazer, mais importantes. Dulce Veiga é um livro todo construído no sentido do encontro com o ato de CANTAR. Que se possa cantar, e o universo passa a ter sentido.”. Nela, Caio refere-se a *Onde andar? Dulce Veiga?*, seu segundo romance, lançado em 1990, que conta a história de um jornalista que decide investigar o paradeiro de uma famosa cantora, desaparecida vinte anos antes, no dia da estreia de seu primeiro grande show. Os(as) administradores(as) da página, ainda que tenham a preocupação de especificar a data em que a carta foi escrita, não informam que a mesma foi lançada em uma coletânea organizada por Ítalo Moriconi e publicada em 2002. A falta dessa informação priva o leitor virtual de conhecer a obra epistolar de Caio e, conseqüentemente, da leitura da carta completa para o entendimento de seu contexto. Conhecer o teor da carta de forma integral poderia, em uma hipótese otimista, estimulá-lo a ler o romance. A postagem recebeu, até o momento da “captura de tela” 22 curtidas, o que significa que, 22 pessoas identificaram-se com o trecho publicado. No entanto, não é possível afirmar por qual motivo: se conhecem o romance ou a carta, ou se houve identificação com o escrito. A única certeza é que para essas 22 pessoas a postagem fez algum sentido. Voltamos à postagem mais de um mês depois e verificamos que havia 23 curtidas e um comentário; nele um usuário da rede “marcou” um de seus contatos, ou seja, fez com que essa mensagem aparecesse nas notificações de seu *Feed* de notícias. O usuário marcado respondeu ao comentário, afirmando: “ainda mais agoniado para ler!! Kkkk”

- supõe-se que esteja se referindo ao romance. Então, a partir da leitura posterior do comentário do usuário, podemos afirmar que, pelo menos nessa interação, a postagem do trecho da carta serviu de estímulo para a leitura do livro.

A postagem do dia 2 de agosto é um trecho do conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira, da sanga”, do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* de 1988: “Você não sabe, mas acontece assim quando você sai de uma cidadezinha que já deixou de ser a sua e vai morar noutra cidade, que ainda não começou a ser sua. Você sempre fica meio tonto quando pensa que não quer ficar, e que também não quer – ou não pode – voltar. Você fica igualzinho a um daqueles caras de circo que andam no arame e de repente o arame plac! ó, arrebenta, daí você fica lá, suspenso no ar, o vazio embaixo dos pés. Sem nenhum lugar no mundo, dá para entender?”

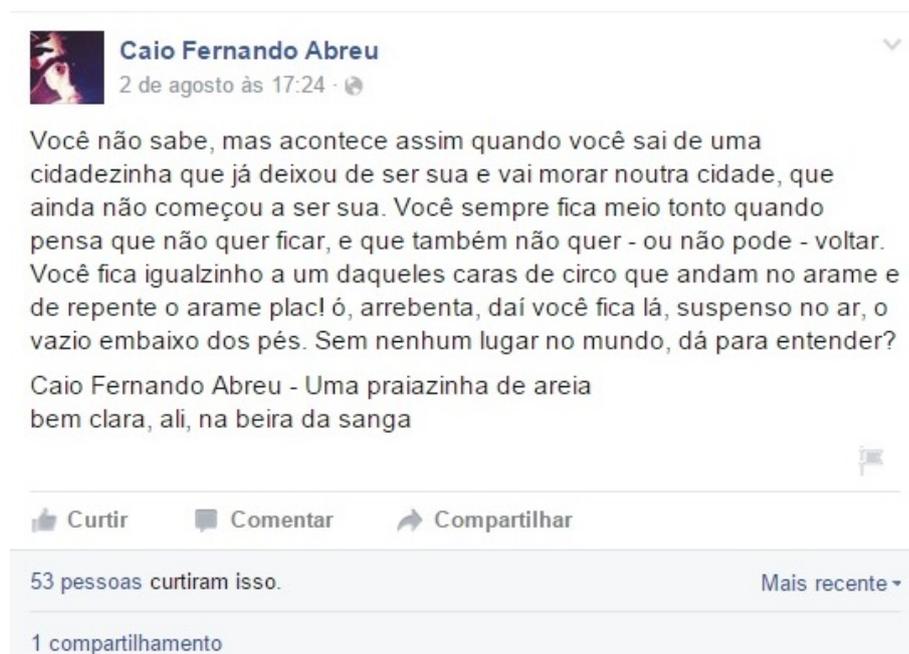


Ilustração 10: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/08/2015. Fonte: Facebook.

A cidadezinha citada no trecho é a ficcional Passo da Granxuma, segundo a pesquisadora Ana Paula Cantarelli (2010):

Em 1984, Caio Fernando Abreu criou a cidade ficcional de Passo da Guanxuma. Caracterizado como uma cidade interiorana, esse espaço, com o passar dos anos, assumiu uma significação muito particular na obra desse escritor, bem como uma localização singular, figurando ao lado de municípios com existência real. (2010, p.7)

O conto inicia-se com uma carta de um homem que foi embora de Passo da Guanxuma a um amor de adolescência chamado Dudu. Ao longo da narrativa podemos notar a inquietação da personagem ao sair de uma cidade do interior e viver agora em uma metrópole. No entanto, desde a carta que abre a narrativa, é possível observar que a saída da personagem da cidade se deu, essencialmente, por seu envolvimento com Dudu, como podemos notar no trecho a seguir: “Quando penso desse jeito, nesta cidade daqui, Dudu, você nem sabe como me dá uma vontade doida, doida de voltar. Mas não vou voltar. Mais do que ninguém, você sabe perfeitamente que eu nunca mais posso voltar. [...]” (1988, p.82)

Ao pensarmos nos padrões de uma cidade interiorana, inclusive nos dias de hoje, compreendemos a impossibilidade da personagem de voltar a sua cidade natal. O amor entre os dois homens parece ter motivado o afastamento da personagem.

Na segunda parte do conto a personagem segue dirigindo-se a Dudu, mas dessa vez é como se falasse sozinha pois não escreve mais aquilo que vai pensando enquanto reflete como é dolorido e solitário estar naquela cidade. Há, nessa parte da narrativa, uma aura de decadência e depressão. A não adaptação do homem e os motivos que o levaram a se afastar de Dudu e da cidade o tornam doente

A fragmentação do texto na publicação não permite que aquele que a leia acompanhe a trajetória da personagem, mas reflita sobre a falta que a cidade natal pode fazer.

Outro fator de reflexão a partir dessa postagem é a certeza de que para os(as) administradores(as) não há nenhuma predileção por gênero, uma vez que já vimos publicados trechos de cartas, crônicas, romances e, agora, contos. Podemos inferir que para aqueles que administram a página, toda a obra de Caio suscita interesse - toda ela é espaço para que a identidade seja legitimada.

No dia 3 de agosto não houve postagem.

A postagem do dia 4 de agosto é o trecho da crônica “Tentativa de sítar uma esquisitice”, publicada inicialmente *n’O Estado de S.Paulo*, Caderno 2, em 28 de maio de 1995, e, posteriormente no livro *A vida gritando nos cantos* (2012): “Durmo e não sonho, faz tempo. Cartas e telefonemas, que quase não atendo, deixo para responder depois. Então esqueço. Começo a ouvir Mozart, me dá vontade de ouvir Satie. Vou ao Satie, mas acho que quero mesmo é Chopin. Abro Jorge de Lima

pensando em Drummond, quero João Cabral, mas no segundo verso estou pensando em T. S. Elliot. De madrugada, acordo súbito e suado, julgando ouvir as sirenes da polícia daquele inverno infernal em Brixton. Há qualquer coisa ausente? Há outra coisa que ronda, querendo tornar-se presente? O terror interno foge de todas as maneiras do real e do agora para não encarar-se, será? Não sei, ando esquisito. Ando mesmo muito esquisito e, bem sei, ninguém pode ajudar.”

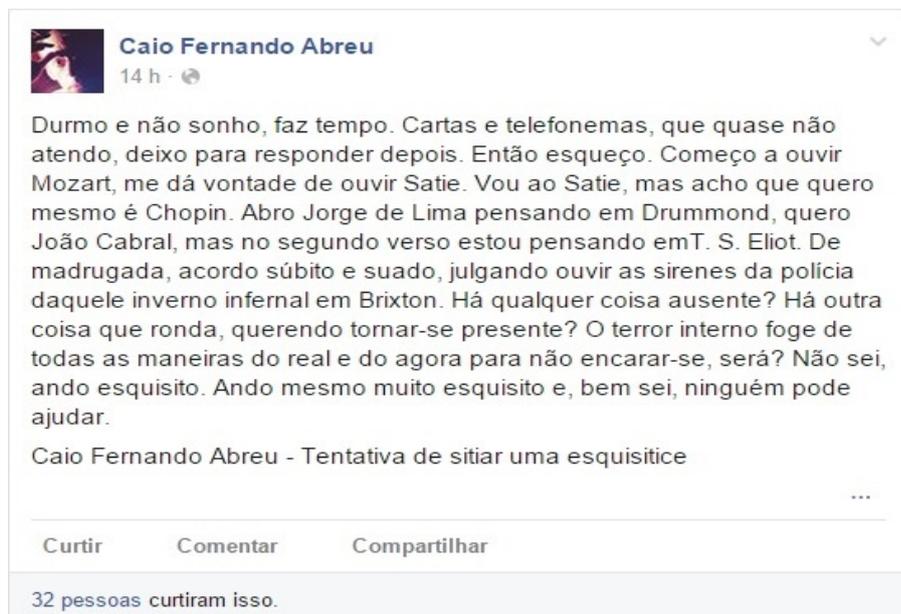


Ilustração 11: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 04/08/2015. Fonte: Facebook.

Na crônica, Caio fala sobre seu estado de espírito e algumas lembranças que o assolam. Em tom melancólico as batiza de “invasões no real do imaginário e da memória.” (2012, p.310). Assim, relembra paisagens e pessoas numa reflexão delicada sobre seus sentimentos. Para descrever a sua “esquisitice” recorre à música e à literatura não sabendo bem o que quer ouvir ou ler. Transita entre gêneros e artista diferentes, numa indecisão que parece não ter maneira de se solucionar.

Levando em consideração a não restrição de caracteres a serem utilizados em uma postagem, os(as) administradores(as) poderiam optar por reproduzir a crônica na íntegra, no entanto, a maneira de apresentar o texto é completamente livre, não segue nenhuma lógica pré-estabelecida, estando baseada unicamente na vontade daquele que posta.

Há, inclusive, circulando pelas redes sociais – *Facebook* e *Twitter*-, uma nova gíria, trata-se do “textão”. A palavra *texto* utilizada no aumentativo ganhou, nos últimos tempos, na rede, um tom pejorativo e é usado, por exemplo, quando alguém problematiza alguma questão e elabora um texto relativamente grande para tratar o tema. De maneira geral, é possível observar que os usuários rechaçam esse tipo de texto, entendendo-o como pedante e desnecessário. Na época em que vivemos, de imediatismos e enxurrada de informações, ocupar-se de um “textão” parece tarefa sem sentido e em desuso por uma parte dos usuários.

Depois de um intervalo de sete dias, a página voltou a postar: trata-se dessa vez de um trecho do conto “Além do ponto”, do livro *Morangos mofados* (1982): “mas como se faz? Eu reaprendia e inventava sempre, sempre em direção a ela, para chegar inteiro, os pedaços de mim todos misturados que ele disporia sem pressa, como quem brinca com um quebra-cabeça para formar que castelo, que bosque, que verme ou deus, eu não sabia, mas ia indo pela chuva porque esse era meu único sentido, meu único destino.”

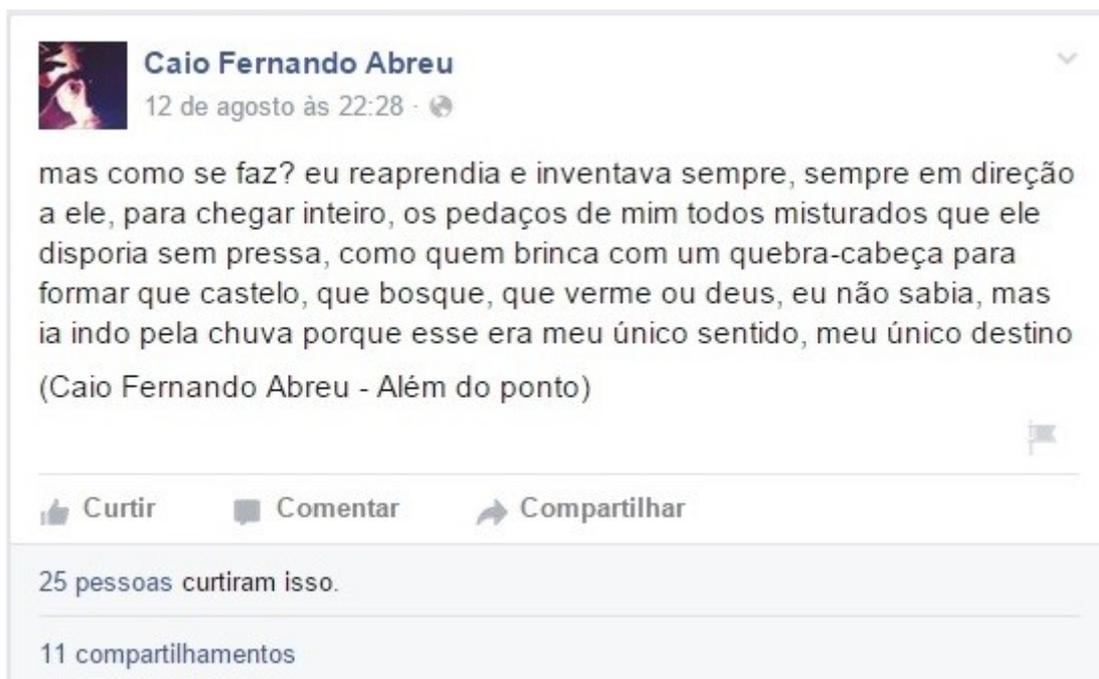


Ilustração 12: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 12/08/2015. Fonte: *Facebook*.

Em “Além do ponto”, encontramos uma personagem, não identificada através de um nome, que está indo em direção a um outro. Essa ação, aparentemente simples, parece um desafio quando o homem vai encontrando pelo caminho

inúmeros empecilhos. A chuva que cai, os carros que jogam lama na calçada, uma queda que quebra a garrafa de conhaque que ia carregando - tudo colabora para que o encontro fique mais difícil. Assim, a tensão para que o encontro aconteça vai aumentando à medida que a narrativa vai se desenvolvendo. Dessa maneira, o leitor experimenta uma ansiedade pelo desfecho, uma vez que o narrador vai enumerando as diversas coisas que fará ao chegar à casa do outro. A maneira como detalha o desconforto do homem que anda na chuva e no frio permite que o leitor experimente as mesmas sensações. Pela forma como a postagem foi construída, tirando um trecho do contexto, a tensão característica do conto se dissipa.

A postagem obteve 25 curtidas e 11 compartilhamentos, o que significa que 11 pessoas replicaram o trecho do conto em suas páginas pessoais, aumentando consideravelmente o alcance da publicação, uma vez que com essa ação todos os seus amigos da rede – e, possivelmente, os amigos de seus amigos, dependendo da configuração de privacidade de cada usuário -, puderam visualizá-la.

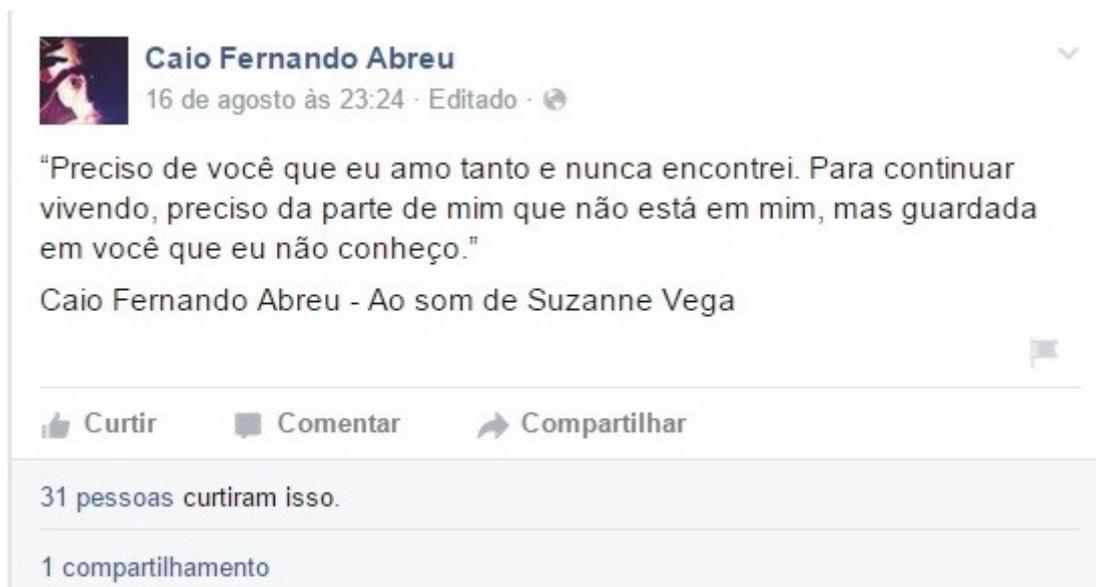


Ilustração 13: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 16/08/2015. Fonte: Facebook

Na postagem do dia 16 de agosto temos o seguinte trecho: “Preciso de você que eu amo tanto e nunca encontrei. Para continuar vivendo, preciso da parte de mim que não está em mim, mas guardada em você que eu não conheço”

Trata-se de uma passagem da crônica “Ao som de Suzanne Vega” originalmente, publicada *n’O Estado de São Paulo*, Caderno 2 em 11 de novembro de 1987 e posteriormente no livro *A vida gritando nos cantos* (2012), trata do amor e

da busca do autor por uma companhia. O que chama atenção na maneira como o texto foi “recortado” é o fato de o autor, iniciar a crônica desculpando-se sobre o assunto “Perdoem excessivas, obscenas carências, pieguices, subjetivismos, mas preciso tanto e tanto”. (ABREU, 2012, p.6). A partir dessa introdução, podemos notar um tom diferente na crônica, que se perde no recorte feito pelos(as) administradores(as), a ideia de “obras manipuláveis” defendida por Chartier (1999) aparece de maneira bem nítida nessa postagem. Uma vez que, conforme o “recorte” que foi dado, o “pedido de desculpas” de Caio foi completamente omitido, impossibilitando o leitor da postagem de conhecer a introdução da crônica que fala muito a respeito da visão do autor sobre o amor e sua busca.

Mais uma vez as diversas referências culturais aparecem no texto, a começar pelo título em que cita a cantora estadunidense Suzanne Vega, sugerindo que a crônica deve ser lida ao som de sua música. Em seguida, ao falar de si e do quanto sente falta de um amor menciona, Werther, personagem de Goethe no romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, bem como Jim Morrison, cantor, compositor e poeta estadunidense, vocalista da banda *The Doors*. Ao mencionar as características que esse alguém necessita ter para que seja seu amor, afirma que precisa aceitar seu “ciclo etílico bukowskiano”, fazendo alusão ao poeta, contista e romancista americano Henry Bukowski e seus personagens bêbados e marginalizados. Todas essas menções funcionam como uma teia desenvolvida ao longo da narrativa, no entanto, como podemos observar na ilustração acima, nenhuma delas faz parte do trecho selecionado. Dessa maneira, perde-se o trabalho de montagem do texto.

Ainda assim, a publicação parece chamar atenção, uma vez que recebeu, no momento da nossa captura de tela, 31 curtidas e 1 compartilhamento.



Ilustração 14: Postagem da página "Caio Fernando Abreu" 23/08/2015. Fonte: Facebook

A postagem do dia 23 de agosto é um trecho do conto "Uma história confusa", publicado em 1974, na *Revista ZH*, do jornal *Zero Hora* e escrita, segundo o próprio autor "provavelmente no mesmo ano em Porto Alegre." Posteriormente o conto fez parte da coletânea organizada por Caio chamada *Ovelhas negras* (1995): "Chegue bem perto de mim. Me olhe, me toque, me diga qualquer coisa. Ou não diga nada, mas chegue mais perto. Não seja idiota, não deixe isso se perder, virar poeira, virar nada."

Ovelhas negras é uma antologia que, segundo Caio, se fez por si só em 33 anos, dos 14 anos aos 46 anos do escritor que a julga como uma espécie de autobiografia ficcional. O livro está dividido em três partes, cada uma delas representadas por um hexagrama do *I-Ching*, oráculo baseado no *Livro das mutações*, criado há 3 mil anos na China: *Chi'en*, *K'na* e *Kên*. Nesses três capítulos estão reunidos textos que o próprio Caio classificou como "marginais, bastardos, deserdados." Sobre a história informa: "Esta versão, a definitiva, foi totalmente reescrita. Creio que ganhou, embora pareça paradoxal, mais ambiguidade e mais clareza." (ABREU, 1995, p.125). A estrutura da narrativa já aponta para a ambiguidade pretendida pelo autor. Trata-se do entrelaçamento de duas cartas – uma recebida de um admirador anônimo pelo narrador e outra a resposta dada a essa – e o diálogo do narrador com um amigo real que acompanha o desfecho da troca de correspondência. Ao lermos apenas o trecho postado, claramente, essa

construção nos escapa. A publicação apresenta apenas a passagem da resposta do narrador ao admirador secreto. Dessa maneira perdemos todo o tecido da trama.

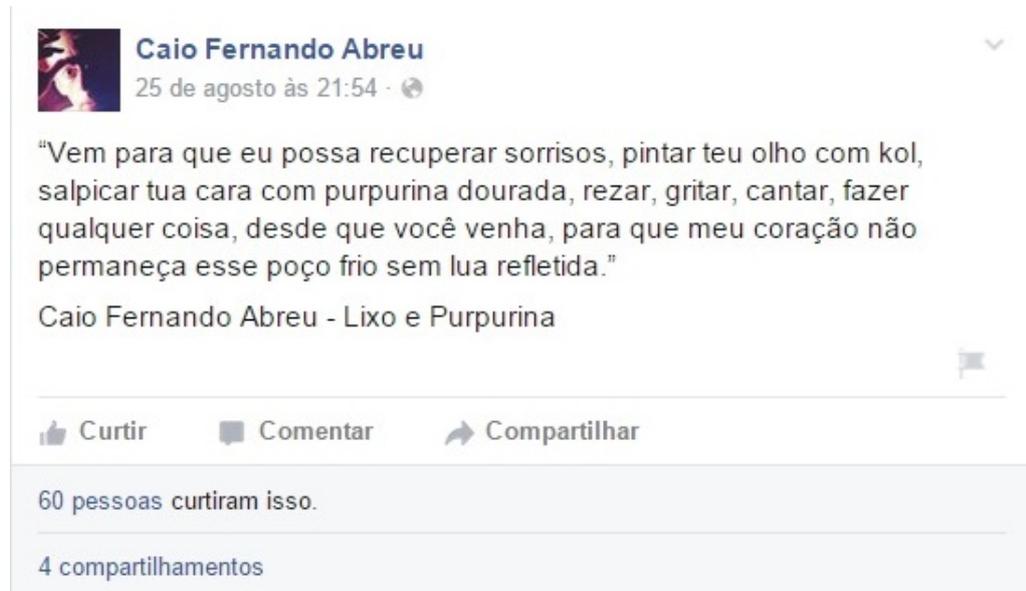


Ilustração 15: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 25/08/2015. Fonte: *Facebook*.

A postagem do dia 25 de agosto é um trecho do conto “Lixo e Purpurina” do livro *Ovelhas negras*: “Vem para que eu possa recuperar sorrisos, pintar teu olho com kol, salpicar tua cara com purpurina dourada, rezar, gritar, cantar, fazer qualquer coisa, desde que você venha, para que meu coração não permaneça esse poço frio sem lua refletida.” Embora haja uma interação relativamente grande, com 60 curtidas e 4 compartilhamentos, não há nenhum questionamento a respeito de “Lixo e purpurina”: se trata de um conto? De que livro faz parte? Ou algum questionamento do gênero. Esse fato nos indica algumas possibilidades: a primeira é que as pessoas que interagiram com a postagem já conhecem o texto e não necessitam questionar essas informações; a segunda, é que elas simplesmente não têm interesse em conhecer mais do conto e sentem-se satisfeitas com o trecho selecionado; a terceira possibilidade é que a informação do nome do texto, contida na postagem, é suficiente para que possam pesquisar o texto completo e lê-lo *online* ou buscar o livro de onde foi retirado.

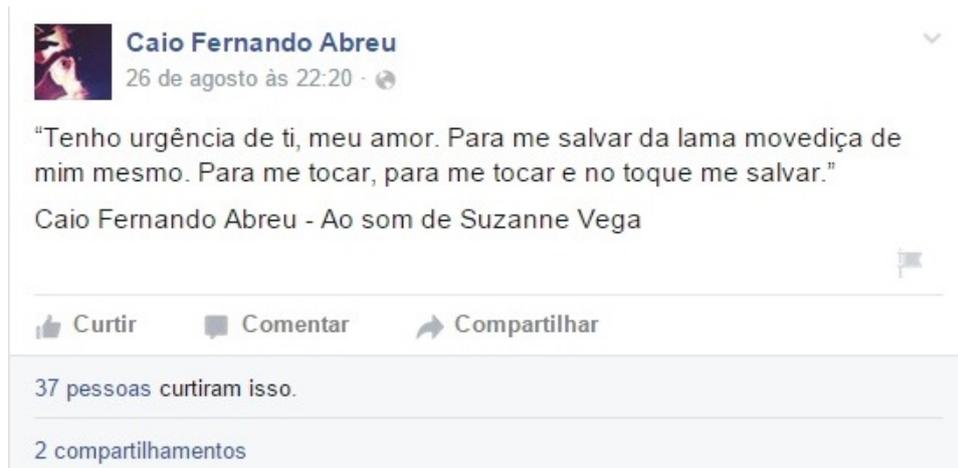


Ilustração 16: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 26/08/2015. Fonte: *Facebook*.

A publicação do dia 26 de agosto, última do mês, é outro trecho da crônica “Ao som de Suzanne Vega”: “Tenho urgência de ti, meu amor. Para me salvar da lama movediça de mim mesmo. Para me tocar, para me tocar e no toque me salvar”. O fato de a crônica aparecer mais de uma vez, comprova que um único texto de Caio é material suficiente para um sem número de postagens, dependendo exclusivamente do “recorte” escolhido pelos(as) administradores(as). Assim como na publicação anterior sobre essa crônica, a do dia 26 também ganhou atenção dos seguidores da página, uma vez que, no momento da captura de tela, recebeu 37 curtidas e 2 compartilhamentos. O motivo do sucesso da passagem do texto nas duas postagens analisadas não nos é possível identificar, uma vez que envolve cada leitor e seus processos subjetivos.

A seguir, analisaremos o mês de setembro - importante salientar que se trata do mês de aniversário de Caio Fernando Abreu. Conforme critério preestabelecido, nos concentraremos na primeira postagem de cada dia desse mês, atentando-nos para a(s) postagem(ns) que, porventura, possam aparecer na data de aniversário do escritor, 12 de setembro.

A primeira publicação do mês é o trecho de uma crônica chamada “Com afeto e mau humor” publicada inicialmente *n’O Estado de S. Paulo* em 07 de janeiro de 1987, e posteriormente publicada na coletânea *A vida gritando nos cantos* (2012): “Em agosto você não aguenta mais. Sempre os agostos. E morre alguém: ai, o tempo, a morte, o ser, o nada. Você geme e geme, mas consegue se arrastar até setembro. Em setembro, nasce alguém. E é tão bonitinho e tão vivinho e cheirosinho

com aquele jeitinho de quem nunca viveu picas, o idiota. Quem sabe na mesma época, você começa a se interessar por plantas, ervas, chás, homeopatias.”

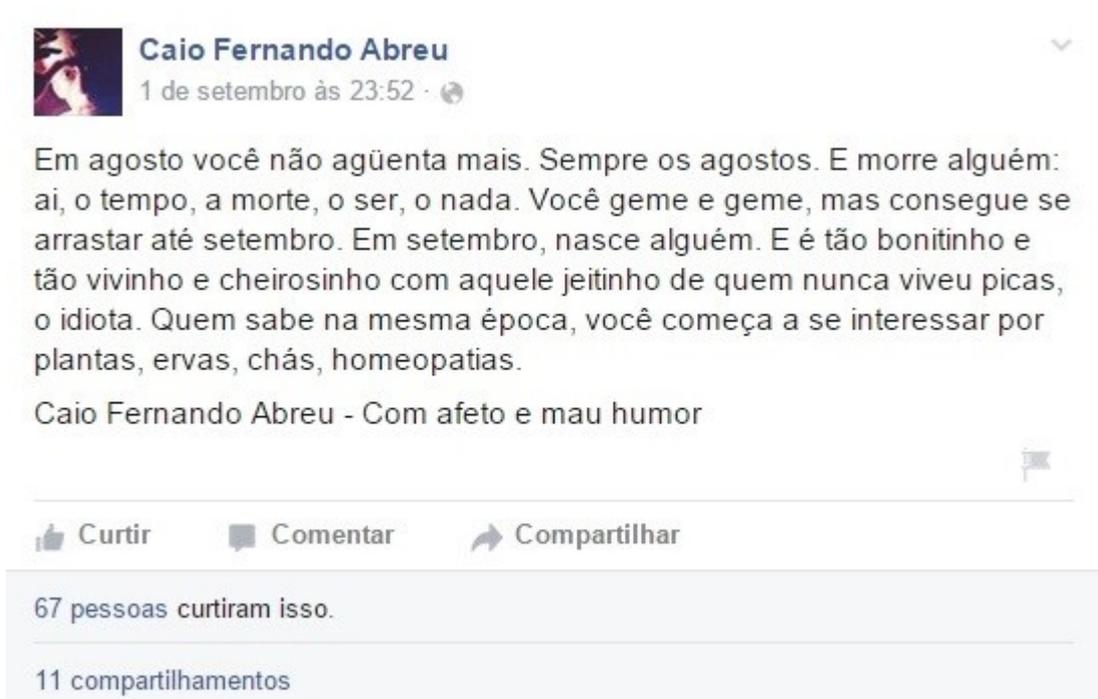


Ilustração 17: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/09/2015. Fonte: *Facebook*

Como o título sugere, a crônica fala, de maneira bastante mal humorada, da chegada de um ano novo; no caso, do ano de 1987. Caio enumera as esperanças que nutrem as pessoas no entrar de cada ano e lista aflições de cada mês. De maneira ácida afirma que todos os anos são iguais, independente das mudanças no calendário, expondo um ciclo que se acaba e se inicia sempre da mesma forma. O trecho selecionado fala sobre os meses de agosto e de setembro com ironia, figura de linguagem comum na cronística de Caio. Nele, podemos notar também outra característica recorrente nas narrativas do escritor: certa amargura e descrença no que virá. Embora comuns, pelos recortes selecionados anteriormente, essas características não haviam aparecido nas publicações da página, pois, a “imagem” da escrita de Caio parece ser condicionada ao recorte dado pela pessoa que seleciona o texto a ser postado. Dessa maneira, nessa publicação, em especial, notamos uma diferença em relação às anteriores.

Nossa intenção não é desvendar quais as motivações para a seleção das postagens, mesmo porque essa seria uma tarefa impossível-pois diz respeito à subjetividade de quem seleciona - e infrutífera no campo da pesquisa, uma vez que

não nos ajudaria a compreender o uso da literatura de Caio na *internet*. Nosso objetivo, ao analisarmos as postagens, é observar amaneira como a obra do escritor gaúcho aparece nas páginas por nós selecionadas.

A segunda postagem do mês é do dia 2 de setembro e também fala sobre a passagem de um mês a outro. Trata-se de trecho da crônica “Adeus, agosto. Alô, setembro”, publicado n’ *O Estado de S. Paulo* em 02 de setembro de 1987, e posteriormente publicada no livro *A vida gritando nos cantos* (2012): “Passadas as águas de agosto, ontem inaugurou setembro. E por não apostar no país, aposto em setembro (‘se o mundo é um lixo, eu não sou’). Relembrando o agosto que se foi Caio menciona as mortes do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, do ator e diretor de cinema estadunidense John Huston, do polímata brasileiro Gilberto Freyre (embora tenha falecido em julho) e de Pixote (Fernando Ramos da Silva, ator do filme “Pixote – a lei do mais fraco”) executado pela polícia.

Motivado pela lembrança da morte do ator, no parágrafo seguinte Caio fala sobre a política e a sobre criminalidade:

Falei disso a um motorista de táxi. Sobre Pixote, ele disse: ‘Pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto.’ Sobre a guerra da polícia com os traficantes, no Rio: ‘Bandido tem mais é que morrer.’ Fiquei pensando: e. se tivesse educação tinha bandido? Se tivesse comida, tinha bandido? E se tivesse uma perspectiva qualquer de um futuro no ar, tinha bandido? Se houvesse um mínimo de alguma coisa levemente parecida com ‘felicidade’, ‘dignidade’, ‘justiça’? Quem inventou essa violência desenfreada que tomou conta do país não foram os marginais – foram os poderosos. Se eu desculpo bandido? Desculpo, sim. Não desculpo é marajá. Não desculpo Zé Sarney, no comando desta barca da Medusa, navegando em mar de sangue – em direção a que abismo? Ninguém sabe, temos medo. (2012, p.156)

Após essa reflexão, Caio faz propaganda de um espetáculo de Ivan Mattos e Eliane Steinmetz com textos seus, de Clarice Lispector e Renato Campão e música de Adriana Calcanhotto. O escritor informa local e datas numa clara divulgação do evento. E em seguida dispara bem humorado: “Se estou fazendo propaganda dos meus amigos? Lógico, meu bem, você acha que eu ia fazer propaganda dos meus inimigos?”. (2012, p.157)

Nos parágrafos finais retoma a reflexão a respeito da passagem dos meses mostrando-se otimista em relação a setembro que chega, apesar de tantas coisas ruins que vê.

A imagem abaixo nos mostra o recorte feito no texto, embora a crônica trate de vários assuntos – política, criminalidade, divulgação do espetáculo. Pela maneira como o texto foi selecionado, aqueles que leram somente a página ficam com a “imagem” otimista de Caio. A postagem recebeu 76 curtidas e 21 compartilhamentos, o que nos indica que o trecho interessou um número maior de seguidores do que a postagem anterior.

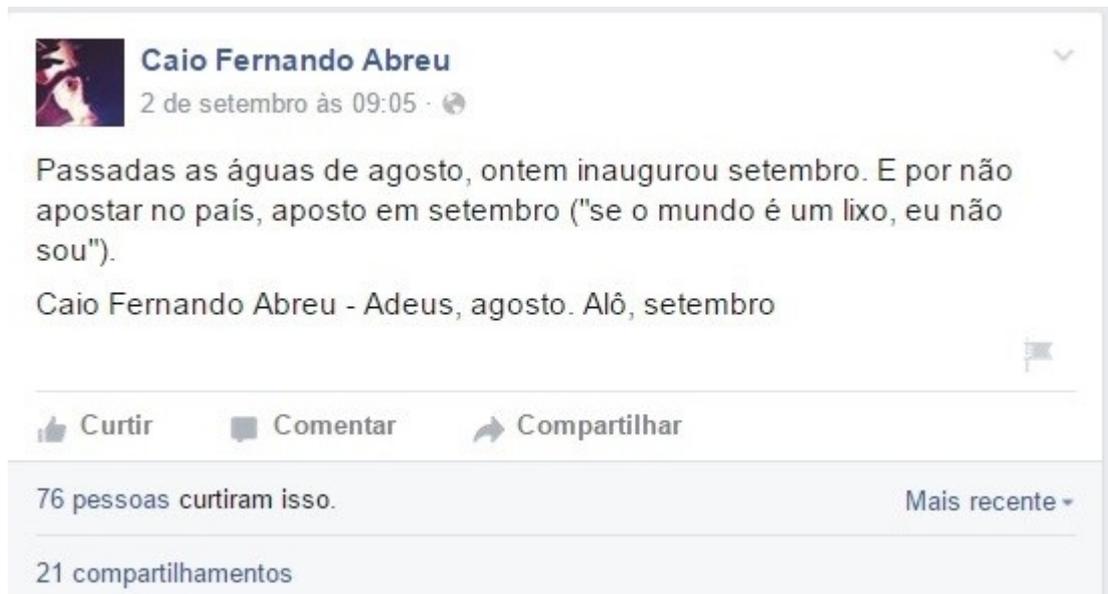


Ilustração18: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/09/2015. Fonte: *Facebook*

A terceira postagem é do dia 5 de setembro. Trata-se de outro trecho da mesma crônica – “Quanto a mim, acho que todo mundo tem mais é que viver. Ser feliz. Agora, dá licença, vou escancarar a janela, tomar um banho e me preparar para este setembro que ninguém vai sujar. Em mim, não mesmo.” e, mais uma vez, todos os assuntos abordados nela, e apontados por nós acima, não aparecem no recorte. Dessa maneira, mais uma vez o que transparece é a mensagem de otimismo quanto ao mês que chega.

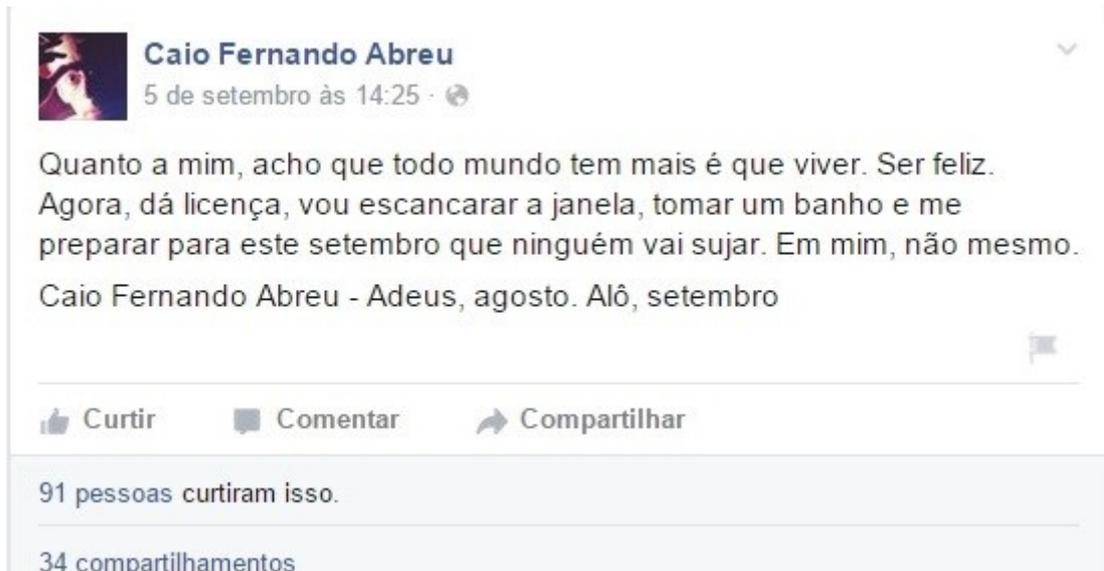


Ilustração 19: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 05/09/2015. Fonte: Facebook

Por coincidência, ou não, essa postagem teve um número de interações grande: foram 91 curtidas e 34 compartilhamentos, ou seja, aparentemente a mensagem mais otimista parece fazer mais sucesso entre os seguidores da página.

A quarta postagem do mês é um compartilhamento, ou seja, o conteúdo não foi criado pelos(as) administradores(as) da página, mas sim compartilhada de outra, de nome “Associação Amigos do Caio Fernando Abreu – AACF”. Trata-se de uma chamada para a exibição de “Para sempre teu Caio F.”, documentário dirigido por Candé Salles, com a participação de atores renomados interpretando textos de Caio e descortinando a vida do escritor gaúcho através de entrevista, ensaios, arquivos e interpretações de obras. A produção cinematográfica na ocasião seria exibida no Canal Brasil. A postagem reverbera as informações da página que gerou o conteúdo e incentiva seus seguidores a assistirem ao postar a seguinte legenda: “Para quem não viu, ou quer rever, #ficaadica”. A partir dessa publicação podemos aceitar que a página analisada faz parte de uma rede, ou seja, segue ou acompanha outras páginas dedicadas à obra de Caio Fernando Abreu.

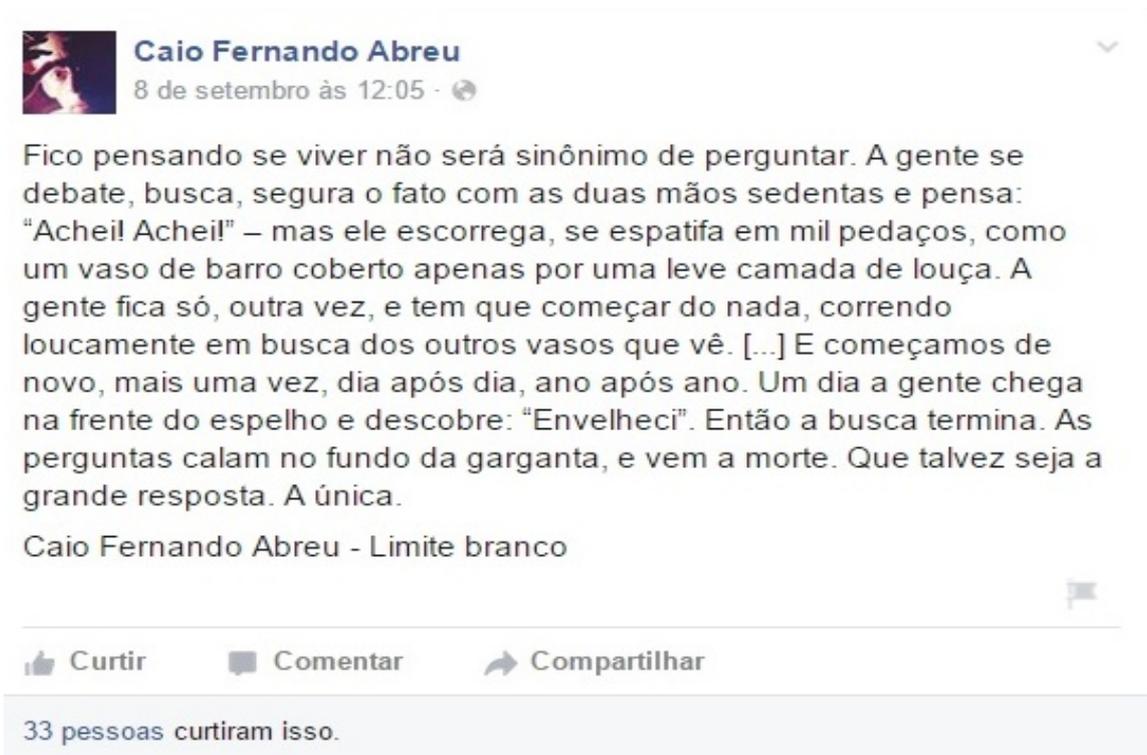


Ilustração 20: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 06/09/2015. Fonte: Facebook

Em 8 de setembro a página postou um trecho do primeiro romance de Caio *Limite Branco* 1971: “Fico pensando se viver não será sinônimo de perguntar. A gente se debate, busca, segura o fato com as duas mãos sedentas e pensa: ‘Achei! Achei!’ – mas ele escorrega, se espatifa em mil pedaços, como um vaso de barro coberto apenas por uma leve camada de louça. A gente fica só, outra vez, e tem que começar do nada, correndo loucamente em busca dos outros vasos que vê [...] E começamos de novo, mais uma vez, dia após dia, ano após ano. Um dia a gente chega na frente do espelho e descobre: ‘Envelheci. Então a busca termina. As perguntas calam no fundo da garganta, e vem a morte. Que talvez seja a grande resposta. A única”. Embora trate de uma narrativa de juvenília, *Limite branco* apresenta algumas das características que viriam a fazer parte da obra do escritor, como, por exemplo, a reflexão sobre os papéis de gênero impostos pela sociedade. O romance conta a história e conflitos de um adolescente que deixa o interior do Rio Grande do Sul para viver em Porto Alegre.

Embora o trecho selecionado para a postagem gere significados, aquilo que forma um romance, ou seja, o desencadeamento de ações não pode ser apreendido a partir da publicação, somente com a leitura dela não nos é possível conhecer o enredo do romance.

Não há referência à página do livro de onde o trecho foi extraído e nem se o título diz respeito a um romance, crônica ou conto do autor. No momento da nossa captura de tela, 33 pessoas curtiram a postagem, porém, nenhuma delas fez qualquer tipo de questionamento sobre a obra. Voltando semanas depois à publicação, notamos que esse fato não se modificou.



 **Caio Fernando Abreu**
8 de setembro às 12:05 · 🌐

Fico pensando se viver não será sinônimo de perguntar. A gente se debate, busca, segura o fato com as duas mãos sedentas e pensa: “Achei! Achei!” – mas ele escorrega, se espatifa em mil pedaços, como um vaso de barro coberto apenas por uma leve camada de louça. A gente fica só, outra vez, e tem que começar do nada, correndo loucamente em busca dos outros vasos que vê. [...] E começamos de novo, mais uma vez, dia após dia, ano após ano. Um dia a gente chega na frente do espelho e descobre: “Envelheci”. Então a busca termina. As perguntas calam no fundo da garganta, e vem a morte. Que talvez seja a grande resposta. A única.

Caio Fernando Abreu - Limite branco

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

33 pessoas curtiram isso.

Ilustração 21: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 08/09/2015. Fonte: *Facebook*.



Ilustração 22: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 13/09/2015. Fonte: Facebook.

Doze de setembro é uma data importante para aqueles que estudam e admiram a obra de Caio, uma vez que é o dia de seu nascimento. Dentro da nossa expectativa, esperávamos que a página dedicasse alguma postagem a essa data. No entanto, ela não foi lembrada. A quinta postagem também é um compartilhamento da página “Associação Amigos do Caio Fernando Abreu – AACF”. Novamente, a chamada para a exibição do documentário “Para sempre teu Caio F.”, também no Canal Brasil, e foi feita no dia 13 de setembro.

A sexta postagem do mês trata-se de um trecho do livro infantojuvenil de Caio *As frangas* (1989): “Agora pensei outro pensamento de gente grande. É assim: vezenquando, uma coisa só começa mesmo a existir quando você também começa a prestar atenção na existência dela. Quando a gente começa a gostar duma pessoa, é bem assim”; além dele, consta a foto da capa da edição de 2012. A partir dessa postagem, sabemos exatamente de onde foi tirado o trecho selecionado, diferente das outras em que, embora aparecesse o nome do conto ou crônica, não constava a informação sobre a que livro o trecho pertencia.

Embora estejamos diante de uma publicação voltada a esse público específico, notamos que, com exceção da primeira frase do texto, e também pela expressão “bem assim” do final – que soa infantil, especialmente se a compararmos com a seleção vocabular costumeiramente utilizada por Caio -, o trecho selecionado não parece, necessariamente, fazer parte de uma obra infantojuvenil. Acreditamos

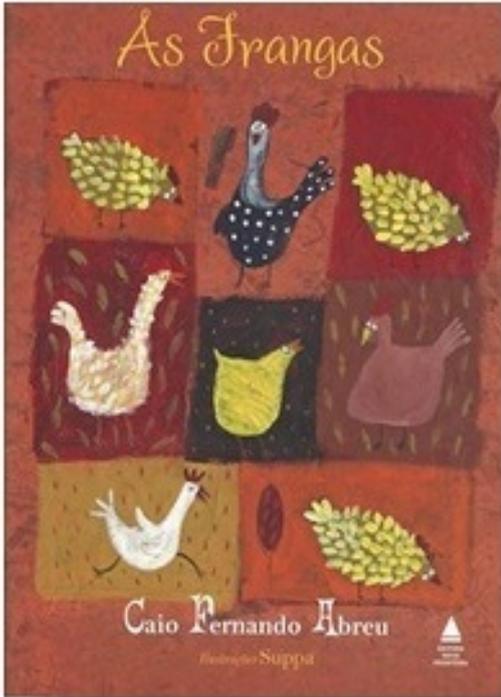
que esse fato ocorra, pois o assunto tratado é o amor, ou seja, “coisa de gente grande”.

Outra questão que chama atenção é que, embora a história gire em torno de uma coleção de galinhas – como podemos notar pelo título – a postagem não permite identificarmos essa informação, nem mesmo dá indícios sobre o tema da história. A escolha do trecho postado não diz nada sobre as aventuras de Ulla, Gabi, Maria Rosa, Maria Rita e Maria Ruth, as frangas do título.

 **Caio Fernando Abreu**
14 de setembro às 19:52 · 🌐

Agora pensei outro pensamento de gente grande. É assim: vezenquando, uma coisa só começa mesmo a existir quando você também começa a prestar atenção na existência dela. Quando a gente começa a gostar duma pessoa, é bem assim.

Caio Fernando Abreu - As frangas



As Frangas

Caio Fernando Abreu
Ilustrado por Roberto Suppa

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Você e outras 69 pessoas curtiram isso. Mais recente ▾

15 compartilhamentos

Ilustração 23: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 14/09/2015. Fonte: Facebook.

A postagem obteve um alto número de curtidas, 70 e dois comentários: uma “marcação”, ou seja, um usuário visualizou o conteúdo e notificou outro, através de seu nome, e um comentário sobre um trecho do livro.

Notamos, mais uma vez, que poucas produções de Caio ficam de fora das seleções do(as) administradores(as), o que se ratifica pela presença de seu único livro infantojuvenil, que, de maneira geral, é pouco lembrado pela crítica.

No dia 15 de setembro a página publicou a seguinte postagem:

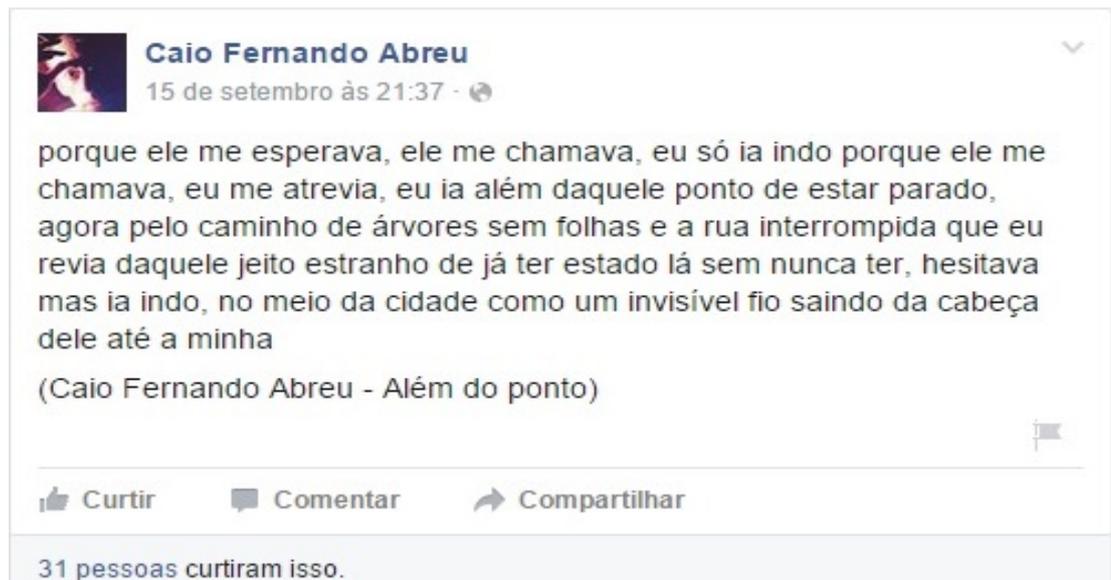


Ilustração 24: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 15/09/2015. Fonte: Facebook.

Trata-se demais um trecho do conto “Além do ponto” do livro *Morangos mofados* (1982): “porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado, agora pelo caminho de árvores em folhas e a rua interrompida que eu revia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha.” (ABREU, 1982, p.29). Podemos observar, mais uma vez, que embora haja o nome do texto, não há citação de página ou mesmo a informação sobre qual obra o conto pertence. Aqueles que desconhecem a obra do escritor não podem, através dessa postagem, saber se está diante de uma passagem de um conto, crônica, carta ou romance. Estamos diante do que Barthes (2012) chamou de leitura irrespeitosa, “pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre.” (2012, p.26). Desse modo, a descontextualização priva o leitor de acompanhar a tensão experimentada por

aqueles que acompanham a jornada pela qual a personagem passa na busca de encontrar aquele outro que tanto deseja.

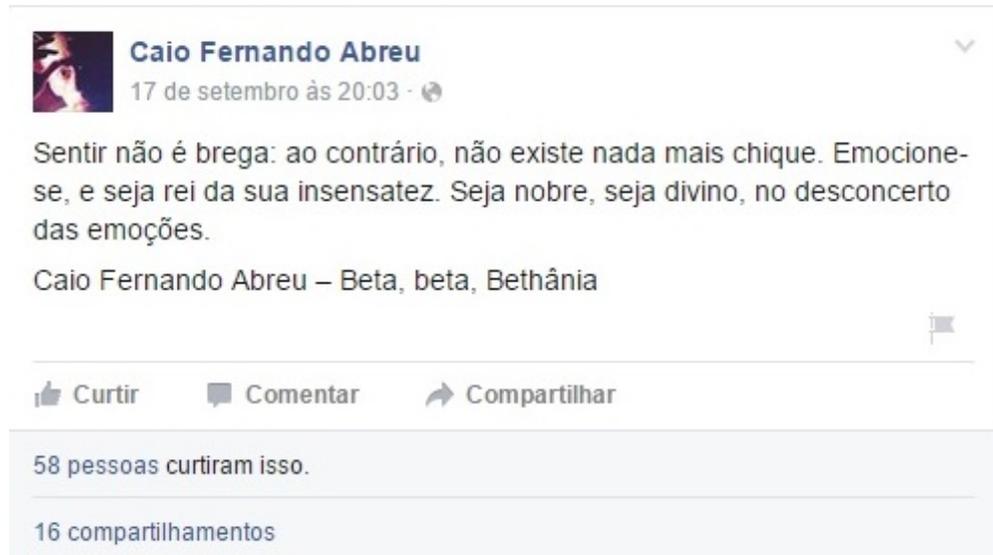


Ilustração 25: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 17/09/2015. Fonte: Facebook.

A postagem do dia 17 de setembro foi uma passagem da já citada crônica “Beta, beta, Bethânia”, publicada primeiramente *n’O Estado de S.Paulo*, em 11 de fevereiro de 1987 e posteriormente no livro *A vida gritando nos cantos* (2012): “Sentir não é brega: ao contrário, não existe nada mais chique. Emocione-se, e seja rei da sua insensatez. Seja nobre, seja divino, no desconcerto das emoções.” Interessante notar que, embora a crônica trate das emoções, comparando-as à cantora baiana Maria Bethânia, o trecho selecionado não a cita nem sequer uma vez. A referenciação é uma característica comum na obra de Caio. Trata-se da utilização de diferentes elementos culturais, num trabalho de citação. Em alguns contos vemos de maneira bastante explícita outros elementos, como a música, inserirem-se no texto do autor. É o caso, por exemplo, de alguns contos em que o autor sugere que seja lido “ao som de”, como acontece no conto “Os sobreviventes”, do livro *Morangos mofados* (1982), que tem por subtítulo “Para ler ao som de Ângela Roro”. Esse mesmo recurso aparece na crônica intitulada “Carta anônima”, que apresenta a sugestão “Para ler ao som de Melodia sentimental, de Villa-Lobos, cantada por Olivia Byington” (ABREU, 2012, p.113). Outras referências musicais aparecem ao longo das narrativas e vão de Caetano Veloso a Chopin, passando por Odete Lara e Sula Miranda.

O cinema, outra paixão de Caio, também é referenciado diversas vezes ao longo de suas narrativas. Ao citar personalidades ligadas a essa arte como Woody Allen, Bette Davis, Arnold Schwarzenegger ou Federico Fellini, o autor parece fazer uma espécie de sugestão aos leitores, que podem sentir-se convidados a conhecer as obras em questão.

A literatura, obviamente, ganha lugar de destaque, já que o narrador de Caio ou Caio cronista faz inúmeros entrecruzamentos entre diferentes textos e autores, seja através de citações diretas ou da simples menção do nome ou obra de algum autor. A ideia de citação neste contexto está ligada ao preceito teórico postulado por Compagnon (2007): “A citação tenta reproduzir na escrita a paixão pela leitura [...]. A citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita [...]” (2007, p.29)

Dessa maneira, os autores e autoras que fazem parte do repertório de Caio leitor como Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Virgínia Woolf, Clarice Lispector e Fernando Pessoa figuram em suas páginas, construindo, assim, uma teia de referências que deixa entrever suas influências literárias. Esse recurso nos permite identificar um cruzamento de vozes em sua construção literária.

Ao ler somente o trecho selecionado pelos(as) administradores(as), o leitor, obviamente, perde toda essa teia de citações que apontamos, no entanto, essa “falta” não o impede de identificar-se e interagir, o que podemos notar através das 58 curtidas e 16 compartilhamentos recebidos pela postagem na data da pesquisa.

Dia 18 de setembro foi selecionada uma passagem do romance *Onde andará Dulce Veiga?* (1990): “Não, eu não queria ver nenhum dele. Eu não queria nada, eu não queria ninguém. Como Dulce Veiga, o que eu queria era encontrar – outra coisa. [...] Então a campainha tocou, e tudo começou a acontecer muito depressa.”

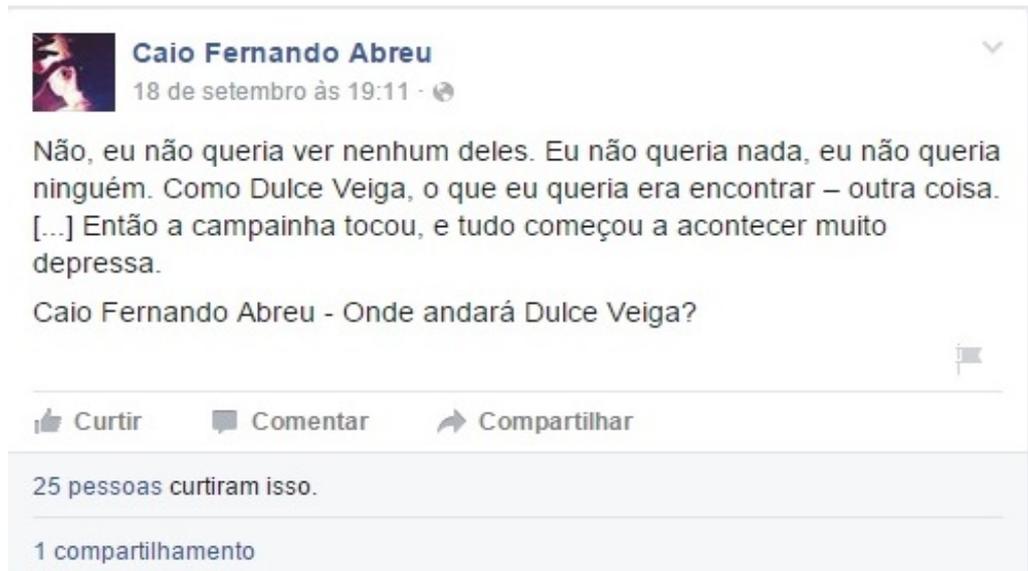


Ilustração 26: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 18/09/2015. Fonte: *Facebook*.

Mais uma vez não há maiores informações sobre o romance, além do título que um leigo poderia tomar como o título de um conto ou crônica. Ainda assim, essa informação é uma pista para aqueles que podem se interessar na continuidade da leitura. A postagem recebeu 25 curtidas e um compartilhamento, ou seja, 26 pessoas interagiram com ela e através dela. Embora o trecho tenha sido retirado do romance, ao qual não se tem acesso apenas pela postagem, a maneira como foi selecionado acaba por expandir as significações.

O dia 20 de setembro foi o de maior atividade na página. No total, quatro postagens, entre trechos de crônicas – “De laços, seios, sábados e tormentas”, publicada originalmente n’*O Estado de S.Paulo* em 01 de maio de 1994 e posteriormente no livro *A vida gritando nos cantos* (2012) -, “Suspiros de domingo”, também de *O Estado de S.Paulo* de 18 de março de 1987 e presente no livro *A vida gritando nos cantos* (2012) -, trecho do conto “Os dragões não conhecem o paraíso” do livro homônimo de 1988 e, por último, trecho de carta endereçada ao jornalista e amigo José Márcio Penido.

A primeira postagem do dia foi um trecho da crônica “De laços, seios, sábados e tormentas”: “Sempre no ar aquela expectativa – pizza, cinema ou beijo, não importa – de uma gota de mel para o domingo.”

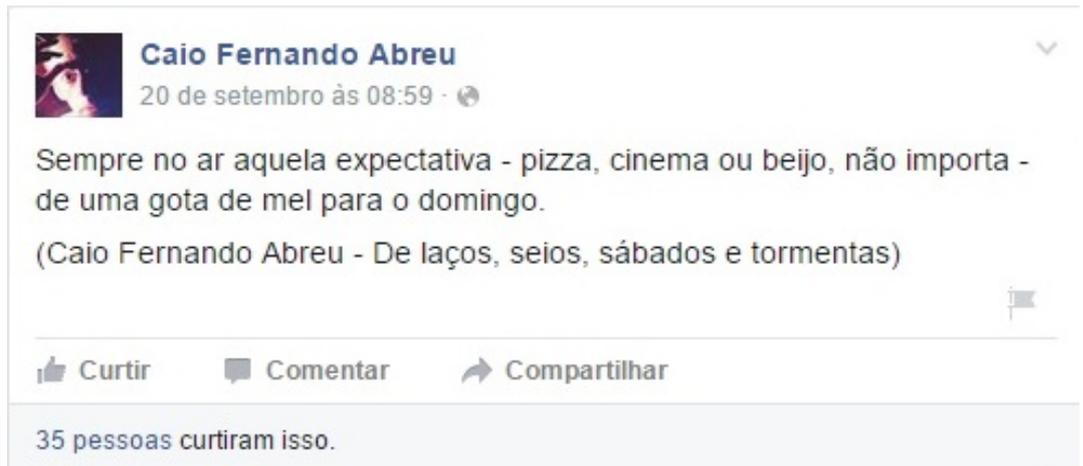


Ilustração27: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 20/09/2015. Fonte: *Facebook*.

A partir dessas quatro postagens, podemos notar a versatilidade de Caio. São trechos de crônicas, de um conto e de uma carta. Sabemos que a linguagem empregada em cada um dos gêneros sofre algumas alterações – especialmente na carta, que, a princípio, não foi escrita para ser publicada-, no entanto, temos Caio em quase todos os gêneros em que se aventurou, excetuando-se apenas o romance e o teatro. É possível, então, concluir que para os(as) administradores(as) da página o gênero não é relevante desde que diga algo à subjetividade também daqueles que acompanham a página.

O mês de setembro foi finalizado com duas postagens no mesmo dia 28.

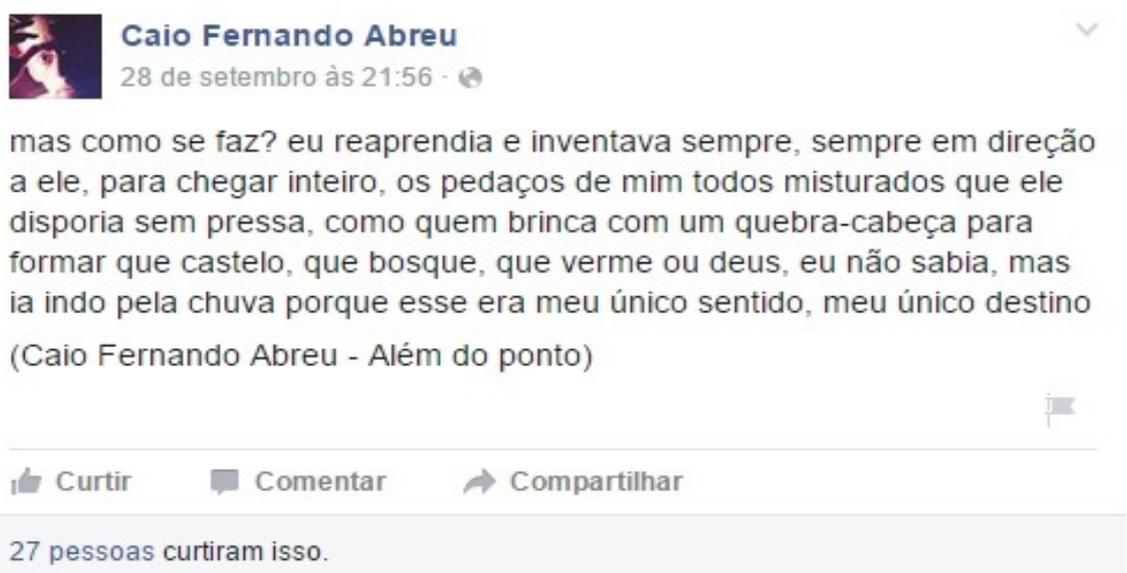


Ilustração28: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 28/09/2015. Fonte: *Facebook*.

Na primeira delas temos novamente o trecho do conto “Além do ponto”, postado no dia 12 de agosto: “mas como se faz? Eu reaprendia e inventava sempre, sempre em direção a ela, para chegar inteiro, os pedaços de mim todos misturados que ele disporia sem pressa, como quem brinca com um quebra-cabeça para formar que castelo, que bosque, que verme ou deus, eu não sabia, mas ia indo pela chuva porque esse era meu único sentido, meu único destino.”

Mais uma vez estamos diante da liberdade do leitor, nesse caso, os(as) administradores(as) da página. Da primeira vez que um trecho desse conto apareceu na página poderia ter publicado na íntegra. No entanto, a escolha do leitor/administrador é livre e depende única e exclusivamente de sua subjetividade, da maneira como a obra o alcança no momento em que o alcança, corroborando o que descreve Sartre (1989):

Uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é uma apelo. Escrever é apelar ao leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem. Caso se pergunte a *que* apela o escritor, a resposta é simples. Como nunca se encontra no livro a razão suficiente para que o objeto estético apareça, mas apenas estímulos à sua produção; como tampouco há razão suficiente no espírito do autor, e como a sua subjetividade, da qual ele não pode escapar, não consegue esclarecer a passagem para a objetividade, a aparição da obra de arte é um acontecimento novo, que não pode *explicar-se* pelos dados anteriores. E como essa criação dirigida é um começo absoluto, ela é operada pela liberdade do leitor, naquilo que essa liberdade tem de mais puro. Assim, o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção de sua obra. (1989, p.39)

A partir da análise dessa primeira página podemos constatar uma renovação na maneira de ler, proporcionada pela ferramenta *Facebook*. Inegáveis são suas particularidades, que buscamos observar nesse capítulo. Na análise de cada postagem nos deparamos com a realidade do texto “em ação”, sendo consumido, sendo “usado”. O ritual solitário de leitura com o qual estamos acostumados parece ter dado lugar, nessa rede, para uma leitura compartilhada que, através dos recursos do *site*, nos permite acompanhar seus movimentos. Isso se dá pela possibilidade de acompanharmos o quanto uma postagem fez “sucesso” ou não, se ela foi reverberada, aumentando, assim, potencialmente o número de leitores. Estamos diante do que Barthes (2012) defende em relação ao texto: “que se tente abolir (ou pelo menos diminuir) a distância entre a escritura e a leitura, não pela

intensificação da projeção do leitor sobre a obra, mas ligando-os a ambos numa só e mesma prática significante.” (2012, p.73). Ao selecionar um trecho e, conseqüentemente, preterir outros os(as) administradores(as) ligam-se ao autor dando significados as suas palavras.

A seguir analisaremos a segunda página que compõe nosso *corpus*, buscando investigar se as mesmas práticas de leitura identificadas nessa primeira página seguem válidas, ou seja, se a leitura se processa da mesma forma.

Ao coletarmos as postagens da segunda página selecionada, chamada “Caio Fernando Abreu”, de antemão identificamos diferenças significativas com relação à primeira página analisada: número de postagens muito maior, constante presença de fotos e poucas frases retiradas da obra de Caio. Pretendemos a análise de uma amostra qualitativa dos dados, com a intenção de apreender os detalhes, as singularidades das postagens, em detrimento de uma quantitativa, na qual, segundo Fragoso et al. (2001, p.63) possui a intenção de generalizar os resultados da pesquisa. Para tanto, nessa etapa, optamos por selecionar algumas postagens, uma vez que uma amostra grande demais mostra-se incompatível com nosso objetivo, já que solicitam análises individuais de cada caso. Assim, apresentaremos um levantamento das postagens que trazem frases ou trechos de Caio e daquelas que não trazem. Pretendemos apontar exemplos dos tipos de postagem mais comuns na página, com a intenção de identificarmos um padrão na maneira que as publicações aparecem.

A partir da coleta e análise das postagens, criamos uma tabela que nos mostra o funcionamento da página no que diz respeito às publicações que utilizam frases ou trechos da obra de Caio.

Tabela 1 – Postagens da página 2

Meses observados	Postagens que utilizam frases/trechos de Caio Fernando Abreu	Postagens que não utilizam frases/trechos de Caio Fernando Abreu
Agosto	2	29
Setembro	7	23
Total	9	61
Porcentagem	14,7%	85,3%

Como é possível notar a partir da análise da tabela acima, a página, embora tenha o nome do escritor gaúcho, posta poucas frases ou trechos de sua autoria. A maioria das publicações é composta por uma foto – geralmente de um casal – acompanhada de uma frase ou trecho. A seleção desses trechos é feita, possivelmente, a partir da impressão que os(as) administradores(as) têm da literatura de Caio.

A seguir analisaremos algumas postagens que trazem frases ou trechos que não são de autoria de Caio, buscando identificar qual relação possuem com a obra do escritor.

Em seguida analisaremos as nove postagens nas quais constam frases ou trechos de Caio. A partir da investigação desses dois tipos de postagens que compõem a página pretendemos compreender o seu funcionamento.



Ilustração29: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 01/08/2015. Fonte: *Facebook*.

A primeira postagem do mês de agosto é uma foto das mãos de um casal, acompanhada da seguinte frase: “Suponho que me entender não é questão de

inteligência e sim de sentir, de entrar em contato...Ou toca ou não toca.” Clarice Lispector. A citação não pertence à obra da autora, mas de uma entrevista concedida por ela em 1977 ao jornalista Júlio Lerner da TV Cultura⁴⁶. Refere-se ao livro *Paixão segundo G.H.*(1964), Clarice fala sobre o entendimento do livro pelos leitores da obra. No programa, a sentença de Lispector aparece em ordem inversa: “Suponho que me entender não é questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Ou toca ou não toca.”

A associação de Clarice Lispector a Caio aparece de forma corriqueira. Embora Clarice tenha iniciado sua carreira literária antes de Caio, ambos produziram livros na mesma época. Conforme já mencionamos, Clarice era uma inspiração de Caio. Além disso, ambos utilizam uma linguagem intimista e subjetiva, o que pode, aos olhos dos(as) administradores(as), aproximá-los.

A postagem foi compartilhada da página “Mar de poesia”⁴⁷. Ao retornarmos à publicação, após cinco meses, foi possível notar que o número de pessoas que curtiram passou de 560 para 605. Também no momento da coleta de dados não havia comentários, porém, posteriormente, foram feitos três. Ao acessarmos a página criadora do conteúdo, notamos que a mesma publicação alcançou 258 curtidas - número consideravelmente baixo se comparado às curtidas recebidas na página de título “Caio Fernando Abreu”. Esse fato reforça a hipótese de que associar uma postagem ao nome do escritor resulta em uma maior popularidade da publicação, aumentando, assim, seu alcance.

⁴⁶ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGIInF4&list=PL105665D4E5F8AFAA>. Acesso em 22 de dez 2015.

⁴⁷ <https://www.facebook.com/marpoesias/photos/a.530036510356969.139000.110037519023539/1113896865304261/?type=3&fref=nf> . Acesso em 28 dez 2015.



Ilustração30: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 02/08/2015. Fonte: *Facebook*.

A publicação do dia 02 de agosto também é uma foto acompanhada de uma frase: “Relacionamentos acabam cedo demais, porque as pessoas deixam de colocar o mesmo esforço para mantê-lo como fizeram para conquistá-lo”, que, ao ser pesquisada no *Google*, aparece com diversas referências. Por exemplo, em um perfil do *Twitter* a frase é atribuída à cantora, compositora, atriz e roteirista pernambucana Clarice Falcão. Alguns referenciam como uma criação do perfil humorístico Irmã Zuleide, que faz sucesso tanto no *Facebook* como no *Twitter*; outros ainda acreditam que se trata de um autor desconhecido. A respeito dessa citação, também encontramos dezenas de montagens que a usam como texto central. Ainda que não tenha sido encontrado um paralelo entre ela e a obra de Caio, a postagem recebeu 1097 curtidas e 179 compartilhamentos, até a data da pesquisa.

O fato de Caio ter escrito sobre sentimentos e a busca do amor pode ser uma pista para associarem uma frase que fala de relacionamentos a ele.



Ilustração31: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 03/08/2015. Fonte: *Facebook*.

Em 03 de agosto de 2015, foi postado um aforismo: “Se não quer, não dê esperança”. 2797 pessoas curtiram e 86 compartilharam em sua linha de tempo, aumentando assim seu alcance. Nada indica que se trate de um trecho da obra de Caio Fernando Abreu; assim como a postagem do dia anterior, circula na *internet* em diversas montagens e é atribuída a diversos autores; como, por exemplo, na página do *Facebook* chamada “Frases de Renato”, que concentra publicações em frases que teriam sido ditas ou escritas pelo cantor e compositor brasileiro Renato Russo. Como também no perfil do *Twitter* chamado “Filosofei”, que publica frases e aforismo sem que apareça referências de autoria.



Caio Fernando Abreu
20 de agosto de 2015 · 🌐

Nunca deixe que te digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem...



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

2.772 pessoas curtiram isso. Principais comentários -

525 compartilhamentos

 Escreva um comentário...

E que seus planos nunca vão dar certo...ou que você nunca vai ser alguém...tem gente que machuca os outros...tem gente que não sabe AMAR...

Curtir · Responder · 👍 12 · 20 de agosto de 2015 às 09:31

Ver mais 8 comentários

Ilustração32: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 20/08/2015. Fonte: *Facebook*.

Na postagem do dia 20 de agosto, além de uma foto de uma moça de braços abertos, andando de bicicleta em uma estrada deserta, encontramos uma frase – “Nunca deixem que te digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem...”, ela faz parte da composição “Mais uma vez” de Flávio Venturini e Renato Russo. A relação entre a música e a obra de Caio não se mostra clara, ainda assim, mais de 2700 pessoas curtiram e 525 compartilharam esse conteúdo, dando a impressão de que a associação ou é acertada ou não faz diferença para os seguidores, desde de que os mobilizem de alguma maneira. Quanto aos comentários, dentre os sete que constam na data da nossa pesquisa, o que o *Facebook* destaca é aquele que completa a letra da música, contando com 12 curtidas, até o momento da pesquisa.

Observamos que a página cria uma identidade nova para Caio, atribuindo a ele frases e trechos que não são de sua autoria. Dentro desse contexto, uma das características dessa identidade são as mensagens de otimismo que aparecem com frequência.



Ilustração33: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 29/08/2015. Fonte: *Facebook*.

No dia 29 de agosto temos a foto de um casal se beijando; importante notar que, embora Caio trate frequentemente em sua obra da homossexualidade, até esse momento todas as postagens que têm como ilustração fotos de casais são de heterossexuais. A diversidade e representatividade que aparecem na obra de Caio como um todo, perdem espaço nas postagens selecionadas por essa página. A frase que serve de legenda – “O amor não se tem na hora que se quer, ele vem no olhar, sabe ser o melhor na vida e pede bis quando faz alguém feliz,” - é um trecho da música “Romeu e Julieta” da banda carioca Los Hermanos. Outra característica

da nova identidade dada a Caio, através das publicações da página, é o romantismo. Muitas frases selecionadas para compor as postagens são românticas, fazendo com que os usuários que não conhecem a obra de Caio, senão através da página, creiam que ele é um escritor de textos românticos. Embora na obra do escritor haja narrativas sobre a busca do amor e os relacionamentos, sua maneira de tratar o tema é, por vezes, desesperançada, diversa, pois, da maioria das frases e trechos postados.

Aqueles que comentaram a publicação não fizeram nenhuma associação com a banda e nem qualquer questionamento sobre a frase ser de autoria de Caio ou não, ainda assim, mais de 1900 pessoas curtiram a publicação, enquanto 250 compartilharam.

Iniciando o mês de setembro, temos no dia 08 a imagem de uma moça sorrindo, deitada na grama e o seguinte trecho: “Algum dia tudo fará sentido. Enquanto isso, ria da confusão, chore pouco e entenda que tudo acontece por alguma razão.” Em pesquisa na internet, notamos que alguns *sites* e *blogs* afirmam que a autoria desse trecho, além de Caio, seria de Paulo Coelho ou Tati Bernardi. Chama a atenção que perfis no *Twitter* com nome de artistas da música como Maria Gadú, a banda de reggae americana SOJA e a banda mineira Onze:20 também postaram esse trecho, sem indicar autoria. Assim, podemos concluir que essa passagem circula por diversos *sites*, além de possuir muitas montagens em que ela aparece.

A frase escolhida destoa da visão apresentada nas narrativas de Caio, a ideia de “sentido” da vida em suas personagens aproxima-se, na maioria das vezes, de um sentimento de pessimismo e da sensação de falta de entendimento acerca que acontece em suas vidas. Embora suas personagens reflitam sobre seus sentimentos e inquietudes, elas, de maneira geral, distanciam-se dessa ideia otimista e da necessidade de rir e chorar pouco.

 **Caio Fernando Abreu**
8 de setembro de 2015 · 🌐

Algum dia tudo fará sentido. Enquanto isso, ria da confusão, chore pouco, e entenda que tudo acontece por alguma razão.



 Curtir  Comentar  Compartilhar

2.885 pessoas curtiram isso. [Principais comentários](#)

856 compartilhamentos



 Decidi recomeçar a história, entretanto preferi substituir o era uma vez por é dessa vez.
Curtir · Responder · 👍 2 · 8 de setembro de 2015 às 09:12

 Eu deixei, alguém me roubar de mim, essa pessoa falava, decidia tudo por mim, um belo dia Deus, tirou a venda dos meus olhos, tava perdida mas hoje me encontrei!
Curtir · Responder · 👍 2 · 8 de setembro de 2015 às 11:03

 1 resposta

[Ver mais 21 comentários](#)

Ilustração34: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 08/09/2015. Fonte: Facebook.



Ilustração35: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 09/09/2015. Fonte: Facebook.

Apenas um perfil do *Twitter* mostra a mesma postagem, no entanto, embora afirme que se trata de uma frase de autoria de Caio, não indica de que obra ela foi retirada. “Aquele vontade louca, de viver realmente tudo aquilo que vive morando nos meus sonhos.” Ao pesquisarmos esse trecho, descobrimos um *site* chamado “Frases para Facebook”⁴⁸. Nele estão armazenadas diversas frases que serviriam para postagem na rede social, divididas em mais 54 categorias, entre elas “frases tristes”, “frases sobre mim”, “frases de Clarice Lispector”. Sobre esse achado podemos concluir que há pessoas interessadas em copiar conteúdos ao invés de criá-los.

A passagem que faz parte dessa publicação não tem qualquer relação com a obra de Caio. Podemos supor que os(as) administradores(as) publicaram, pois

⁴⁸<http://www.frasesparaoface.com/aquele-vontade-louca/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2015

acreditam que, segundo a impressão que têm sobre a obra do escritor, a frase poderia ter sido escrita por ele.



Ilustração36: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 17/09/2015. Fonte: *Facebook*.

No dia 17 de setembro, além da foto de um casal admirando a paisagem, temos uma frase: “Crie laços com as pessoas que lhe fazem bem, que lhe parecem verdadeiras.” Ao pesquisá-la notamos que ela circula de maneira bastante significativa por diversos *blogs* e *sites*. Alguns creditam a autoria a Caio – embora não indiquem o texto-fonte de Caio; outros afirmam tratar-se de uma frase do poeta gaúcho Mario Quintana, além de muitos que não citam a autoria. Embora não haja na *internet* qualquer informação que possa confirmar a autoria, constatamos que a frase foi utilizada na prova de um concurso⁴⁹, da mesma maneira que aparece na *internet*, sem nenhuma referência à obra. A partir da análise desse uso, podemos

⁴⁹http://www.upenet.com.br/concursos/PREVIPE_14/prova_gabarito/PROVA%20PREVIPE%202014.pdf. Acesso em: 29 dez 2015.

observar que a prática de selecionar textos postados da *internet*, parece ter ganhado força e saído do âmbito virtual.

TEXTO 02 (questões 05 e 06)

"Crie laços com as pessoas que lhe fazem bem, que lhe parecem verdadeiras. Desfaça os nós que os prendem àquelas que foram significativas na sua vida, mas, infelizmente, por vontade própria, deixaram de ser. Nó aperta, laço enfeita. Simples assim."

Caio Fernando Abreu

05. Analisando-se o texto 02, sobre o trecho "Nó aperta, laço enfeita.", percebe-se que

- | | |
|--|---|
| A) nó e laço apresentam a mesma significância. | D) o autor realiza um comparativo entre nó e laço. |
| B) laço representa o lado negativo da vida. | E) os laços familiares se multiplicam no cenário moderno. |
| C) nó indica as circunstâncias benéficas da vida humana. | |

06. No texto 02, o verbo PRENDER

- | | |
|--|--|
| A) tem como complemento, apenas, o termo "os". | D) apresenta a mesma regência do verbo <i>Assistir</i> . |
| B) não pede complemento. | E) apresenta regência idêntica ao verbo <i>Chamar</i> . |
| C) tem dois complementos, "os" e "àquelas" | |

Ilustração37: Questão de concurso, assunto "Caio Fernando Abreu. Fonte: Google.

Outro fato que chama atenção nessa postagem é a maneira como a pessoa do segundo comentário refere-se a Caio: "meu querido amigo" e despede-se com "um abraço". A linguagem sugere intimidade e também que o seguidor desconhece o fato de Caio ter morrido e crê que é o próprio escritor que posta as mensagens contidas na página.

A publicação recebeu mais de 1900 curtidas, 399 compartilhamentos e 19 comentários.

Caio Fernando Abreu
18 de setembro de 2015 · 🌐

Nada é eterno. O café esfria, o cigarro apaga, o tempo passa, as pessoas mudam.

2.905 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

740 compartilhamentos

Escreva um comentário...

É só trocar o filtro, esquentar outra água e passar um café novinho e quentinho...
Curtir · Responder · 6 · 18 de setembro de 2015 às 10:25

1 resposta

dica: coloca numa dessas garrafas termica, ascende outro se tiver na vontade. Isso lá é bem verdade e realidade o tempo passa e voando, as pessoas são o que são mudam seus hábitos quando necessário, mas sou sua fã Caio Fernando Abreu, esse seu sorriso me encanta.
Curtir · Responder · 18 de setembro de 2015 às 15:25

Ver mais 25 comentários

Ilustração38: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 18/09/2015. Fonte: Facebook.

A postagem do dia 18 de setembro mostra um homem diante do mar. O trecho que serve de legenda para a foto – “Nada é eterno. O Café esfria, o cigarro apaga, o tempo passa, as pessoas mudam.” - aparece em muitos outros *sites* e *blog*, sem, no entanto, referenciar a autoria. Trata-se de uma frase comum na *internet*, tendo sido usada em diversas montagens. Mais uma vez, o que chama atenção é a maneira que as pessoas interagem por meio dos comentários. O usuário que comentou na tarde do dia 18, depois de escrever um pouco a respeito do texto, despede-se com a seguinte declaração: “sou sua fã Caio Fernando Abreu,

esse seu sorriso me encanta.” Nota-se claramente que esse usuário desconhece a história de Caio e imagina que esteja se comunicando diretamente com o escritor, mas não há resposta ao comentário que pudesse esclarecer essa informação. Parece que a presença do nome Caio Fernando Abreu é tão constante na vida *online* desse usuário que o faz crer que o escritor esteja vivo e postando no *Facebook*.



Ilustração39: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 19/09/2015. Fonte: *Facebook*.

A primeira publicação do dia 19 de setembro mostra a imagem de um casal se abraçando e a frase “Importa apenas o teu sorriso e nada mais.” Trata-se de um verso da canção “Não quero você assim”, do cantor e compositor carioca Paulinho da Viola, gravada no Lp “Foi um rio que passou em minha vida”, de 1970. Mais uma vez nos deparamos com uma imagem romântica de Caio Fernando Abreu, o que se dá pela seleção feita pelos(as) administradores(as) para as publicações. A referência da música de onde a frase foi retirada não consta na postagem e, embora

não seja uma frase de Caio, recebeu 852 curtidas, 155 compartilhamentos e 28 comentários.



Ilustração40: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 23/09/2015. Fonte: *Facebook*.

Ao pesquisarmos o trecho dessa postagem nos deparamos com mais um fato curioso: a existência de mais um *site* dedicado apenas a postagens de frases: chama-se “frases do bem”, o trecho analisado – “Chega um tempo na vida que a gente aprende que ninguém nos decepciona, nós que colocamos expectativas demais sobre as pessoas.” - foi encontrado na categoria “frases de decepção”⁵⁰. Embora não tenhamos localizado dentro da obra de Caio, o fato de uma frase atribuída a ele constar em um *site* como esse reforça nossa hipótese que sua

⁵⁰<http://www.frasesdobem.com.br/frases-de-decepcao>. Acesso em 29 dez 2015.

literatura assumiu certo caráter de aforismos ou máximas. A publicação recebeu 3426 curtidas, 559 compartilhamentos e 46 comentários.

No dia 24 de setembro, a primeira postagem traz – além da foto de um casal, o trecho da música “Pra sempre”, do cantor brasileiro de música cristã contemporânea Thiago Grulha – “Quero um amor que resista o (sic) tempo. Uma verdade pra abraçar pra sempre. Caminhada de bons sentimentos, coração que me entende”. Trata-se de uma associação curiosa, uma vez que estamos diante de uma vertente musical bastante específica e contemporânea. Aparentemente, os(as) administradores(as) entendem que a passagem se assemelha com algo que Caio escreveu ou escreveria. É difícil associá-lo à frase selecionada. Embora não seja de autoria de Caio, a postagem recebeu 2327 curtidas, 308 compartilhamentos e 58 comentários.



Caio Fernando Abreu
24 de setembro de 2015 · 🌐

Quero um amor que resista o tempo. Uma verdade pra abraçar pra sempre. Caminhada de bons sentimentos, coração que me entende.



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

2.327 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

308 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Eu quero colo eu quero carinho, e o meu carinho eu quero te da, eu ja andei muito tempo sozinho ,por favor deixa eu te encontrar... linda musica! 🎵
Curtir · Responder · 👍 5 · 24 de setembro de 2015 às 14:11 · Editado

2 Respostas

Que resista ao tempo.. 😞 Todo o mundo quer..
Curtir · Responder · 👍 1 · 24 de setembro de 2015 às 15:46

Ver mais comentários 2 de 56

Ilustração41: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 24/09/2015. Fonte: Facebook.



Ilustração42: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 25/09/2015. Fonte: Facebook.

Em 25 de setembro a publicação traz uma frase bastante comum na *internet*, tendo sido compartilhada em diferentes *sites* e *blogs*: “Não importa a cor do céu, quem faz o dia bonito é você”. Trata-se de um aforismo que, embora tenha sido creditado a Caio, aparece também como sendo de outros autores, ou mesmo sem autoria definida.

Mais uma vez vemos a imagem de Caio como um autor de máximas, aforismos ou conselhos. Ela se cria de acordo com o que é postado na página. A frase parece tão pouco específica que é difícil identificar o motivo de dela ter sido creditada ao escritor. Nela, não há qualquer característica de linguagem que possa aproximar-se da escrita de Caio.

Muitas montagens foram feitas com ela, como se pode notar na imagem que segue:

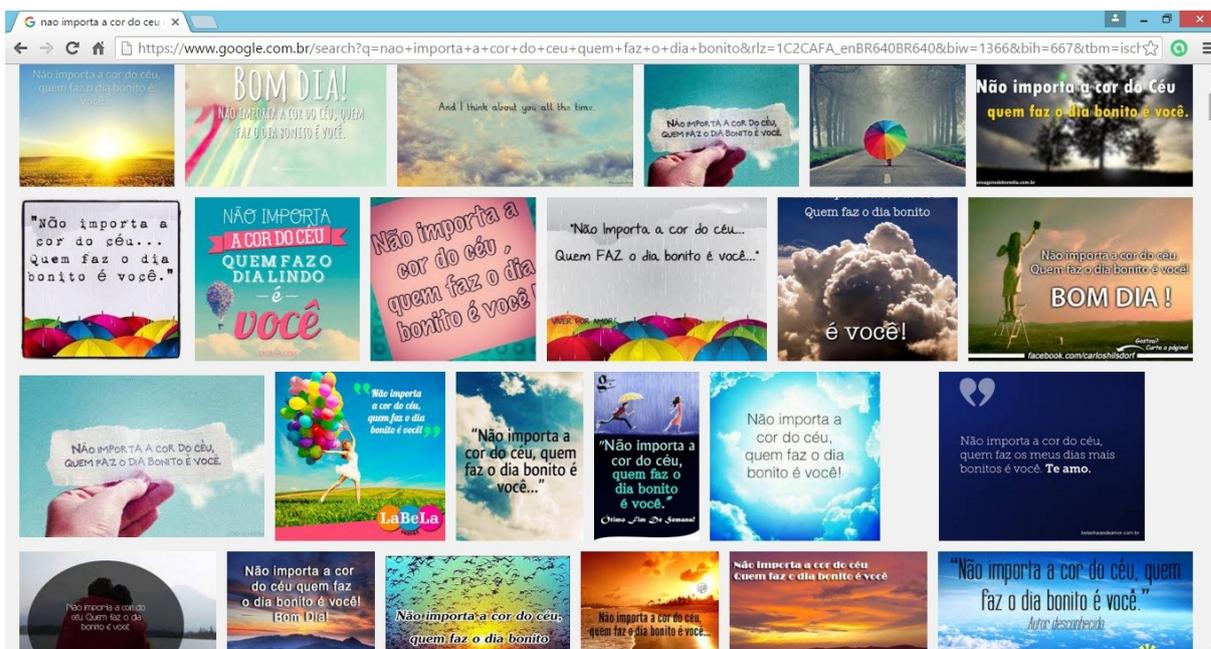


Ilustração43: Palavras-chave: não importa a cor do céu quem faz o dia bonito.27/12/2015. Fonte: Google.

A postagem do dia 26 de setembro, além de uma foto de uma moça em uma sala de estar, traz também a seguinte frase: “Comece – ironicamente – seguindo o conselho de quem deixou de te amar. Cuide de você.” Após não termos obtido sucesso em localizá-la dentro da obra de Caio, partimos para a pesquisa no *site Google*. Lá, localizamos uma publicação de uma página do *Facebook* chamada “Plágio não”⁵¹. Nela, os(as) administradores(as) listam frases que não seriam de Caio e que são atribuídas, costumeiramente, a ele. Dentre elas a frase da postagem em análise. Segundo informação da página, trata-se de uma frase do escritor gaúcho Gabito Nunes. A livre circulação de conteúdo e a falta de necessidade de informar corretamente a autoria criam esse fenômeno: textos que não são de um autor facilmente são confundidos com os deles.

Gabito Nunes faz parte de outro fenômeno: escritores que iniciaram divulgando seus textos através de *blogs* e, somente depois, publicaram livros físicos. Além dele, citamos Clara Averbuck e Juliana Cunha, escritoras que também iniciaram a carreira literária virtualmente.

⁵¹<https://www.facebook.com/plagionao/posts/285833928152857>. Acesso em 30 dez 2015.



Ilustração44: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 26/09/2015. Fonte: *Facebook*.

A partir da análise das 14 postagens acima, podemos, a essas alturas, tecer algumas considerações sobre o funcionamento da grande maioria das publicações:

a) apresenta, em geral, uma foto de um casal heterossexual acompanhando um trecho ou frase. A questão da homossexualidade presente na obra de Caio parece ignorada, uma vez que casais homoafetivos não encontram representatividade nas imagens selecionadas.

b) a página parece ter criado uma nova identidade para o escritor a partir do momento em que seleciona frases ou textos românticos ou otimistas. Assim, aquele que conhece Caio somente através dessa página pode nutrir a ideia de que suas narrativas são compostas de frases de amor ou com mensagens de otimismo.

c) a questão da autoria não parece central para aqueles que administram a página e seus seguidores.

A seguir, analisaremos as nove postagens que trazem frases ou trechos da obra de Caio, com o intuito de compreender como a inserção do autor funciona na página selecionada.



Ilustração45: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 16/08/2015. Fonte: Facebook.

Na postagem do dia 16 de agosto não há fotos, apenas quatro frases: “Quem procura não acha. É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado.” Embora na publicação não conste de que livro de Caio elas foram retiradas, ao realizarmos uma pesquisa localizamos as frases como parte de uma carta escrita por ele ao amigo e jornalista José Márcio Penido, publicada posteriormente no livro *Caio Fernando Abreu: Cartas* (2002), organizado por Ítalo Moriconi.

Nela, Caio responde a Penido a respeito de criação literária. Aparentemente o amigo está encontrando dificuldades. Através dos conselhos dados a ele, podemos conhecer um pouco mais do processo criativo de Caio:

E ler, ler é alimento de quem escreve. Várias vezes você me disse que não conseguia mais ler. Que não gostava mais de ler. Se não gostar de ler,

como vai gostar de escrever? Ou escreva então para destruir o texto, mas alimente-se. Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento decisivo é o dedo na garganta. E eu acho — e posso estar enganado — que é isso que você não tá conseguindo fazer. Como é que é? Vai ficar com essa náusea seca a vida toda? E não fique esperando que alguém faça isso por você. Ocê sabe, na hora do porre brabo, não há nenhum dedo alheio disposto a entrar na garganta da gente. (ABREU apud MORICONI, 2002, p.519)

O trecho, ao ser retirado do contexto da carta, perde o contexto em que foi escrito. Esse recorte, por si só, pode remeter a inúmeras significações, no entanto só aqueles que têm acesso à carta compreendem de maneira mais ampla a frase e o significado dela dentro do entendimento de Caio sobre seu próprio processo de escrita. Essa informação se perde em decorrência da fragmentação apresentada na postagem, embora ela possa ser valiosa para aqueles que têm o desejo de conhecer o contexto da frase ou para os que têm interesse em conhecer mais a fundo o obra de Caio. A falta dela, no entanto, não parece afetar a recepção do trecho, uma vez que ele recebeu 3249 curtidas e 302 compartilhamentos, além de 39 comentários.



Ilustração46: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 22/08/2015. Fonte: Facebook.

A postagem do dia 22 de agosto apresenta, além de uma foto, uma frase que faz parte da obra de Caio Fernando, embora não haja essa referência na publicação. Trata-se de uma passagem retirada do conto “Os sobreviventes” do livro *Morangos mofados* (1982).

“Os sobreviventes” representa toda uma geração que viveu a contracultura. Nele, as personagens buscam sobreviver num mundo no qual as utopias não se concretizaram. Trata-se de dois amigos que se conhecem desde a infância e, por isso, compartilhavam as mesmas ideologias que agora parecem terem deixado de existir. Desse modo, vemos na narrativa as perturbações da juventude transgressora da década de 70. Além da questão política que permeia o conto, há toda uma questão humana quando fala sobre sexualidade e individualidade. As personagens são solitárias, inseguras, instáveis que buscam lidar com suas frustrações ideológicas.

“Podia ter dado certo entre a gente, ou não, eu nem sei o que é dar certo.” Essa é a frase do conto que aparece na postagem. Como podemos notar, fora do contexto, reduz significativamente todo o enredo do conto. Assim, temos apenas uma frase bonita, relacionada exclusivamente aos relacionamentos – o que é reforçado através da foto de um casal que foi usada na publicação.

O fato de ser, verdadeiramente, um trecho de Caio não parece alterar a norma geral da página, uma vez que a postagem recebeu 1357 curtidas e 48 compartilhamentos, números superados em outras postagens que não eram compostas por frases de Caio Fernando Abreu. Nos comentários não há qualquer referência ao conto, somente opiniões a respeito da frase postada. O que reforça a ideia de que as frases serem ou não de Caio não muda a impressão, ou melhor, a repercussão que recebe pelos(as) seguidores(as) da página.

Depois de dezenas de postagens, a do dia 12 de setembro, coincidentemente data de nascimento de Caio, é de sua autoria. Trata-se das duas últimas frases da crônica “Paisagens em movimento”, publicada em 29 de julho de 1995 no jornal *Zero Hora* e posteriormente no livro *Pequenas epifanias* (1996): “Coisas belas, coisas feias: o bom é que passam, passam, passam. Deixa passar.

A temática da crônica são as viagens, ou melhor, a paixão de Caio por viajar e conhecer novos lugares. Como vimos anteriormente, a condição de viajante, de estrangeiro sempre fez parte da vida e, conseqüentemente, da obra do escritor. No entanto, nessa crônica o autor explicita sua predileção pelas rotas feitas por terra,

que permitem apreciar a paisagem pela janela. Mesmo quando não é possível, opta por sentar-se à janela no avião. Segundo ele, essa é uma característica das pessoas que “gostam de ver”.

A crônica fala da importância para o autor de viajar, além de citar alguns lugares que já visitou, no entanto, pela maneira como foi recortada nessa postagem torna-se impossível estabelecer uma conexão com sua temática. Ainda assim, a publicação recebeu mais de 1300 curtidas, 185 compartilhamentos e 3 comentários. A respeito desses últimos, é curioso notar que no primeiro comentário que aparece na postagem, a pessoa dirige-se diretamente a Caio, com o vocativo “Ô Caio” e desejando-lhe um “bom sabadão”. A partir desse comentário, podemos supor que esse seguidor crê que Caio ainda está vivo e é ele mesmo quem posta e administra a página em questão. Em resposta ao comentário não há qualquer tipo de esclarecimento.



Ilustração47: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 12/09/2015. Fonte: Facebook.



Ilustração48: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 13/09/2015. Fonte: Facebook.

A postagem do dia 13 de setembro é um trecho retirado da carta enviada a José Márcio Penido em 02 de novembro de 1990: “Não sei, deixo rolar. Vou olhar os caminhos, o que tiver mais coração, eu sigo.” Nela Caio, conta novidades, fala da semana passada na casa dos pais em Porto Alegre e seu desejo de retornar para a capital gaúcha algum dia. Mais uma vez Caio fala sobre seu processo criativo, dessa vez ao escrever o romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990):

Dulce Veiga foi um livro que carreguei na cabeça e no coração durante 13 anos, e segurei pelos cabelos durante um ano de trabalho duro. Até hoje não sei como consegui escrevê-lo numa Hermes Baby. Foram umas duas mil páginas para tirar pouco mais de 200. Resultado: desvio de coluna. Não me queixo, não. Cada vez mais literatura para mim é como aquele tipo de escultura em pedra bruta. Dentro da pedra há uma forma, que você precisa localizar e tirar a golpes de formão. No braço, no muque. Quando cheguei à frase final — que já existia desde que escrevi a primeira — tive uma crise de choro de quase uma hora. Meio exaustão, meio orgasmo, meio não sei o quê. Só repetia, na terceira pessoa. Caio F. Caio F. você conseguiu. (ABREU apud MORICONI, 2002, p.190)

Contudo, a postagem não nos permite saber todas essas informações. Na publicação a frase funciona como uma espécie de aforismo, criado a partir da maneira como os(as) administradores(as) manipularam o texto.



Ilustração49: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 14/09/2015. Fonte: *Facebook*.

A postagem do dia 14 de setembro mostra a imagem de duas moças pulando no meio da rua. A frase que serve de legenda para a foto faz parte da crônica “Um presente lindo para São Paulo”, publicada em 17 de outubro de 1993 n’*O Estado de S. Paulo* e posteriormente na coletânea *A vida gritando nos cantos* (2012) – “Como dizia Voltaire: ‘Resolvi ser feliz porque é melhor para saúde.’ Na crônica, o escritor fala sobre a inauguração do Espaço Banco Nacional de Cinema em São Paulo. Com esse mote, reflete sobre cinema e afirma que a sétima arte possui um poder salvador.

Ao lermos a frase retirada do contexto da crônica, é impossível relacionarmos ao cinema; apenas uma mensagem de otimismo é ressaltada, criada a partir do

recorte que é dado pelos(as) administradores(as). A publicação recebeu mais de 4000 curtidas, 880 compartilhamentos e 23 comentários.



Ilustração50: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 15/09/2015. Fonte: *Facebook*.

A postagem do dia 15 de setembro mostra a foto da silhueta de um casal se abraçando na praia. Junto dela, uma fala do conto “O rato” do livro *O inventário do irremediável* (1995): “O meu dia só existe por que você existe dentro dele”. Não há qualquer outra informação que nos remeta ao conto, nem há comentários que questionem de que livro a frase foi retirada. Dessa maneira, dificilmente, através da página, seja possível para alguém que não tenha lido o conto, conhecê-lo. A frase se dissolve no meio de tantas postagens que não são de autoria de Caio.



Ilustração51: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 27/09/2015. Fonte: Facebook.

No dia 27 de setembro – além da foto de um casal – temos a seguinte frase: “Não quero nunca mais me perder de você.” Trata-se de uma carta escrita à amiga e médica Vera Antoun em 04 de janeiro de 1973. Nela, Caio conta as novidades e pede a amiga:

*Não quero nunca me perder de você, nem preciso dizer isso porque você sabe que um Virgem e um Touro não se perdem mesmo — é astralmente impossível. Portanto, mesmo que você cometa a vileza de me deixar sem resposta, num outro de repente a gente se encontra numa esquina, numa praia, num outro planeta, no meio duma festa ou duma fossa, no meio dum encontro a gente se encontra, tenho certeza. (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.429 grifo nosso).*

Como podemos notar, a frase que serviu para a publicação faz parte de um contexto maior. As referências astrológicas tão comuns na obra de Caio, aparecem na carta. Assim, ao utilizar a frase de maneira “solta” perde-se muito, embora ainda seja possível compreender seu sentido.



Ilustração52: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 28/09/2015. Fonte: Facebook.

Novamente, a postagem utiliza o trecho de uma carta a Vera Antoun, dessa vez datada de 09 de julho de 1974. Nela, Caio fala de seus sentimentos:

Para me dar força, escrevi no espelho do meu quarto: “Tá certo que o sonho acabou, mas também não precisa virar pesadelo, não é?” E o que estou tentando vivenciar. Certo, muitas ilusões dançaram — mas eu me recuso a descreer absolutamente de tudo, eu faço força para manter algumas esperanças acesas, como velas. Também não quero dramatizar e fazer dos problemas reais monstros insolúveis, becos-sem-saída. *Nada é muito terrível. Só viver, não é? A barra mesmo é ter que estar vivo e ter que desdobrar, batalhar um jeito qualquer de ficar numa boa.* O meu tem sido olhar pra dentro, devagar, ter muito cuidado com cada palavra, com cada movimento, com cada coisa que me ligue ao de fora. Até que os dois ritmos naturalmente se encaixem outra vez e passem a fluir. Porque não estou fluindo. Cada coisa é nova, é um choque que me balança. (ABREU apud MORICONI, 2002, p.474)

Mais uma vez, embora entendamos o sentido das frases soltas, notamos que muito dos significados perdem-se ao descontextualizá-las. Nos comentários é possível, mais uma vez, observar que alguns seguidores referem-se a Caio como se

fosse o mesmo que postasse na página, isso ocorre nos dois comentários em destaque.

A última postagem do mês de setembro é o trecho de uma carta ao seu pai, Zaél Abreu, datada de 15 de maio de 1980: “Eu acho que a gente não deve perder a curiosidade pelas coisas: há muitos lugares para serem vistos, muitas pessoas para serem conhecidas. Tudo isso estimula a gente, clareia a cabeça, refresca”. Nela, o filho convida seus pais para passarem um tempo com ele em São Paulo:

Talvez o senhor não tenha vontade de sair — mas será que não vale a pena um esforço? Às vezes a gente vai-se fechando dentro da própria cabeça, e tudo começa a parecer muito mais difícil do que realmente é. *Eu acho que a gente não deve perder a curiosidade pelas coisas: há muitos lugares para serem vistos, muitas pessoas para serem conhecidas. Tudo isso estimula a gente, clareia a cabeça, refresca.* Por que não? (ABREU *apud* MORICONI, 2002, p.25)

Caio Fernando Abreu
30 de setembro de 2015 · 🌐

Eu acho que a gente não deve perder a curiosidade pelas coisas: há muitos lugares para serem vistos, muitas pessoas para serem conhecidas. Tudo isso estimula a gente, clareia a cabeça, refresca.

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

1.338 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

335 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Precisamos clarear a cabeça Bárbara heheheh

👍 Curtir · Responder · 🗨️ 2 · 28 de outubro de 2015 às 12:18

👇 2 Respostas

Verdade! assim que eu penso!

👍 Curtir · Responder · 🗨️ 1 · 1 de outubro de 2015 às 13:34

Ver mais 10 comentários

Ilustração53: Postagem da página “Caio Fernando Abreu” 30/09/2015. Fonte: Facebook.

Todo o contexto da carta é perdido pelo uso de apenas algumas frases. Ainda assim, mesmo “soltas” elas fazem sentido para a pessoa que postou e para milhares de outras que interagiram de alguma maneira com a publicação.

Sobre essa etapa podemos ressaltar a fragmentação presente nas postagens, embora as frases ou trechos publicados possuam sentido, a falta do contexto reduz consideravelmente suas significações. A falta de informação sobre a obra de onde a frase ou trecho foi retirado também impede que os usuários venham a conhecê-la em sua integridade. Dessa maneira, a divulgação da obra de Caio parece prejudicada.

Após essa análise, foi possível entender de que maneira a literatura de Caio Fernando Abreu aparece nessas páginas, bem como refletir sobre algumas questões referentes à nova maneira de ler. Nosso objetivo não é generalizar, não podemos afirmar que todas as páginas dedicadas a Caio tenham a mesma dinâmica de postagem e interação das duas analisadas, mas sim, a partir delas, observar como se dá o uso da literatura de Caio nesses dois veículos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eleger a *internet*, mais especificamente, o *Facebook* como *corpus* da pesquisa não foi tarefa fácil, uma vez que estamos lidando com um objeto dinâmico, amplo e de uma diversidade incontestável. No entanto, embora tenhamos limitado consideravelmente o campo de pesquisa, ainda estávamos diante de um objeto demasiado amplo.

Por esse motivo iniciamos conhecendo os caminhos que nos aguardavam. Dessa maneira, na etapa da qualificação, nos aprofundamos nas possibilidades disponíveis pela rede social, investigando de que maneira os usuários as utilizavam a fim de difundir e compartilhar a literatura de Caio.

Nesse período, notamos que as páginas ou *fanpages* nos ajudariam a compreender melhor essa dinâmica, especialmente pelo seu alcance e a maneira como nos possibilitariam monitorar postagens, compartilhamentos e comentários.

Assim, o passo seguinte foi definir quais delas seriam investigadas, uma vez que, inicialmente, ao digitarmos as palavras-chave “Caio Fernando Abreu” nos deparamos com cerca de 22 páginas dedicadas ao escritor gaúcho. Dois critérios nos nortearam nesse momento, o primeiro deles a certeza de que nossa amostra deveria ser qualitativa, ou seja, teríamos que ter espaço para analisar individualmente um número considerável de postagens. Por isso, elegemos dentro do nosso cronograma de pesquisa os meses de agosto e setembro de 2015. Posteriormente, pelo tamanho do estudo, optamos por analisar a primeira postagem de cada dia dos meses selecionados, na primeira página selecionada. A análise da segunda página se deu através de um levantamento das postagens que traziam frases ou trechos de Caio e aquelas que não. Para a partir dela, compreendermos o funcionamento da página. Traçamos essa estratégia na intenção de manter viável a análise individual de cada publicação, pois cremos que assim conseguiríamos compreender de maneira mais abrangente como as postagens se dariam em cada dia.

O segundo critério foi o de abrangência; por esse motivo escolhemos a maior página do *Facebook* dedicada ao escritor – contando com mais de 650.000 curtidores e outra que fosse menor em número de curtidores, na intenção de compará-las. Interessava-nos observar se a página com maior alcance, obrigatoriamente, trazia mais trechos e frases de autoria de Caio que a de menor.

Enfim, ao conhecermos mais profundamente as duas páginas, descobrimos que essa máxima não se cumpriu. Embora a primeira página analisada tenha tido um alcance muito inferior à segunda, o que a diferenciou foi justamente a maneira de lidar com o material literário. Nela, todas as postagens analisadas são comprovadamente da autoria de Caio. Embora não haja indicação das fontes dos textos, em cada publicação consta o respectivo título, o que acreditamos contribuir para que mais pessoas conheçam a obra do escritor.

A escrita passional e impactante de Caio, ao tratar de temas como solidão e a busca do amor, parece ser elemento determinante de sua adesão pelos frequentadores das redes sociais. Por esse motivo, a vontade de responder à pergunta “o que você está pensando?” do *Facebook* parece satisfeita com a seleção de algum trecho do autor.

Embora suas obras tenham sido escritas nas décadas de 60, 70 e 80 - os tempos mais pesados da ditadura militar que o Brasil viveu e, tendo o autor sofrido influência direta dessas condições históricas -, a maneira como se atem às características psicológicas e sociais das personagens parece não só satisfazer àqueles de sua geração, como também à nova geração conectada. A prova disso são, justamente, as inúmeras páginas, grupos, perfis dedicados ao autor no *Facebook*.

Segundo defende a professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012):

Ao interromper suas atividades e abrir um romance, o leitor busca, de alguma maneira, conectar-se à outras experiências de vida. Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. [...] Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. (2012, p.147)

Embora na era digital o processo seja um pouco diferente, o leitor interrompe sua navegação e concentra-se em uma leitura. Dessa maneira, a busca em conectar-se com outras experiências de vida, descrita por Dalcastagnè (2012), continua presente. A leitura ainda está lá, embora agora fragmentada e proporcionada por outros meios que não só o livro. No momento que alguém interage com a postagem está afirmando que aquilo que foi lido fez sentido para si, deve ser “curtido”, compartilhado e comentado. Essa é a maneira, nos tempos pós-

modernos, de indicarmos que a leitura de um trecho nos alcançou, nos tocou de alguma maneira.

No que tange à literatura, esses valores refletem diretamente na questão da autoria. Trata-se de um ponto central quando o assunto é Caio Fernando Abreu nas redes sociais. Muitas das frases que circulam no *Facebook* como sendo de sua autoria na verdade não são. A confusão se dá, essencialmente pelo fato de que muitas delas são compartilhadas sem as devidas fontes. Diferentemente da experiência do livro, onde localizamos determinado trecho ao folharmos ou através do número da página, na rede social essa “comprovação” não existe. Assim, aqueles que não estão familiarizados com a obra do autor acreditam que se trata de um trecho de um livro seu apenas pela vontade que assim o seja. Já aqueles que conhecem sua escrita podem “conferir” a autoria da frase manuseando seus livros e lá localizando (ou não) aquilo que foi postado. Pelo grande número de frases que circulam atribuídas a Caio de maneira errônea, é possível concluir que nem todos(as) os(as) compartilhadores(as) desses conteúdos, ou mesmo criadores(as) de páginas dedicadas ao autor, são seus(as) leitores(as).

A circulação de trechos dados como de sua autoria nas redes virou, inclusive, para alguns, motivo de piadas. No *Facebook* há uma comunidade com mais de 13 mil “curtidore” que se chama “Frases que não são de Caio Fernando Abreu”⁵². Já na descrição da página nos deparamos com a seguinte frase: “Porque Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector e Tati Bernardi não escreveram todos os livros da humanidade.”.

Não ignoramos que a cultura da fragmentação pode levar o leitor a desconhecer a obra completa de um autor. No entanto, pendemos mais por acreditar que, mesmo entrando em contato com a obra dessa maneira, ela pode suscitar curiosidade e levar o leitor a buscá-la na sua integralidade. Esta seria uma pesquisa de campo a ser desenvolvida em outra oportunidade.

Em 1925, a escritora britânica Virgínia Woolf de certa forma anunciava o que ocorre nos tempos atuais no livro *O leitor comum*:

É uma época de fragmentos. Algumas poucas estrofes, algumas poucas páginas, um capítulo aqui ou ali, o início desse romance, o final daquele, são equivalentes ao melhor de qualquer outra época ou autor. Mas podemos caminhar para a posteridade com um feixe de páginas soltas, ou

⁵²<https://www.facebook.com/frasesquenaosaocaio> Acesso em: 26 maio 2015.

pedir aos leitores daqueles dias, com o conjunto da produção literária à frente, para peneirar em nosso enorme monte de entulhos minúsculas pérolas? (2007, p.107-108)

Embora a escritora esteja falando sobre a falta de grandes clássicos, identifica-se a mesma dinâmica de fragmentação presente na contemporaneidade, identificada no foco deste trabalho.

Não se trata, necessariamente, de uma característica ruim, no entanto, essa dinâmica nos alerta sobre uma nova maneira de consumir literatura e para a importância do leitor nessa configuração, pois como defende Sartre (1989): “Em resumo, a leitura é criação dirigida. De fato, por um lado o objeto literário não tem outra substância a não ser a subjetividade do leitor.” (1989, p.38)

É de fato a essa subjetividade do leitor que as postagens chamam; num primeiro momento à subjetividade daquele que as seleciona e posta; em um segundo, daquele que as recebe em sua *timeline* e interagem com ela da maneira que lhe faz mais sentido, seja somente lendo, seja comentando, curtindo ou compartilhando. O que não se pode mais negar é que há sim um processo de leitura, diferente, talvez, daquele que estamos habituados, mas presente e importante de ser desvelado.

Outra questão que influencia nesse processo é a interferência dos(as) administradores(as) das páginas, uma vez que são eles que definem o que será lido e em que momento. Por exemplo, o fato de selecionarem exatamente um trecho de um conto, e não qualquer outro das páginas que o compõem, não é justificado de nenhuma maneira; não há pistas que nos indiquem o porquê dessa escolha. Segundo Johnson (1999):

Nenhuma forma subjetiva atua, jamais, por conta própria. Tampouco podem as *combinações* ser preditas por meios formais ou lógicos, nem mesmo a partir de análise empírica do campo do discurso público, embora, naturalmente, isto possa sugerir hipóteses. As combinações advêm, em vez disso, de lógicas mais particulares – a atividade estruturada da vida, em seus lados objetivos e subjetivos, de leitores ou grupos de leitores: suas localizações sociais, suas histórias, seus interesses subjetivos, seus mundos privados. (1999, p.88-89)

No entanto, analisar a postagem sem essas pistas nos serve de exercício para que possamos buscar compreender a maneira como a literatura é utilizada na contemporaneidade, conforme afirma Johnson (1999): “Ao apreender algo da contemporaneidade e dos ‘efeitos’ combinados dos diferentes sistemas de

representação, esperamos também chegar mais perto da experiência mais cotidiana de ouvir, ler e ver.” (1999, p.74). Ao analisarmos as postagens, buscamos nos aproximar da maneira como a literatura é consumida na era digital. Conforme afirma Jauss (1993): “A obra literária não é um objeto existente em si mesmo, oferecendo a cada observador, em cada momento, a mesma aparência.” (1993, p.62). Assim, cada pessoa que produz uma postagem, bem como aquelas que interagem com ela, o fazem por motivos diversos e estritamente pessoais.

Conforme afirma Chartier (1999) sobre o texto eletrônico: “Hoje, com as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a reescrituras múltiplas, são os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos que veem colocados em questão.” (1999, p.49)

Essa nova maneira de utilizar a literatura permite uma intervenção infinita do leitor, a partir do momento que é ele quem (re)organiza o texto da maneira que melhor lhe parece assim, conforme Chartier (1999): “O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro.” (1999, p.88-91). Isso é o que vemos na maneira como o texto é recortado e apresentado ao público, que, por sua vez, o aceita da maneira que o recebe. Não há sequer um questionamento sobre o texto completo ou a fonte exata do trecho publicado.

No caso do nosso estudo, é notável que estamos lidando com outras convenções e outros hábitos de leituras que por si só carregam novos rituais. Cabe a nós, como pesquisadores, buscar entender essas novas formas de leitura e a mesma legitimidade dos hábitos de leitura com os quais estávamos habituados. Embora, a princípio, possa surgir alguma espécie de desconforto, é nossa obrigação entender os novos usos da literatura, uma vez que, conforme Chartier (1999), as significações do texto são construídas pelo leitor a partir de seus próprios códigos de leitura. Dessa maneira, ele recebe ou se apropria do texto de forma determinada.

Segundo afirma Chartier (2014), estamos lidando com duas lógicas distintas: a do livro impresso e a da leitura diante do computador:

Donde resulta uma interrogação sobre a tensão entre duas lógicas. A lógica, ao mesmo tempo intelectual e material, do livro impresso, que faz com que as obras sejam reconhecidas na sua coerência e identidade própria, e a lógica, cultural, da textualidade numérica que convida à livre recomposição de fragmentos obtidos em bancos de dados numéricos, qualquer que seja a sua natureza. (2014, p.13)

Os seguidores das páginas parecem sentir-se satisfeitos em conhecer ou reler, por exemplo, apenas o primeiro parágrafo de uma crônica e não inteira, ou mesmo o livro da qual ela faz parte. Ao analisar a diferença de um livro impresso e um eletrônico Chartier (2014) reflete que: “Mesmo que nenhum leitor seja obrigado a ler todas as páginas de um livro impresso, a forma material dele impõe a percepção da totalidade do texto aí contido.” (2014, p.12-13). Nesse caso, a falta de contato com o livro impresso não permite essa percepção de totalidade do texto apontada pelo autor, no entanto esse fato não impede que o parágrafo seja lido e “curtido”, ou seja, é inegável que essas pessoas estão em contato com o texto e atribuindo a ele sentido, só que agora de uma maneira diferente.

Então, dentro desse contexto, compreendemos, mais uma vez a total liberdade que o leitor/navegador possui e nos aproximamos da reflexão de Johnson (1999) sobre a importância de:

Tratar a leitura não como recepção ou assimilação, mas como sendo, ela própria, um ato de produção. Se o texto todo é o material bruto dessa prática, nós encontramos, outra vez, todos os problemas dos limites textuais. O isolamento de um texto, com vistas a uma análise acadêmica, é uma forma muito específica de leitura. De forma mais cotidiana, os textos são promiscuamente encontrados; eles caem sobre nós de todas as direções, através de meios diversificados e coexistentes e em fluxos que têm diferentes ritmos. Na vida cotidiana, os materiais textuais são complexos, múltiplos, sobrepostos, coexistentes, justapostos; em uma palavra, “intertextuais”. [...] (1999, p.88-89)

A partir dessa reflexão, é possível resgatarmos a descrição feita por Chartier (2014) sobre o livro digital, mas que se aplica, também, ao universo *online*. Segundo o historiador, essas novas tecnologias são capazes de “abrir um mundo textual em que poderiam desaparecer as categorias antigas, um mundo de textos abertos, de obras manipuláveis, de fragmentos indefinidamente recompostos”. (2014, p.13)

Quando analisamos o objeto livro, dentro das diversas possibilidades que ele nos propõe nos movimentamos como leitores, no entanto, não estamos envolvidos, de maneira geral, em como a obra age subjetivamente em outros leitores. Podemos estudar a recepção da obra, através de pesquisas de mercado, número de edições ou questões mercadológicas de maneira geral, porém, da subjetividade do leitor, estamos, geralmente, distantes. No caso desta pesquisa, a percepção dos outros leitores é importante para que possamos nos aproximar do entendimento da maneira como a literatura de Caio aparece na rede. Segundo Resende (2008):

Como disse o teórico da crítica da cultura, de artes plásticas e literatura Andreas Huyssen, em ensaio fundador, o pós-modernismo passa a operar “num campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa e grande arte”, o que já indicaria o convívio de diferenças também na literatura. (RESENDE, 2008, p.18)

Por vezes, a falta dessas informações parece não intrigar ou incomodar aqueles que seguem a página, uma vez que a experiência de leitura é subjetiva e livre. Conforme postula Chartier (1999):

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. (1999, p.77)

O fato de voltarmos à postagem mais de um mês depois e notarmos os seus resultados, prova que estamos lidando com um material literário altamente mutável, uma vez que a rede não para, e as possibilidades de interação seguem diariamente e de maneira crescente. Acreditamos que essa seja a especificidade central do nosso trabalho, uma vez que estamos diante de uma nova maneira de consumir literatura. Analisar a literatura a partir da maneira como as pessoas interagem com ela na rede social é um exercício diferente daquele a que estamos acostumados, uma vez que estamos lidando com um objeto “móvel”, pois além de fragmentado, ele nos permite uma série de hipóteses a respeito da motivação da postagem de um trecho, e não de outro, e dos motivos que fazem oscilar a intensidade da interação dos seguidores com cada postagem.

Mesmo que a segunda página analisada, conforme descrevemos, seja a maior dedicada ao escritor, constatamos que ela possivelmente contribui pouco para divulgar a obra de Caio. Trata-se, na verdade, de uma apropriação de seu nome, uma vez que a maioria das postagens não trazem textos de autoria do escritor. Entendemos que com a abrangência da página, o nome de Caio torna-se popular, mas pelo fato de os textos divulgados não serem de sua autoria, não torna, necessariamente, popular a sua obra.

Desse modo, acreditamos que essa “apropriação” se dá pelo prestígio alcançado por Caio, que, mesmo vinte anos após sua morte, segue recebendo novas edições de suas obras. Em pesquisa realizada no *site* da Livraria Cultura, uma das maiores do Brasil, verificamos que a partir de 2010 – ano de criação do primeiro perfil pesquisado, enquanto o segundo foi criado em 2012 – novas edições foram lançadas, incluindo versões digitais. Foram elas: *Whatever heppened to Dulce Veiga?*, livro digital importado de 2010; *Caio Fernando Abreu*– fragmentos, livro de bolso de ano 2011; *A vida gritando nos cantos*, reunião de crônicas inéditas do período de 1986 a 1996 organizada por Ítalo Moriconi de 2011, versão digital; *Was geschah wirklich mit Dulce Veiga?*, tradução do alemão do romance *Onde andaré Dulce Veiga?*, versão digital de 2013; *As frangas*, versão digital de 2013; *Morangos mofados*, versão digital de 2014; *Caio Fernando Abreu - O essencial da década de 1980*, versão digital de 2014; *Pequenas epifanias*, versão digital de 2014; *A comunidade do arco- íris*, peça teatral, versão digital de 2014; *Pedra de Calcutá*, versão digital e física de 2014; *Caio Fernando Abreu – O essencial da década de 1970*, versão digital e física de 2014; *Caio Fernando Abreu – O essencial da década de 1980*, versão digital e física de 2014; *Caio Fernando Abreu – O essencial da década de 1990*, versão digital e física de 2014; *Os dragões não conhecem o paraíso*, versão digital e física de 2014; *Limite branco*, versão digital e física de 2014; *Onde andaré Dulce Veiga?*, versão digital e física de 2014; a coletânea *O melhor de Caio Fernando Abreu* de 2015; *Morangos mofados* de 2015;

A partir desse levantamento podemos concluir que a obra de Caio continua circulando e conquistando, cada vez mais, seu espaço no mercado editorial. Uma das causas possíveis para esse sucesso, arriscamos apontar, é a grande notoriedade que o escritor ganhou nas redes sociais. Caio tornou-se um escritor de sucesso, parece que, enfim, seu desejo foi realizado: “Querida que alguém me amasse por alguma coisa que escrevi.” (ABREU *apud* DIP, 2009, p.16)

As redes sociais são baseadas na popularidade, assim perfis, páginas e grupos criam conteúdos na espera de conquistar mais seguidores e curtidores. Com esse intuito parece mostrar-se a segunda página pesquisada. Embora apresente poucos trechos retirados da obra de Caio, ela parece visar a atenção de mais usuários utilizando o nome do escritor gaúcho. Afinal, estamos falando de um escritor que teve seu romance *Onde andaré Dulce Veiga?* transformado em filme, foi personagem central de dois documentários – *Para sempre teu, Caio F.*, de Candé

Salles e *Sobre sete ondas verdes espumantes* de Bruno Polidoro e Cacá Nazario -, assim como diversas obras premiadas.

Ainda que se debruce na imagem de Caio a fim de aumentar sua popularidade entre os usuários do *Facebook*, a página parece criar uma nova identidade para o escritor. Isso ocorre, por exemplo, quando são selecionadas imagens de casais heterossexuais, bem como mensagens que não são de autoria de Caio. A consequência mais provável dessa prática é que aqueles que passem a conhecer Caio Fernando Abreu apenas através dessa página do *Facebook* podem crer que os temas que frequentam a obra de Caio são apenas esses: conflitos envolvendo relacionamentos heterossexuais.

Antes de realizarmos essa pesquisa, acreditávamos que as pessoas que curtiam uma página dedicada ao escritor, conheciam minimamente sua obra, mas notamos que muitas delas a desconhecem por completo, acreditando que todas as frases e trechos postados sejam de Caio e mais: muitas vezes creem que é o próprio autor que gerencia a página. Essa constatação pode ser observada, por exemplo, nos comentários que se dirigiam diretamente ao escritor, como no caso do usuário que desejou a Caio um “ótimo sabadão”, ou a seguidora que declarou “sou sua fã Caio Fernando Abreu, seu sorriso me encanta”. A partir desses comentários, podemos notar que as pessoas desconhecem o autor, ou melhor, o conhecem a partir da imagem, da identidade criada pelos(as) administradores(as) da página.

Dessa forma, ao compararmos as duas páginas notamos dois fenômenos distintos: a difusão da obra de Caio e a apropriação de seu nome, possivelmente, a fim de aumentar a popularidade de uma página.

Esse campo de estudo mostrou-se profícuo, muitos aspectos poderiam ser analisados, embora estejamos satisfeitos com o resultado final dessa análise, entendemos que ela pode servir como mote para mais estudos dentro dessa área.

Sabemos que ler Caio Fernando Abreu assim “avulso” não é a mesma experiência de o ler inserido no conto ou na obra inteira. Entendemos que o trecho dentro do contexto do conto pode gerar outras significações e, em muitos casos, o conto dentro do conjunto do livro outras mais, no entanto, não é possível ignorar que aqueles que o leem através do *Facebook* têm, sim, uma experiência de leitura. De maneira otimista entendemos que esse movimento possa gerar curiosidade para o aprofundamento na obra do escritor, que conquistaria, assim, novos leitores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Limite Branco**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

_____. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: Globo, Instituto Estadual do Livro, 1975.

_____. **Pedras de Calcutá**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

_____. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Versão digital, disponível em: www.livros.site/book/baixar-livro-os-dragoes-nao-conhecem-o-paraizo-caio-fernando-abreu-em-pdf-epub-e-mobi/

_____. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Edigraf Ltda., 2012.

_____. **O essencial da década de 1970**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. **Morangos Mofados**. Versão digital, disponível em <http://copyfight.me/Acervo/livros/ABREU,%20Caio%20Fernando%20-%20Morangos%20mofados.pdf>.

_____. **Triângulo das águas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986-1996)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos Culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.41, n.3, p.11-22, setembro, 2006.

BORGES, Camila Dias. **Bela Lugosi's Not Dead: O discurso e a representação de góticos no site de rede social Facebook**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.

CANTARELLI, Ana Paula. **Idas e vindas ao Passo da Guanxuma: A relação entre espaço ficcional e memória na obra de Caio Fernando Abreu**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. O destino da leitura: entrevista. [outubro, 2014]. São Paulo: **Revista Língua Portuguesa**, ano 9, número 108. Entrevista concedida a Justino Magalhães, tradução de Mariana Gomes da Costa.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSTA, Amanda Lacerda. **360 graus: uma literatura de epifanias: o inventário astrológico de Caio Fernando Abreu**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DALCASTANGÈ, Regina. **Literatura contemporânea: um território contestado**. Vinhedos: Editora Horizonte, 2012.

DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.** – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FERREIRA, Carlos André. **Onde andaré Dulce Veiga?: a representação da AIDS e do mal-estar do sujeito na obra de Caio Fernando Abreu**. 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JAUSS, Hans Robert. **História da Literatura como provocação literária**. Editora Passagens, 1993.

JASINSKI, Isabel. Simulações do mistério: olhar orquestrador de vozes em Onde andaré Dulce Veiga? Empreendimento romanesco de uma voz brasileira. In: **Revista Letras**, Curitiba, n. 53, p. 109-123. jan./jun. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/18863/12178> .

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MAGRI, Milena Mulatti. Sujeito, cidade e experiência urbana em Caio Fernando Abreu. **Revista de Estudos Literários Terra Roxa e Outras Terras**, Londrina, v. 12, p. 100-101, jun. 2008. Disponível em:

http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12j.pdf

MORICONI, Italo (org.). **Caio Fernando Abreu: Cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. Corpo, memória e AIDS na obra de Caio Fernando Abreu. In: **Bagoas**. Revista de Estudos gays. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: EDUFRN, 2007, n. 3, 2009, p. 115-126. Disponível em:

http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art06_oliveira.pdf.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Revista Verso e Reverso**, XXVIII(68), maio-agosto 2014, pp. 114- 124. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06>

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneo: Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI**. Rio de Janeiro: Casada Palavra, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**São Paulo: Ática, 1989.

STORTO, Letícia Jovelina. Emoticons: adereços às conversas virtuais?. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br.

ANEXO

The image is a screenshot of a Facebook page for a page named 'Pomba'. The browser address bar shows the URL 'https://www.facebook.com/OficialPomba?fref=ts'. The page header includes the name 'Pomba' and a search bar. The main cover image is a large crowd of pigeons. Below the cover image, there is a profile picture of a single pigeon and the page name 'Pomba' with the category 'Entretenimento'. Navigation tabs include 'Linha do Tempo', 'Sobre', 'Fotos', 'Curtidas', and 'Vídeos'. On the left sidebar, it shows '19 mil pessoas curtiram isso' and a link to a Twitter profile. The main content area features a post from 'Pomba' dated '5 de julho às 17:08' with the text 'Pruu pru pruuu' and a video of a pigeon on a soccer field. Below the video, there are 334 likes and a comment from Rafael: 'o pombo e o frango'. Another comment from 'Pomba Pruuuuu' is also visible.

Anexo 1 – página “Pomba”. Fonte: Facebook.